



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PPG-FIL – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

Dissertação para mestrado

A QUESTÃO DA VERDADE EM MARTIN HEIDEGGER

MARCORELIO FORTINI DE ANDRADE

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PPG FIL – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

A QUESTÃO DA VERDADE EM MARTIN HEIDEGGER

MARCORELIO FORTINI DE ANDRADE

Sob a orientação do Professor
Dr. Affonso Henrique Vieira da Costa

Dissertação submetida como requisito para obtenção do grau de **Mestre em Filosofia**, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Área de concentração Ontologia, conhecimento e linguagem. PPG-FIL. UFRRJ.

Seropédica, RJ
Junho de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo autor

A 553

q

Andrade, Marcorelio Fortini de, 1981-.
A questão da verdade em Martin Heidegger /
Marcorelio Fortini de Andrade. - Volta Redonda, 2023.
89 f.

Orientador: Dr. Affonso Henrique Vieira da Costa.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PPG FIL – Programa de Pós-Graduação
em Filosofia, 2023.

1. O fenômeno da verdade originária como Alétheia
em Martin Heidegger.. 2. O sentido do Ser. 3. O modo
existencial do ser-aí (*Dasein*) como ser-no-mundo. 4. A
liberdade como essência da verdade. I. Vieira da
Costa, Dr. Affonso Henrique, 1966-, orientador. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. PPG FIL
– Programa de Pós-Graduação em Filosofia III. Título

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (ICHS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – PPG-FIL**

MARCORELIO FORTINI DE ANDRADE

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Filosofia, no Curso de Pós-Graduação em Filosofia, área de Concentração em ontologia, conhecimento e linguagem.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 22/06/2023

Professor Doutor Affonso Henrique Vieira da Costa. UFRRJ
(Orientador)

Professor Doutor Gilvan Fogel. UFRJ
Membro da banca

Professor Doutor Fernando Mendes Pessoa. UFES
Membro da banca



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO, ADMINISTRAÇÃO E
CONTRATOS**

FOLHA DE ASSINATURAS

ATA Nº 6920/2023 - DeptES (12.28.01.00.00.86)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 04/03/2024 10:16)

**AFFONSO HENRIQUE VIEIRA DA COSTA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: ###793#0**

(Assinado digitalmente em 04/03/2024 10:19)

**FERNANDO MENDES PESSOA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.917-##**

(Assinado digitalmente em 04/03/2024 12:24)

**GILVAN LUIZ FOGEL
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.047-##**

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número: **6920**, ano: **2023**,
tipo: **ATA**, data de emissão: **04/03/2024** e o código de verificação: **45bb4b32d6**

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sobretudo ao Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFIL/UFRRJ), agradeço pela oportunidade, a acolhida e hospitalidade.

Ao meu prezado orientador: Professor Doutor Affonso Henrique Vieira da Costa. Gratidão por todo apoio, instrução, paciência e amizade na caminhada filosófica do mestrado.

Aos professores e gestores do PPGFIL/UFRRJ.

Aos companheiros de turma nas aulas, debates e relações no mestrado, tanto nos momentos presenciais, quanto nos encontros virtuais nas plataformas e redes sociais.

À minha família, agradeço pelo incentivo, afeto e suporte fundamentais.

Aos amigos (as) que auxiliaram de alguma maneira e amenizaram minhas angústias e desafios durante o processo de pesquisa e formação do curso, meu eterno apreço e estima.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001

ANDRADE, Marcorelio Fortini. **A questão da verdade em Martin Heidegger**. Seropédica, RJ. 2023. 88p. Dissertação de Mestrado em Filosofia (Ontologia, conhecimento e linguagem). Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPG-FIL). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ, 2023.

RESUMO

O propósito é analisar o fenômeno da Verdade originária como *Alétheia* na filosofia de Martin Heidegger. Nesse caminho aberto busca-se refletir sobre a essência da verdade entendida como ser-descobridor ou descobrimento do ente que é a partir do que está oculto na não-verdade e na natureza (*Physis*). Ao colocar a questão estampa-se no horizonte o tema da ontologia fundamental, o sentido do Ser. No entrelace do pensamento faz-se necessário apresentar a compreensão do ser-aí (*Dasein*) lançado na liberdade de poder ser nos acontecimentos fáticos e temporais da existência. O ser-aí como ser-no-mundo é projeto em construção e produtor da realidade. A arte, a poesia e a técnica são potências do poder criativo e descobridor que habita no homem e o predispõe em sua abertura a levantar um mundo de sentido para existir. Pensar a essência da verdade é entender a casa que se é na hospitalidade do Ser e meditar sobre a morada humana no intervalo entre a terra e o céu.

Palavras-chave: Ser, descobrimento, liberdade.

ABSTRACT

The purpose is to analyse the phenomenon of original Truth as *Alétheia* in Martin Heidegger's philosophy. In this open path, we seek to reflect on the essence of truth understood as being-discoverer or discovery of the entity that is based on what is hidden in non-truth and in nature (*Physis*). By posing the question, the fundamental theme of ontology, the meaning of being, is stamped on the horizon. In the interweaving of thought, it is necessary to present the understanding of the being-there (*Dasein*) launched in the freedom of being able to be in the factual and temporal events of existence. As a being-in-the-world, he is a project under construction and a producer of reality. Art, poetry and technique are powers of the creative and discovering power that inhabits man and predisposes him in his openness to raise a world of meaning to exist. To think about the essence of truth is to understand the home that one is in the hospitality of the Being and to meditate on the human dwelling in the interval between earth and heaven.

Keywords: Being, discovery, freedom.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
O FENÔMENO DA VERDADE	5
1.1 Inquirição sobre a verdade	5
1.2 Introdução ao parágrafo 44 – Filosofia, Presença abertura e verdade	7
1.3. Conceito tradicional da Verdade	10
1.4. O fenômeno originário da verdade	15
1.5. <i>Alétheia</i> - A verdade como descoberta ou descobrimento	20
SOBRE O SER-AÍ E A ESSÊNCIA DA VERDADE	24
2.1 Alusão à doutrina de Platão sobre a verdade	24
2.2 Prismas convencionais sobre a verdade	29
2.3 A essência da liberdade	33
2.4 A verdade e o deixar-ser o ente	38
2.5 A essência da verdade	40
2.6 A essência da verdade e da não-verdade	42
2.7 A verdade do Ser	47
VERDADE, ARTE E TÉCNICA COMO CRIAÇÃO	50
3.1 Seguindo o caminho da Verdade	50
3.2 A criação da arte como verdade	51
3.3 A origem da obra de arte	56
3.4 A poesia como essência da arte	60
3.5 O paradigma atual da técnica como verdade	66
3.6 A técnica moderna	70
3.7 A essência da técnica moderna e o porvir	73
3.8 Meditação sobre a obra aberta da verdade	76
CONCLUSÃO	78
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	81

A QUESTÃO DA VERDADE EM MARTIN HEIDEGGER.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação intitulada “A questão da Verdade em Martin Heidegger”, tem por objetivo questionar o fenômeno da verdade e explicitar o que é a essência da verdade. Esse propósito hermenêutico vai se fundamentar em um recorte da obra do filósofo alemão contemporâneo Martin Heidegger (1889 – 1976). A verdade é a clareira primordial para a constituição da morada do ser humano no mundo e no interstício entre o céu e a terra.

A verdade, para o filósofo em questão, vai muito além do prisma tradicional visto como correspondência ou adequação. Sua essência tem a fonte originária a partir da etimologia grega encontrada na palavra *Alétheia*. Esta, por sua vez, significa descobrimento ou des-cobrimto, desvelamento, ilatência etc. Esse conceito é decisivo e necessário para a compreensão fenomenológica sobre quem é e como é o *Dasein*, termo alemão traduzido para o português como ser-aí, ser-o-aí ou também como presença. Na escrita priorizou-se o termo ser-aí. Pensar a verdade é meditar sobre o sentido de Ser e o fundamento iluminador do mundo em que habitamos.

A pesquisa está organizada em três estágios, dialogando com os textos e passagens destacadas da filosofia de Heidegger. As principais obras estudadas foram: *Ser e tempo*, *A essência da verdade*, *A doutrina de Platão sobre a verdade*, *A origem da obra de arte*, *A questão da técnica* e *Explicações da poesia de Hölderlin*. Outros livros foram pesquisados, bem como diversos intérpretes de Heidegger citados nas referências bibliográficas.

No capítulo primeiro, chamado “Em busca da verdade”, procurar-se-á fazer uma inquirição sobre a importância da verdade. Esse tema sempre esteve presente orientando a vida e o conhecimento ao longo da história. É um valor fundamental, seja na ótica da tradição, seja nas manifestações de saber, interações e linguagens, e, principalmente, seja como a fonte original da revelação de ser e do exercício do pensamento.

A seguir, um comentário introdutório sobre o parágrafo 44 do livro *Ser e tempo*, denominado “Filosofia, Presença, abertura e verdade”. Nesse tópico destacam-se vários desdobramentos, tais como: o ofício da filosofia e o papel do filósofo, que é questionar, libertar, resguardar a verdade e pensar a correspondência ao ser do ente que é. “O corresponder ao ser do ente é a filosofia”. (HEIDEGGER, 2018, p.35). Ao falar do ente, já

acontece a correspondência ao Ser que possibilita a descoberta de tudo o que é. A filosofia é ontologia, a busca do sentido de ser.

Depois segue uma reflexão fenomenológica sobre a estrutura da abertura como predisposição fundamental da cura como ser-no-mundo, bem como o conceito de existência. Já na parte final do capítulo, será apresentada a concepção tradicional de verdade como adequação entre o intelecto, a coisa e o enunciado. E, na sequência, uma explicação do conceito fundamental segundo a palavra *Alétheia*, colocando a questão originária da verdade como descoberta, descobrimento ou mesmo como ser-descobridor do mundo de sentido circunscrito. “Ser-verdadeiro (verdade) diz ser-descobridor”. (HEIDEGGER, 2015, p.289).

No segundo capítulo, intitulado “Sobre o ser-aí e a essência da verdade”, o estudo vai ao encontro da essência da verdade como princípio estruturante da existência. Será feita uma alusão sintética à doutrina da verdade em Platão. Um texto de Heidegger abordando a “Alegoria da caverna”, falando sobre verdade e a formação do homem (*Paidéia*). A meta será analisar a reflexão feita por Platão sobre o processo da *Alétheia* voltado para o desvelamento e ascendência nos degraus em direção às ideias, revelando o ser como a ideia das ideias (sumo bem) e o aspecto do que aparece. Questiona-se a subjugação da *Alétheia* à ideia como fonte da descoberta do ente.

Na sequência vamos estudar alguns recortes do texto *Sobre a essência da verdade*. Faz-se preciso rever o prisma convencional como coerência ou correspondência. “A verdade é a adequação do conhecimento com a coisa”. (HEIDEGGER, 2008, p.192). Seria a posição mais comum e tradicional. Os tópicos a seguir explicitam sobre a essência da verdade como liberdade. “A abertura que mantém o comportamento, como aquilo que torna intrinsecamente possível a conformidade, se funda na liberdade. A essência da verdade é a liberdade”. (HEIDEGGER, 2008, p.198). Esse é o coração da verdade; a própria liberdade do ser-aí aberto e predisposto no mundo que possibilita o deixar-ser o ente. “A liberdade revela-se, então, como o deixar-ser o ente”. (HEIDEGGER, 2008, p.200). O deixar-ser significa trazer o ente para o seu descobrimento, fazer aparecer no pensamento, na linguagem e na experiência. A liberdade é um dispor, um lançamento, um acontecimento em busca do sentido.

Nas palavras de Heidegger, “compreendemos a essência da verdade como desencobrimento, agora vemos que ela acontece como processo de um acontecimento”. (HEIDEGGER, 2012, p.187). Então, a essência da verdade é um descobrimento, a revelação de ser do ente como fenômeno inexorável que acontece na lida cotidiana. Nesse contexto vamos chegar ao paradoxo reflexivo no que tange a essência da verdade como não-verdade.

Parece contraditório, mas só é possível descobrir algo se o mesmo estivesse antes coberto. “Encobrimento é um caráter do que nós chamamos de mistério. Todavia, encobrimento não é não-verdade no sentido de falsidade”. (HEIDEGGER, 2012, p.188). A não-verdade é o velamento fechado na natureza, o que está desconhecido e imerso no mistério.

Concluindo esse estágio, será apresentado o modo como o Ser aparece na filosofia de Heidegger. “O Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado, no teor e recurso, no valor e validade, no existir, no dá-se”. (HEIDEGGER, 2015, p. 42). O Ser é a verdade da existência em tudo o que ela é e se manifesta em sua dinâmica. E ao falar do Ser já se faz interligado aquele que compreende e possibilita a sua revelação, o ser-aí.

No terceiro capítulo denominado “Arte, técnica e verdade como criação”, será apresentada a concepção da verdade como criação genuína da obra de arte. Contudo, o que seria tão especial e originário na arte? Heidegger responde: “o originário da obra de arte e do artista, é a própria arte. A essência do ser no sendo”... (HEIDEGGER, 1990, p.145). Nota-se que a arte é o processo fenomenológico de criação pela dádiva potente do ser, como essência do sendo, do homem criador poético do mundo. Em outra citação ele complementa: “a arte é o pôr-se em obra da verdade”. (HEIDEGGER, 1998, p.36). A verdade está no acontecimento artístico, nesse processo da obra de arte em produção que levanta um mundo a partir do que antes estava encoberto na natureza.

Nessa esteira faz-se preciso questionar a origem da obra de arte. De onde ela surge? Como acontece? A origem da obra de arte acontece no interior projetivo das disposições do ser-aí na lida concreta e criativa no mundo. Remonta-se à estrutura primordial da abertura e as tonalidades afetivas da angústia e do tédio profundo. Nesse jogo destaca-se o conceito da *Poiesis* traduzido como poesia inerente à produção original. A forma da *poiesis* é a obra em verdade, o coração iluminador do aberto, a energia do movimento criativo e criador. A *poiesis* é doação livre de sentido pela fundação entreaberta do ser.

No seu livro *Explicações da poesia de Hölderlin*, Heidegger argumenta que “a poesia é fundação por meio da palavra e na palavra. O que se funda desse modo? O permanente”. (HEIDEGGER, 2013, p.51). A poesia opera essencialmente como fundação do Ser e do mundo. Revela o que as coisas são no seu descobrimento. Portanto, falar da obra de arte já se faz presente o acontecimento da *Poiesis* e a nomeação original da poesia no deixar-ser da arte que levanta um mundo.

Seguindo para a parte final, a proposta é problematizar a técnica moderna e a sua essência como paradigmas e manifestações da verdade como descobrimento. Vamos perceber

que a técnica moderna guia o destino histórico em que vivemos. O modelo de mundo em que habitamos foi arquitetado no conhecimento científico, matemático e planejado em que se procura a todo custo dominar e controlar a natureza no intuito da exploração dos recursos naturais. Contudo, qual seria a essência da técnica? “A essência da técnica moderna repousa na com-posição (*Gestell*). Sua regência é parte de um destino” (HEIDEGGER, 2002, p.280). Ela é a força de reunião que move a desencobrir o que se mostra disponível. A com-posição é a própria manifestação de Ser presente no contexto histórico da era do cálculo, da planificação e da exploração da natureza.

O tópico final vai tecer uma meditação sobre a obra aberta da verdade. A morada e a ocupação na realidade atualmente se fundamenta no aparato tecnocientífico do conhecimento. Faz-se urgente questionar o destino histórico em que vivemos e o porvir que está sendo direcionado. Heidegger nos convida a refletir o significado da existência em sua essência, bem como as relações e a interação com a natureza. Como ele destaca no texto *Serenidade*, precisamos resgatar e estimular a meditação. Pensar com profundidade na abertura poética e não só calcular no valor da maquinação atual. “O pensamento que calcula não é um pensamento que medita, não é um pensamento que reflete sobre o sentido que reina em tudo o que existe”. (HEIDEGGER, 1959, p.8). O papel da Filosofia é pensar com meditação a experiência própria da verdade de Ser, existir e habitar o mundo.

CAPÍTULO I

O FENÔMENO DA VERDADE

1.1 Inquirição sobre a verdade

A circunstância do mundo atual em que habitamos passa por tempos sombrios, de crise, de “confusão organizada e humanidade desumanizada”. O futuro se estampa cada vez mais pessimista e desequilibrado. As perspectivas se perdem na fluidez nefasta de momentos desalentadores de uma sociedade enferma e perdida em suas insanidades. Estamos seguindo sem rumo, sem autocrítica e sem a compreensão salutar e profunda da nossa condição existencial. Às vezes, nem sabemos o básico, o que é falso ou verdadeiro, sobretudo, nesse universo das mídias, redes e das tecnologias da comunicação sob a égide do “poder e do ter”. A verdade hoje e sempre transcende a característica de um mero tema de estudo. Mais do que nunca precisamos interrogar sobre o que é verossímil, fundamental, mito ou ilusão nessa realidade encharcada de ideologias, véus e mentiras. A pergunta que abre o horizonte imediato para caminhar e refletir sobre a morada humana e o sentido do Ser é a seguinte: O que é a Verdade? E correlacionado a esta se revelam outras questões: Qual é a essência da verdade para Heidegger? Como habitamos nessa Terra? Qual é a nossa essência? Ou será que nos esquecemos dela nos afastando e desprezando a natureza? E, aliás, o que é a natureza? Qual seria a concepção de mundo para Heidegger?

A princípio vale frisar de modo categórico que a Verdade (com seus sentidos plurais: lógico, epistemológico e ontológico) é condição e fundamento para viver, edificar conhecimento e se relacionar. É um solo ontológico para edificar a casa que nós somos. Bem como a habitação maior do mundo que configura a própria existência humana. Essa abordagem é decisiva em Heidegger, que a contempla numa teia harmoniosa, originária e indissociável inerente à ontologia fenomenológica sobre a questão primordial do Ser em consonância com a compreensão do *Dasein* (ser-aí – presença).

Na obra *Ser e tempo* ele destaca que “O ser – e não o ente – só se dá porque a verdade é. Ela só é à medida e enquanto a presença é. Ser e verdade são igualmente originários”. (HEIDEGGER, 2015, p.301). Portanto, perscrutar a verdade já traz em seu bojo o aprofundamento urgente sobre o que é o Ser, e aquele que coloca o problema já se faz inserido na investigação. Essa intuição é peculiar na sua hermenêutica estrutural do ser-no-mundo. Nenhuma ideia ou conceito pode estar desvinculado da existência temporal e histórica. Pois, tal como ele destaca de modo similar no texto *O que é metafísica?* “Toda

questão metafísica somente pode ser formulada de tal modo que aquele que interroga, enquanto tal, esteja implicado na questão, isto é, seja problematizado.”. (HEIDEGGER, 2008, p. 1). Não existe uma forma de saber que esteja separado daquele que sabe ou que é sábio, que pensa e é pensador. Então, buscar a verdade é simultaneamente um caminho aberto para compreender essencialmente quem é o *Dasein*, o ente humano que pergunta pelo sentido do Ser.

A propósito, assinalando de forma introdutória, a raiz etimológica que norteia a compreensão primordial da verdade para Heidegger está no termo grego *Alétheia*. Em seu livro *A origem da obra de arte*, ele se propôs a resgatar e questionar aprofundando essa perspectiva ao dizer que:

A essência da verdade como *Alétheia* permanece impensada no pensar dos gregos e, com maior razão, na filosofia ulterior. O não-estar-encoberto é para o pensamento o que de mais encoberto há no aí-ser [*Dasein*] grego, mas, ao mesmo tempo, é aquilo que determina, desde cedo, todo o estar-presente daquilo que está presente. (HEIDEGGER, 1998, p.50).

Tal pressuposto emergiu com a filosofia grega, mas não foi desdobrada e bem pensada por ela e nem depois na história da filosofia. O esquecimento do ser perpassa e congrega o estar encoberto do ser-aí na busca da verdade. Ao passo que o descobrimento do ente, o desvelamento do ser vai determinar o estar presente e o sentido do mundo. Dessa forma a *Alétheia* manifesta-se como essência da verdade pela descoberta do que é e do que se faz presente na existência como modo próprio do ser-aí.

Evidentemente mostra-se importante e indispensável pensar os critérios da verdade. Todavia, o que importa, sobretudo, é entender sua essência como fundamento de tudo o mais. No ensaio “*Alétheia*, Heráclito, fragmento 16”, destaca-se a etimologia e abrangente significado, até simples de falar, mas denso e exigente para se aprofundar. E nesse propósito se faz necessário salvaguardar a atitude filosófica de espanto. Cultivar a capacidade de se espantar com o que parece trivial e fácil.

O simples, certamente, não nos é dado pelo fato de pronunciarmos e reproduzirmos, de maneira simplista, o significado literal de *Alétheia* como “des-encobrimento”. Des-encobrimento é o traço fundamental daquilo que já apareceu e que deixou para trás o encobrimento. Esse é o sentido do alfa (α) que compõe a palavra grega *Alétheia* e que somente recebeu a designação de alfa privativo da gramática elaborada pelo pensamento grego tardio. A relação com *lethe*, encobrimento e o próprio encobrimento não perdem de forma alguma o peso pelo fato de se experienciar diretamente o descoberto como o que apareceu, como o que entrou em vigência, como vigente. (HEIDEGGER, 2001, p.229).

À primeira vista parece simples entender *Alétheia* como des-encobrimento ou também traduzida aproximadamente como desvelamento, desocultamento. Todavia, de que encobrimento se refere? O que foi descoberto ou desvelado? Será que houve uma cisão? O que é descobrir? Deveras algo que causa pertinente espanto, impulsiona a curiosidade para pensar, conduz o espírito a meditar e a contemplar o horizonte que se abre. O movimento do Ser ganha potência nesse processo conflitante e interligado entre o que está coberto e que vem a ser desencoberto e ganhar vigência.

No des-encobrimento ascende a clareira do Ser e possibilita o ente manifestar, mas nunca de forma total, plena e acabada. Pois a natureza (*Physis*) em sua totalidade essencial é insondável. Ao *Dasein* sempre ficará a condição de vigilância e meditação para com o que se esconde. Como diz o fragmento 16 de Heráclito: “Como alguém poderia manter-se encoberto face ao que nunca se deita”? (HERÁCLITO, 2017, p.75). A potência do *logos*, a força do sentido emerge nesse movimento fulgente perene, que impulsiona o poder de descobrir o mundo e simultaneamente a si mesmo.

Nessa linha outra perspectiva semelhante mostra a *Alétheia* convergindo para a compreensão do ser-aí em seu modo aberto de existir como “sendo” cada vez mais no devir que se é. Vale citar outra passagem do livro *A origem da Obra de Arte*, na qual se defende que “a verdade é o desvelamento do sendo enquanto sendo. A verdade é a verdade do ser”. (HEIDEGGER, 1990, p.207). De repente, disse tudo e nada ao mesmo tempo. De que desvelamento ele falava? Por que o ser tem ou é a verdade? O ser-aí “é e não é”, nunca estará pronto e acabado. Assim como a verdade nunca é absoluta e fechada. A verdade na ótica tradicional converge para uma definição conclusiva e pronta. Definir significa dar um fim semântico. Mas, segundo Heidegger, sua força está na abertura do caminho, no horizonte que mira o infinito sempre adiante e nunca capturado. O ser-aí só é na verdade enquanto está sendo, em contínuo fluxo e descoberta. Descobrir é um modo essencial da sua constituição. Sua verdade está nessa dinâmica potencial. Bem como na dádiva sagrada vital do Ser que possibilita a experiência essencial do mundo. Portanto, a existência acontece e se enaltece no coração da verdade do Ser, que abre a vereda para caminhar e viver com sentido.

1.2 Introdução ao parágrafo 44 de *Ser e tempo* – Filosofia, Presença, Abertura e Verdade

O parágrafo 44 de *Ser e tempo*, intitulado “Presença, abertura e verdade”, procura explicitar como tema fulcral analítico o problema complexo da verdade. Como Heidegger

amiúde contempla em seus textos, cada questão sempre traz junto outras relacionadas. Vimos acima que esse tema remete indissociavelmente à compreensão da presença, do ser-aí como existência e o apelo iluminador do ser. Nesse tópico central da sua obra vale a pena mergulhar nesse questionamento inesgotável que é o propósito metódico potente da Filosofia. E Heidegger vai além, advoga que ela é, sobretudo, “um acontecimento fundamental na história do próprio homem, em si mesmo, que tem um caráter de um questionamento todo próprio, um questionamento que transforma e em que se transforma a essência do homem”. (HEIDEGGER, 2012, p. 216). Filosofar é uma experiência fundamental de questionar. Transcende a individualidade, a vontade pessoal. Está atrás, abaixo e acima da humanidade e da história guiando nossa existência. Um questionamento que promove profundas mudanças na maneira de ser, pensar e estar no mundo. Opera de maneira analítica, reflexiva e dialógica na formação da própria essência humana.

Então, o ofício e a vivência meditativa da Filosofia são muito mais que uma bagagem cultural, que uma proposta de formação subjetiva, uma disciplina escolar ensinada como ciência, uma visão específica de mundo ou um jeito de se colocar crítica e subversivamente em face das tradições sociais. É um acontecimento questionador fundamental na construção da essência do homem. Entretanto, vale a pena problematizar outras proposições, como “Que é isto – a Filosofia”? A pergunta é inclusive o título de um pequeno texto dele, no qual procura desenvolver com clareza e síntese uma resposta ou várias respostas dentro de uma perspectiva convergente, qual seja, da Filosofia como o questionamento pelo sentido do ser como a busca pela compreensão da verdade.

Dentre as reflexões nessa obra destaca-se a origem da engrenagem filosófica grega, sobretudo, a partir dos filósofos Platão e Aristóteles, que advogavam uma teoria aproximada de que “a filosofia é uma espécie de competência capaz de perscrutar o ente, a saber, sob o ponto de vista do *que ele é*, enquanto é ente”. (HEIDEGGER, 2018, p.27). Assim, ela procura desvelar o que é o ente, o que é o ser do ente. Heidegger não contradiz a definição, todavia, oferece mais elementos e ideias para aprofundar no coração da Filosofia. Em outra passagem aborda o ofício dos filósofos como falar (o *légein*) enquanto diálogo. É imprescindível entender o que falam, mas, sobretudo, aprender a debater apuradamente sobre o que falam.

Suponho, portanto, que os filósofos são interpelados pelo ser do ente para que digam o que o ente é, enquanto é, então também nosso diálogo com os filósofos deve ser interpelado pelo ser do ente. Nós mesmos devemos vir com nosso pensamento ao encontro daquilo para onde a filosofia está a caminho. Nosso falar deve cor-responder àquilo pelo qual os filósofos são interpelados. Se formos felizes neste

corresponder, respondemos, de maneira autêntica, à questão: Que isto – a filosofia? (HEIDEGGER, 2018, p.31,32).

Dessa forma a Filosofia mostra-se fundamentalmente como a escuta e canal do pensamento, do sentido e da linguagem; do *logos* e do *légein*. Filosofar também é compreender o que o ente é, mas sobremaneira, deixar-se interpelar profundamente pelo ser do ente. Faz-se preciso se colocar a caminho nessa correspondência pelo o que faz os filósofos ou a filosofia persistir enquanto propósito inesgotável pela verdade do que é e do poder vir a ser. O cor-responder com êxito à clareira abissal infinita do ser será a chave para filosofar. “Não há dúvida que a correspondência ao ser do ente permanece nossa morada constante”. (HEIDEGGER, 2018, p.35). A filosofia é definitivamente a nossa habitação acolhedora, embora sem sossego, enquanto correspondência ao ser do ente.

Falamos um pouco sobre essa correspondência ao ser como arte de filosofar. Contudo, o que seria esse corresponder? Heidegger explica: “correspondência é essencialmente uma dis-posição”. “E dis-posição significa ex-posto, iluminado e com isto entregue ao serviço daquilo que é”. (HEIDEGGER, 2018, p.36, 37). Então, a correspondência é estar disposto a escutar, escolher e acolher a interpelação do ser na possibilidade daquilo que é, bem como do que é o ente. Filosofar é expor-se, abrir e se lançar na busca pelo sentido do ser com coragem, autenticidade e vigor.

E nessa exposição disposta, a Filosofia mostra-se como exercício transcendental no horizonte do Ser que é verdade, descobrimento da existência. Ao passo que também recebe e entende que essa dis-posição confronta-se indissociavelmente com o que fica latente e encoberto: o nada, a não-verdade. A vida é revelação tanto quanto ocultação. Filosofar é deparar-se com essas inefáveis questões paradoxais, ora na luz, ora na sombra. Nessa esteira, vale a pena citar uma passagem do livro *Seminário sobre a verdade*, do autor Ernildo Stein, na qual ele diz o seguinte: “A arte da filosofia é mostrar o que não se mostra, é dar as condições para o que assim se mostra, dar as condições transcendentais não apenas do que se mostra, mas também do encobrimento”. (STEIN, 1993, p.61). Então, colocar-se no ofício da filosofia é perscrutar o sentido fundamental do que se revela. Oferecer os artifícios e instrumentos teóricos para pensar, compreender dentro das possibilidades os problemas fenomenológicos, bem como as inquietações que escapam da clara revelação. Pois a existência se defronta continuamente com o que fica encoberto, com o que escapa da compreensão, não pode ser vista como ideia, nem se tornar ente e, dessa maneira, se esconde no mistério. Filosofar é abrir horizonte de liberdade. “O filósofo é um libertador e só é

filósofo como libertador (...). Ser livre em sentido próprio não está no gozo tranquilo, mas em ser libertador”. (HEIDEGGER, 2012, p.195). Filosofar é libertar. O Filósofo deve, essencialmente, ser um libertador. Mas de quê? De tudo o que cega, oprime e apequena. Da caverna, das trevas da ignorância. Para ser, de fato livre, carece ser um libertador...

Diante do que foi explicitado, vimos que se colocar no caminho da Filosofia é experimentar a liberdade, cor-responder efetivamente ao ser como desvelamento da verdade. E também refletir que a verdade se mostra em confronto a partir do que está velado, oculto na não verdade. Contudo, está claro e persuasivo o que é a verdade? Inexoravelmente, desde sua matriz grega, a concepção do que é a Verdade sempre foi emergente, curiosa e instigante. Amiúde foi analisada em relação ao ente, no tocante ao ser do ente, ao pensamento sobre as coisas numa linha epistemológica, lógica e linguística. Para Heidegger a questão da verdade mostrou-se carente de aprofundamento no que tange a sua essência. (Simultaneamente, ao longo da história da filosofia, decaiu-se um esquecimento do Ser). Logo, tal perspectiva precisa de uma investigação metódica e ontológica. Assim é colocado na parte inicial do parágrafo 44:

O que significa aqui “investigar sobre a verdade”, ciência da “verdade”? Será que nessa investigação, a verdade é tratada como tema no sentido de uma teoria do conhecimento ou do juízo? Certamente não, pois “verdade” significa o mesmo que coisa, “o que se mostra em si mesmo”. O que então significa a expressão “verdade”, quando usada terminologicamente como “ente” e “ser”? (HEIDEGGER, 2015, p.283).

Percebe-se que Heidegger reforça a necessidade de investigação da verdade levando em consideração os prismas tradicionais da teoria do conhecimento, do enunciado coerente e da relação do pensamento com a coisa. Mas, sobretudo, questiona, enfatiza a busca do fundamento originário da verdade como um fenômeno ontológico. Almeja investigar a verdade que “se mostra em si mesma”. Ao passo que se faz urgente estudar a conexão significativa com o ente e com o ser. Deveras, um caminho complicado, enigmático com várias encruzilhadas, difícil como atravessar a floresta negra numa noite fria sem a companhia da lua para iluminar. Na sequência vamos abordar a parte mais trivial no que tange a aceção tradicional dos ângulos da verdade.

1.3. Conceito tradicional de Verdade

Como foi mencionado acima, mostra-se pertinente explicar melhor o posicionamento mais corriqueiro e reconhecido pelo senso comum, enquanto conceito tradicional de verdade,

assim como algumas atribuições entrelaçadas com seus fundamentos ontológicos. Para Heidegger:

Três teses caracterizam a apreensão tradicional da essência da verdade e a opinião gerada em torno de sua primeira definição: 1. O “lugar” da verdade é o enunciado (o juízo). 2. A essência da verdade reside na “concordância” entre o juízo e seu objeto. 3. Aristóteles, o pai da lógica, não só indicou o juízo como o lugar originário da verdade, como também colocou em voga a definição da verdade como “concordância”. (HEIDEGGER, 2015, p.284).

Percebe-se que a acepção tradicional da essência da verdade é de fácil apreensão, nítida e distinta. Converge para a noção de concordância, ou também os termos similares como adequação, correspondência, coerência, conveniência etc. As três teses apresentadas na citação retratam basicamente a relação entre o pensamento e o objeto de que se reporta. Analisam a dimensão do enunciado, do exercício da linguagem e da lógica inerente ao juízo exposto, ao julgamento ponderado. A título de exemplo: seria falar sobre uma mesa, explicar a ideia dela, sua forma e estética, a matéria de que é feita, no caso a madeira, a cor, tamanho, beleza, utilidade, uso, ocupação de um espaço etc. Toda explicação enunciativa sobre a mesa, (ideias, signos e símbolos) deve concordar, estar coerente com o objeto concreto gerando uma compreensão verossímil e real do ente como ele é. Outro exemplo seria retratar entes da natureza, tais como uma pedra, uma árvore, um rio, animais etc. Falar sobre eles, explicar a compreensão deles a partir da relação intrincada do pensamento, linguagem e objeto. Por fim, um exemplo mais abrangente como uma teia de ideias, seria o juízo sobre um livro de um filósofo, como a obra *Metafísica*, de Aristóteles. O que se falar, a emissão do juízo precisa estar adequado ao objeto e sua representação de teorias que o livro aborda. Nesse segundo exemplo demanda um pouco mais de estudo e reflexão, pois supõe o contato com o objeto material do livro, bem como a leitura, o conhecimento dos temas ali apresentados pelo autor e a explicação dos mesmos. O juízo sobre o livro precisa estar adequado com o que nele consta para, de fato, corroborar como verdadeiro.

Essa distinção do que é verdadeiro fica legitimada à medida que o conhecimento estiver em concordância com o objeto, quando a mensagem sobre o mesmo estiver correta e coerente de modo a distingui-lo dos outros objetos. E evidentemente se torna falso quando o juízo não estiver correspondente ao objeto em questão. Quando as atribuições não estiverem de acordo com o mesmo. Por exemplo, se pega uma nota de dois reais, mas cai no juízo ilusório de utilizar a mesma para comprar coisas como se ela valesse duzentos reais. É notório que isso não dará certo, pois o conhecimento verdadeiro precisa de parâmetros gerais, de

referências lógicas, de critérios de averiguação para que o mundo seja cognoscível de modo universal. Mostra-se inconcebível querer enxergar e julgar as coisas simplesmente de modo subjetivo, com juízos de valor e noções fantasiosas que só existem na própria imaginação. Tal perspectiva se assemelha à visão de mundo de certas pessoas do senso comum que vivem numa bolha, que não aceitam as proposições científicas e factuais. Preferem acreditar no que lhes convém, naquilo que atende suas crenças e ilusões.

Com efeito, discorreremos um pouco sobre a correspondência. Mas está claro o que ela significa? Como acontece o processo de correspondência do pensamento com a coisa, da ideia com o objeto? Heidegger responde: “toda concordância e, assim também, toda “verdade” é uma relação. Mas nem toda relação é concordância”. (HEIDEGGER, 2015, p.286). De repente, complicou um pouco. Pois, de fato, algumas coisas têm relação, mas não concordam entre si, como o “sinal se relaciona com o assinalado”. Como os lados de uma moeda. Ou como o movimento do dia para a noite e vice-versa. Eles se relacionam, mas não são iguais. Têm certas questões que concordam, são convenientes e se relacionam, como por exemplo, os números 2 e 12. Os números refletem quantidade, medida, igualdade etc. Assim oferecem enlace de concordância. De acordo com a análise fenomenológica de Heidegger para esclarecer a relação de verdade se faz preciso conhecer os detalhes e componentes inseridos na totalidade do processo. Ou melhor, precisa averiguar a integralidade dos entes, enquanto conceitos, teorias, objetos, utensílios, interações culturais, tudo na dinâmica do espaço e do tempo na significação do mundo. Assim, percebe-se que esse viés tradicional ancora-se no critério genuíno da verdade como potencial de compreensão total da realidade.

Ficou exposto que a visão tradicional da verdade se baseia na adequação ou concordância. E esta é uma cadeia de relação significativa interligada. “Mas em que perspectiva *intellectus* e *res* (intelecto e coisa) concordam”? (HEIDEGGER, 2015, p.286). Nessa esteira surgem outros desdobramentos sobre a dificuldade de ver a semelhança entre o intelecto e o objeto. Deveras nem existe essa igualdade genuína. A realidade da coisa em si não está em perfeita harmonia com a nomenclatura ideal sobre o ente. Contudo, como seria possível, então, o conhecimento sobre a coisa? Este “deve “dar” a coisa assim como ela é”. (HEIDEGGER, 2015, p.286). E o ser é aquilo que é. Desta feita, o conhecimento se torna verdadeiro à medida que possibilita a concordância assim como a coisa é, e consegue dar sentido para que ela seja apreendida cabal e conscientemente no mundo a partir da presença descobridora do ser-aí.

Nessa linha podemos inferir que o conhecimento só é possível a partir da relação do sujeito com o objeto? Eis o recorrente problema epistemológico debatido ao longo da tradição filosófica. Heidegger refuta esse esquema analítico. Para ele, a estrutura fundamental do homem é ser-no-mundo. A constituição da presença só é no mundo. Não na acepção de uma subsistência (*dasein* – ser-aí) inserida em outra subsistência (mundo), mas a presença só é enquanto está no mundo. E o mundo ele mesmo só é enquanto significação, isto é, enquanto a totalidade histórico-circunscrita significada do ente. Não há presença sem mundo e nem mundo sem o ser-aí presente. “A presença não apenas é e está num mundo, mas também se relaciona com o mundo segundo um modo de ser predominante. (...) ela está tomada por seu mundo”. (HEIDEGGER, 2015, p.169). Logo, nessa perspectiva mostra-se arbitrário separar o sujeito do objeto, ou a pessoa do mundo. A construção do conhecimento já é um modo de ser enquanto compreensão fática na existência integralmente disposta no mundo.

Com efeito, “conhecer, porém, é julgar”. (HEIDEGGER, 2015, p.286). O conhecimento é uma forma de julgamento compreensivo. E este pode ser passível de erros, sobretudo, quando entregue à dimensão psíquica e à autoconsciência cheia de limites e afecções. Entretanto, para distinguir o conhecimento verdadeiro do falso precisa estar amparado no nexos ideal do enunciado em concordância com a coisa real. O fundamento ontológico dessa relação se encontra e permanece nos juízos fáticos sobre o conteúdo da proposição e o objeto real, bem como na dinâmica de julgar entre o real e o ideal. É uma relação de subsistência, de luta e resistência entre a ação ideal a partir da abertura do ser-aí para efetivar a realização do conhecimento da coisa outrora fechada. Dessa maneira, o conceito tradicional da verdade opera persistindo na engrenagem dos juízos sobre os conteúdos reais apreendidos e ponderados. Mas Heidegger questiona: “quando o fenômeno da verdade se torna expresso no próprio conhecimento”? (HEIDEGGER, 2015, p.287). Ele defende a tese de que seria na própria faculdade de verificação no contexto da concordância que abre a possibilidade de averiguar, de enxergar se o conhecimento é verdadeiro ou não. Veja que a resposta não detalha a inflexão epistemológica do enunciado, mas direciona para a origem fundamental da verdade.

Apresentamos acima o enunciado como o lugar da visão tradicional da verdade. Mas está esclarecido aqui o conceito de enunciado para Heidegger? Seria apenas um discurso? A emissão de um juízo ordenado? Ele responde: “O enunciado é um ser para a própria coisa que é”. (HEIDEGGER, 2015, p.288). É pelo enunciado que o ser abre caminho para o ente vir a ser o que é. Então, é por ele que o pensamento se movimenta, se estrutura, se efetiva de forma

verbal e pictórica. Pensamento e linguagem são interdependentes, entrelaçados e fundamentalmente harmônicos. As palavras alimentam as ideias e vice-versa. “A palavra é o fio de ouro do pensamento”, já dizia Platão.

No livro *Carta sobre o humanismo* ele diz de outra maneira numa citação que ficou clássica e muito repetida: “a linguagem é a casa do ser. Em sua habitação mora o homem”. (HEIDEGGER, 1995, p.24). Percebe-se que nessa citação Heidegger não proferiu a igualdade elucidativa entre a linguagem e o ser. Todavia, existe uma relação de interdependência inexorável. Na linguagem que o Ser faz sua morada num processo cheio de energia, de vigor e potência de sentido. Por ela que o ente é visto como ideia e significado. Também é nessa hospitaleira e afável habitação que o homem marca em passagem a sua presença criativa sob a clareira da verdade. O ser-aí constrói seu sentido no mundo fundamentado essencialmente na linguagem, que é a ponte da verdade para se chegar e descobrir o ente no que ele é. Assim como “a linguagem é a casa do Ser”, Heidegger procurou mostrar que a verdade é o lugar do enunciado, a condição originária da fala e do juízo. E não o contrário, como a tradição argumentou, colocando o enunciado como o *locus* da verdade pela noção de concordância.

Nessa linha de análise ficou percebido que a prioridade de Heidegger era questionar o fenômeno da verdade no encalço da sua matriz originária. A mesma reflete como fonte abundante de onde o enunciado diz o que o ente é pela via da linguagem que abriga produtivamente o Ser. E é na abertura ao Ser que o homem se encontra à medida que descobre a verdade que ele é como puro devir. “Confirma-se que ele descobre o ente para o qual ele é. Verifica-se o ser-descobridor do enunciado. Cumprindo a verificação, o conhecimento remete unicamente ao próprio ente”. (HEIDEGGER, 2015, p.288). O ser-descobridor é a certeza alcançada na compreensão do ente que o homem é. A verificação do conhecimento converge para a verdade do ser-aí que produz enunciado segundo a sua capacidade de descobrir de acordo com a situação fática circunscrita de ser-no-mundo junto aos entes.

Enquanto ser-descobridor, o ser-verdadeiro só é, pois, ontologicamente possível com base no ser no mundo. Esse fenômeno, em que reconhecemos uma constituição fundamental da presença, constitui o fundamento do fenômeno originário da verdade. É o que agora se vai perseguir mais profundamente. (HEIDEGGER, 2015, p.289).

Portanto, o ser-descobridor é o fenômeno originário da verdade. O ser-aí, o homem apresenta essa estrutura fundamental efetivada no estar lançado no mundo junto aos entes sempre descobrindo e construindo o sentido da sua existência no fluxo do tempo e do espaço.

1.4. O fenômeno originário da verdade

Como vimos acima, a concepção de verdade, para Heidegger, é totalmente diferente da posição tradicional. A primeira vista pode até parecer exótico. De fato, ele rompe drasticamente com o modelo lógico comumente consagrado da adequação ou da concordância entre o intelecto, o enunciado e a coisa. Nessa guinada, defende a seguinte proposição: “Ser-verdadeiro (verdade) diz ser-descobridor”. (HEIDEGGER, 2015, p.289). A dimensão essencial da verdade perpassa o fundamento do ser-descobridor genuíno do homem como origem criadora de tudo.

A teoria proposta do “ser-verdadeiro como ser-descobridor”, na perspectiva demonstrada por Heidegger, tem certa conexão com os ensinamentos do filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso, quando este retrata em seus fragmentos o poder compreensivo e a força reveladora do *logos*. É complicado achar um termo para traduzir com nitidez o conceito grego de *logos*. Toda tradução é indubitavelmente uma aproximação interpretativa. Mas podemos comparar aproximadamente com os seguintes termos: razão, raciocínio, discurso, sentido, compreensão, intelecção, pesquisa, reflexão, proporção, linguagem, verbo etc. As palavras citadas convergem para um mesmo significado: o pensamento acontecendo pela própria transcendência de pensar. No processo metafísico a energia operante do *logos* vai se manifestando e criando as possibilidades para deixar o ente ser o que é. Por ele, o *logos*, a criação do sentido da existência, a compreensão do mundo se desvela, se abre como o sol na aurora da noite trazendo a luz para direcionar o caminho. “Pertence, pois, ao *logos* o desencobrimento, a *Alétheia*”. (HEIDEGGER, 2015, p.290). Dessa forma, percebe-se uma pertinente comparação íntima e originária entre o *logos* de Heráclito e a *Alétheia*, a concepção de verdade perscrutada por Heidegger.

Em outra passagem Heidegger reitera seu pensamento sobre a estrutura do ser-aí descobridor no mundo como chave cabal para a essência da verdade.

Ser-verdadeiro enquanto ser-descobridor é um modo de ser da presença. O que possibilita esse descobrir em si mesmo deve ser necessariamente considerado “verdadeiro”, num sentido ainda mais originário. *Os fundamentos ontológicos-existenciais do próprio descobrir é que mostram o fenômeno mais originário da verdade.* (HEIDEGGER, 2015, p.291).

A gênese do fenômeno da verdade tem por alicerce primordial e ontológico a disposição do homem de descobrir, ou seja, de projetar e organizar a realidade, de deixar ser, de criar utensílios e mediações, de atribuir valor transcendental às coisas, de tornar manifesto aquilo que é o ente, de produzir incessantemente o sentido da existência.

Como foi enfatizado acima, “descobrir é um modo de ser no mundo”. (HEIDEGGER, 2015, p.291). A vida humana é construída total e continuamente entranhada (embora com raízes paradoxalmente fixadas e suspensas) nas circunstâncias do ambiente local e global em que vivencia. Isso reflete nas suas várias dimensões e interações, tais como, por exemplo: a geográfica-natural, a física-corporal, a social, a cultural, educativa, religiosa, científica, tecnológica etc. Nessa dinâmica interativa Heidegger utiliza outro termo técnico para explicar o modo de ser no mundo da presença humana como lida, como preocupação e ocupação junto aos entes que se vai descobrindo (concreta e simbolicamente) na circunvisão cotidiana. Tudo que o ser é ou se torna espelha-se como acontecimento, relação imediata e mediatizada com tudo que utiliza e tem contato. Isso abrange os entes da natureza, os semelhantes na coexistência, instrumentos, ferramentas, utensílios, pensamentos, símbolos, ideias etc. Ao ser lançado no mundo ou em outras palavras, ao receber o dom da existência, tudo começa a ser “visto”, sentido, pensado e experimentado pelo homem, sempre predisposto, aberto e carente em busca de significar a realidade.

A verdade tradicional procura identificar a coerência do que é real nos fatos e códigos linguísticos. A verdade fundamental defendida por Heidegger mergulha na origem de tudo que existe enquanto significação da realidade e possibilidade formativa da existência. A estrutura fundamental chave para pensar com efetividade esse fenômeno seria o termo “abertura”, traduzido do alemão (*Erschlossenheit*). Qual seria a concepção de abertura? Essa palavra é trivial no vocabulário da língua portuguesa. Mas nesse contexto tem uma diretriz inestimável, específica e necessária para explicar a estrutura do ser-aí.

A abertura constitui-se de disposição, de compreender e de fala, referindo-se de maneira igualmente originária, ao mundo, ao ser-em e ao ser-si-mesmo. A estrutura da cura enquanto anteceder-a-si-mesmo-já-estar-num-mundo-como ser-junto aos entes intramundanos, resguarda em si a abertura da presença. (HEIDEGGER, 2015, p.291).

A compreensão filosófica do homem está totalmente vinculada à concepção da abertura, explicada (aproximadamente) como disposição, doação, compreensão das coisas, linguagem, verbalização dos símbolos e intuições. É pela abertura que o mundo revela-se de modo efetivo e ganha sentido na organização estrutural do ser-aí como cura. Vale destacar, que Heidegger, amiúde em sua obra, não costumou usar o termo “consciência”, nem ficar atribuindo separadamente as características e faculdades cognitivas na experiência transcendental e integral da pessoa junto aos entes, objetos, fatos, ideias e signos. Essa postura era mais comum na tradição filosófica, sobretudo na modernidade. Algo que Heidegger

procurava questionar e refutar. Entretanto, ele procura contemplar a apreensão e compreensão do ser dos entes dentro de sua totalidade como ser-no-mundo. E o que seria isso? Pode-se dizer que “totalidade é a condição de possibilidade da experiência: no fundo, será a totalidade implícita na ideia de compreensão do ser”. (STEIN, 1993, p.281). Ao pensar e explicitar o mundo em sua totalidade já está impregnado o desvelar-se, o pensar e descobrir a si mesmo, o próprio movimento de ser possibilitando a existência.

Como Heidegger procurou meditar, o firme e árduo propósito de buscar a verdade, de vislumbrar o sentido do ser, se alicerça, perpassa e se edifica a partir do aprofundamento de quem é e como é o homem mergulhado no mundo. “A compreensão do ser está ligada ao compreender-se, ao explicitar-se”. (STEIN, 1993, p.281). São categorias interdependentes, harmônicas e inseparáveis. À medida que a presença humana vai se compreendendo na teia do mundo, se conhecendo e se construindo, o Ser vai também sendo mais bem compreendido, esclarecido e a verdade originária vai sendo efetivada na clareira das possibilidades abertas.

Retomando a citação de Heidegger acima, a compreensão do ser-aí está vinculada à abertura, como uma espécie de transcendência, revelação e possibilidade prévia para descobrir e significar os entes. Para ele o que sustenta esse aparato existencial é o conceito latino de “cura”, entendido aproximadamente como um *anteceder-a-si-mesmo-no-já-estar-num-mundo-como*. Usando outros termos, quer dizer uma condição pré-estabelecida, pré-disposta para estar, situar e existir na “natureza” e na edificação peculiar de um mundo de sentido. A vida humana só é possível no que tange ao seu desenvolvimento a partir da “cura”, como estruturação e condição da presença ser junto aos entes intramundanos, envolvendo a sinergia pré-formada e promotora de todos os seus atributos corporais, sensitivos, espirituais, afetivos e cognitivos. Falar sobre a abertura é contemplar o horizonte inefável da cura como modo existencial do homem.

Faz-se pertinente comentar que atrelado ao conceito da cura, que antecede e torna viável a experiência, temos o cuidado (saber cuidar). Este termo também é valioso na obra de Heidegger. Embora o cuidado não se encaixe na proposta ontológica, haja vista que é uma categoria reconhecida como ôntica, pois se refere ao modo mais empírico, as ações e reações, seja junto à natureza, seja na lida com os entes ou na coexistência em sociedade. O ser-aí realiza, tece suas relações guiadas pelo cuidado, no intuito de zelar, resguardar e preservar o que conhece, o que utiliza na vivência, o que cativou ou tem apreço, ama afetivamente e tem ao seu alcance. O cuidado mostra o jeito do ser-aí se entregar às ocupações na lida cotidiana e se colocar nas preocupações da existência. Nesse contexto, nota-se uma espécie similar

comparativa, dentre outros, de: impulso de sobrevivência, “instinto” de conservação, vontade de poder, energia afetiva e força para perseverar no seu ser. Bem como, de uma forma mais refletida e esclarecida, deve haver precaução moral para saber cuidar das relações e interações em geral. Ao falar do cuidado ponderam-se as atitudes e o jeito de viver no tempo e no espaço junto aos entes e aos outros, o que se faz e constrói no mundo enquanto legado, marca histórica. Nesse cenário avalia-se de modo real como o homem e a sociedade lidam com a natureza a partir da ideologia vigente no grupo. Julga-se a conjuntura social, a cultura e suas manifestações, as leis, a educação etc. Então, falar do cuidado é sentir, perceber, operar e avaliar a vida singular acontecendo nas experiências, no *ser-junto-aos-entes*, se materializando e transformando o mundo.

Falamos um pouco sobre a dimensão ôntica e particular do cuidado. Focando na análise ontológica, vale reiterar, que a cura, a abertura e transcendência remetem vigorosamente à estrutura fundamental da ação de compreender, pensar e expressar. Algo que exige, inexoravelmente, a força motora potente e integral na experiência produtora de mundo do ser-aí. Como foi comentado acima, Heidegger buscou na sua hermenêutica romper com o panorama teórico de dentro e fora, mundo e subjetivo. Combatia o dualismo “corpo e alma”, assim como a separação epistemológica do sujeito e objeto. O poder da transcendência se mostra ou acontece integralmente na vivência como ser-no-mundo.

Como Ernildo Stein procura esclarecer, a transcendência tem uma conotação feita pela tradição filosófica, normalmente como pura inteligibilidade e categoria formal. Na obra de Heidegger, segundo o autor acima, dialogando com a teoria do filósofo Immanuel Kant, a transcendência é suporte que viabiliza as condições da experiência. Por ela abre-se e projeta-se um horizonte ímpar para perceber e vivenciar a vida. A transcendência, além de estar entrelaçada e ascendendo nas faculdades cognitivas e sensitivas, tem, sobretudo, uma dependência criativa unida à imaginação.

Existe, portanto, uma transcendência que é outra metade da experiência, que é o ingrediente necessário do que Kant chama de percepção. E este é propriamente o que Heidegger quer chamar de condição de possibilidade da experiência como tal e do conhecimento como tal. É sempre no confronto com Kant que Heidegger vai explicitar esta questão. Aquela faculdade da imaginação, que em Kant une sensibilidade e entendimento, sendo, portanto, a força unificadora dos processos cognitivos. (STEIN, 1993, p.280).

Nessa interpretação de Ernildo Stein, nota-se a transcendência como uma estrutura fundamental para a percepção e a experiência se manifestarem efetivamente. Ela, de fato, não é pura inteligibilidade ou um mero fluxo de pensar. A chave para entender a transcendência se

encontra no “modo de *ser-no-mundo*, é o próprio modo de *ser-no-mundo*, é a condição humana ligada ao conceito de imaginação, de figuração, que sustenta o espectro todo do conhecimento humano”. (STEIN, 1993, p.282). É o modo *ser-no-mundo* que dá a condição para a existência se constituir e acontecer. O *ser-em*, o *ser-no-mundo* é o fundamento de todo pensar, de transcender e se expressar. O *Ser-no-mundo* feito transcendência se ampara, se projeta e se organiza na realidade do mundo pela própria compreensão que torna possível a fortaleza sofisticada do conhecimento humano.

Ao falar de conhecimento humano retrata-se a existência dentro de um mundo de sentido sempre em processo e transformação. Cada um e todos em geral, precisam situar-se no tempo e no espaço, aprender, desenvolver, conhecer e se autoconhecer para poder experimentar a vida e existir com um mínimo de autenticidade. Vimos que a compreensão e, simultaneamente, a revelação da existência carrega toda uma potência imensurável e produtiva da imaginação que vai se manifestando e descobrindo os entes na edificação do mundo. Logo, ao falar do conhecimento transcendente e figurativo, explicita-se a disposição da abertura e o força projetiva na construção *perene* do saber e da própria essência livre do homem lançado no mundo.

Foi visto acima que a formação do *Ser-aí* está embasada na estrutura da cura, na predisposição de estar lançado e na projeção do porvir, sendo efetivamente na experiência como um trabalho permanente, remetendo a sua capacidade de utilizar o corpo, os sentidos, o intelecto, a compreensão e o descobrimento de um todo e de tudo que é e poder vir a ser. Esse processo de constituição ontológica é o fenômeno que explicita a presença do homem ou da humanidade no mundo. Embora esteja manifesto, presente e operativo nas circunstâncias, o ente humano nunca estará pronto, acabado e satisfeito. O seu ser tem a essência verdadeira e originária definida a partir da abertura, no movimento constante de revelação entre o que é e o que não é. “Sendo essencialmente a sua abertura, abrindo e descobrindo o que se abre, a presença é essencialmente verdadeira”. (HEIDEGGER, 2015, p.291). Então, o fundamento originário da verdade converge para a compreensão do ser da presença na descoberta e compreensão do real, que se abre a partir de si mesmo *existindo* como *ser-no-mundo*.

Abordar o fundamento originário da verdade como *ser-descobridor*, como *desencobrimiento*, bem como a constituição essencial da presença, requer também a análise sobre o que Heidegger denomina “*não-verdade*”, entendida como ocultamento, cobertura ou velamento. A essência da verdade se alicerça na *não-verdade*. Só é possível descobrir, a partir da potência do *Ser*, o que está coberto e fora da significação humana como não ente. E nesse

contexto fenomenológico faz-se preciso trazer intrinsicamente à reflexão sobre a facticidade do Ser-aí ou a decadência que se é. Porém, o que ele quer dizer ao explanar a presença humana como decadente e fática? Ao citar a não-verdade já traz entrelaçada na ideia a dimensão da decadência. “Em sua constituição de ser, a presença é e está na “não-verdade”, porque é, em sua essência, decadente”. (HEIDEGGER, 2015, p.293). A ‘não-verdade’ reflete a indefinição, a errância, a decadência, na acepção de um estar lançado no abismo do mundo sem segurança e na ausência de certeza, tendo que acolher e escolher continuamente, seguindo no caminho aberto e arriscado das inefáveis possibilidades. A constituição do ser está nesse horizonte paradoxalmente claro e encoberto. Envolve estar imerso e entregue à força imensurável do tempo na temporalidade voraz e fugaz da natureza que nos constitui, nos abraça e nos desafia continuamente. Converge para a existência fática acontecendo até o fim iminente.

Enfrentar a facticidade e a decadência da condição humana é assumir o que o homem, de veras, é no seu devir. Bem como pensar e experimentar o modo de ser peculiar da presença. Acolher conscientemente a angústia que mora inquietamente no coração do homem. Nota-se que isso não tem um prisma negativo ou um juízo de valor. É uma realidade estrutural, uma tonalidade ou humor própria da existência. “A angústia coloca o ser-aí diante do seu estar-lançado mais próprio, desvelando a estranheza do ser-no-mundo cotidiano e familiar”. (HEIDEGGER, 2015, p.429). Portanto, a angústia escancara e impulsiona o acontecimento genuíno de estar-lançado no abismo do nada. Gera a sensação de estar perdido, faz o homem sentir-se estranho e decadente no mundo. A morada do Ser tem suas raízes soltas na angústia como tonalidade criadoura e condição de abertura para o ente poder ser aquilo que puder ser no por vir que direcionar sua caminhada. – Todavia, adiante vamos retomar esses conceitos da não-verdade, da errância e da angústia, tão fundamentais no contexto da obra, sobretudo, quando foram explanados no texto *Sobre a essência da verdade*.

1.5. *Alétheia* - A verdade como descoberta ou descobrimento

Viu-se anteriormente sobre a não-verdade como essência da verdade. Esta, doravante, também se fundamenta no ser-descobridor da presença como predisposição no mundo junto aos entes. “A verdade (descoberta) deve sempre ser arrancada primeiramente dos entes. O ente é retirado do encobrimento. A descoberta fática é, ao mesmo tempo, um roubo”. (HEIDEGGER, 2015, p.293). Os entes não estão claros, determinados e prontos à serventia imediata da presença humana. Eles precisam ser desvelados, criados, idealizados, produzidos

e vivenciados. O ser-aí é lançado, projetado no mundo indissociavelmente dos entes que ele descobre interligado junto deles, na relação compreensiva com as coisas, que existem e interagem na preocupação e ocupação cotidianas.

Na lida integral específica do ser-aí, metafísica e empírica, os entes são descobertos, as coisas, objetos, fatos, símbolos e ideias, ou seja, os fenômenos passam a fazer sentido e constituir a realidade existencial do homem. A descoberta fática é um roubo, porque o mundo do ser-aí não está acabado e nunca estará. Precisa ser construído, arrancado e instaurado à medida das possibilidades. O roubo é uma forma de extração, de tomada de sentido ímpar que não está na coisa em si e nem ausente dela, mas na existência junto ao ente que foi pensado, enunciado e presentificado. Acontece como processo consciente ao passo que o ente é descoberto, graças à estrutura da cura, na predisposição reflexiva no mundo. A compreensão é uma característica distinta, poderosa e positiva somente do homem (até aonde sabemos), que o coloca de forma singular e universal na realidade dilacerada da natureza e escondida nela mesma.

Nessa análise ontológica da verdade, de acordo com a tese heideggeriana, ficou explicitada sobre sua concepção mais originária vinculada à abertura da presença, enquanto cura, a qual possibilita, pressupõe e promove a descoberta, a compreensão e a criação dos entes intramundanos. Também ficou posto que a verdade originária está instalada igualmente na verdade (*Alétheia* - desencobrimento) e na não-verdade (o que está oculto, fora da definição e imerso no nada, ainda não existe, não-ser). A dimensão tradicional dela (verdade) foi e continua importante na lida cotidiana, na coexistência e na linguagem sociocultural, mas seu fundamento genuíno concentra-se no modo de ser da presença lançada e predisposta no mundo junto aos entes. Logo, pensar a essência da verdade, subentende filosofar sobre o sentido do Ser, e, sobremaneira, filosofar sobre quem e como é o homem, o ser-aí em sua constituição primordial.

Vimos que o cerne ontológico da questão da verdade está na estrutura da presença, na sua abertura, na capacidade de compreensão e criação sob o apelo iluminador do ser. A existência se projeta e se desenvolve a partir do fundamento humano como ser no mundo junto aos entes. Mas como os entes são formados? Onde eles habitam no mundo? O que é o mundo? É uma categoria subjetiva? Metafísica? Eles são formados na vivência rotineira, na ocupação, na relação com seu entorno e de acordo com as necessidades vitais, desejos e intuições oriundas da abertura, da compreensão dos entes. Pode-se dizer que estão no mundo de sentido da pessoa ou do grupo social. Sem eles não se configura a existência, ela

simplesmente não existiria, tal qual a concebemos. Refletir sobre os entes já é desvelar a amplitude do mundo. Este, para Heidegger, na interpretação de Stein, “é um conjunto de elementos, é uma totalidade de remissão, uma totalidade finalizada e, nesse sentido, uma totalidade prática”. (STEIN, 1993, p.96). O mundo é tudo o que faz parte da vida humana. Uma totalidade de sentido que fundamenta a vida em sua jornada produtiva. Mas persiste a indagação: como os entes são compreendidos ou descobertos? Nota-se a exigência de mergulhar sempre mais no fundamento originário.

A verdade essencial da presença humana está no pressuposto ser-descobridor. Nesse jogo projetivo se vai apreendendo e compreendendo a sua existência na experiência significativa e produtiva. Vimos em outra parte do texto acima que a abertura é um modo estrutural do ser-aí, como a compreensão também é ou está indissociável da abertura. E juntamente com as outras ações peculiares inerentes à experiência e ao conhecimento constituído. Pela potência do *logos* e sob o poder infinito do ser os entes são edificados e manifestados no canal da linguagem. O ente só existe se for possível falar dele, sobre ele, e em suma, dizer o que ele é. O ente é descoberto, desde que seja comunicado. “O enunciado comunica o ente no modo de sua descoberta”. (HEIDEGGER, 2015, p.295). É pela mediação do enunciado que o ente se efetiva, ou seja, que pode ser falado, adquirir uma configuração real, expressa e pictórica. Assim ele se torna descoberto, haja vista que a referência, o nome, o conceito e a mensagem, ou de uma forma geral, a linguagem¹ em sua complexidade é veiculada de forma ideal, simbólica e instrumentalizada para uso comum.

A capacidade de enunciar, de expor as ideias e pensamentos predispõe a singular característica do ser-descobridor. Na linguagem encontra-se amparo e abrigo, mas nunca acomodado, como já foi citado outrora, de maneira similar. E ao descobrir o ente nessa engrenagem significativa do enunciado, o mesmo adquire uma figuração ideal e possível de ser compartilhada. A ideia intrínseca ao ente se torna manifesta e presente. “A descoberta preserva-se no que se pronuncia”. (HEIDEGGER, 2015, p.295). Assim a manifestação, a exposição oral ou escrita dá uma noção de publicidade, de compartilhamento social e de evidência histórica. Algo que fica na memória e pode ser registrado, propagado e assimilado

¹ A linguagem embora não seja o tema central da pesquisa, precisa ser abordada, haja vista, seu valor imensurável e essencial. Ela (a linguagem) é uma característica definidora do ser humano e fundamental na comunicação, na troca de mensagens e códigos. Ela nasce da necessidade de interagir, de escutar, do ato de falar, da energia da voz, da relação muito além de balbuciar fonemas e tecer grafemas. Vale citar que a fala e a escrita estão em sintonia inseparável ao pensar. Um requer o outro, ao passo que não há pensamento sem a linguagem, nem linguagem sem o pensamento. Na obra de Heidegger o conceito de Linguagem é bem mais profundo tal qual a própria manifestação do Ser na palavra. “A linguagem é a casa do ser”.

pelos outros semelhantes. A descoberta e a comunicação mútua dos entes, (fenômenos, ideias, objetos, fatos etc.) sob a clareira da verdade promovem conhecimento e constroem a história da humanidade.

Com efeito, viu-se que a possibilidade de pensar, tecer e transmitir o enunciado são características fundamentais da verdade essencial, enquanto modo de ser do homem na transcendência constitutiva do mundo de sentido.

Com o pronunciamento do enunciado, a descoberta dos entes volta-se para o modo de ser do manual intramundano. Na medida, porém, em que nela, enquanto descoberta de..., se mantém uma remissão a um ser simplesmente dado, a descoberta (verdade), por sua vez, torna-se uma relação simplesmente dada entre seres simplesmente dados (*intellectus et res*). (HEIDEGGER, 2015, p. 296).

A revelação dos entes e simultaneamente sua exposição efetivada fica intrínseca e instrumentalizada na convivência interativa intramundana. Toda descoberta já traz interligado o que estava coberto. O conceito vai significar e trazer à tona a referência, a coisa significada. A gênese da verdade como descoberta, enquanto fundamento ontológico próprio do ser-no-mundo desenvolve-se e guarda a essência da relação. Ao passo que os entes pronunciados necessariamente farão parte das relações humanas e estarão contextualizados, adequados às proposições e aos discursos compartilhados.

Corrobora-se que Heidegger não desmerece a aceção tradicional da verdade firmada na adequação, na concordância entre o intelecto, os signos, a mensagem e a coisa – objeto. O modo de ser intramundano se baseia necessariamente nos enunciados sobre tudo o que existe e subsiste na condição do mundo ser o que é. As sentenças carecem de organização, lógica, reflexão e entendimento mútuo. A coerência e a correção dos juízos são reflexos iluminadores oriundos da verdade. Contudo, ambos têm sua fonte originária na transcendência do ser-descobridor. De acordo com o escopo ontológico do filósofo, “*ao contrário*, o enunciado, enquanto modo de apropriação da descoberta e enquanto modo de ser-no-mundo, funda-se no descobrimento ou na *abertura* da presença”. (HEIDEGGER, 2015, p.297). Fica nítido então, que o enunciado é importante, indispensável e específico da estrutura ser-no-mundo com entes e com os semelhantes. Todavia, ele (enunciado) representa a manifestação apropriada da essência reveladora da presença, sua abertura intangível de compreensão e criação.

Portanto, “só ‘se dá’ verdade à medida que e enquanto a presença é. Só então o ente é descoberto e ele só se abre enquanto a presença é”. (HEIDEGGER, 2015, p.298). O caráter fundamental da verdade converge para o ser da presença, enquanto ela é no mundo se projetando e sendo na descoberta dos fenômenos e do sentido do ser. Sem a presença não há

ente e nem o que chamamos mundo a partir da transcendência geradora de possibilidades, princípio motor de tudo que existe. “O sentido da pressuposição da verdade também se torna compreensível a partir do modo de ser da verdade, concebido existencialmente”. (HEIDEGGER, 2015, p.299). As ideias, as expressões significativas e os signos convencionais são pressupostos vinculados inexoravelmente à verdade, enquanto condição essencial da existência em formação. A verdade de ser está no modo de existir da presença enquanto descoberta e compreensão.

CAPÍTULO II

SOBRE A FORMAÇÃO DO SER-AÍ E SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE

2.1 Alusão à doutrina de Platão sobre a verdade

No primeiro capítulo tivemos o propósito de analisar o conceito e o valor fundamental da verdade para a vida. Foi apresentada uma interpretação sucinta sobre o parágrafo 44 de *Ser e Tempo*. Nela estudou-se um pouco sobre a conotação tradicional da verdade como concordância e adequação. Procurou-se explicitar a essência da verdade como descobrimento ou ser-descobridor (*Alétheia*). E, sobretudo, argumentar que a mesma converge para a compreensão do homem, como ser-no-mundo junto aos entes. Pelo seu modo de ser e estar, enquanto abertura, transcendência, significação e enunciação, a presença descobre e constrói o mundo de sentido, bem como sua própria existência.

Nesse segundo capítulo o escopo vai ser caminhar em busca da essência da verdade como fundamento definidor da existência. No contexto a meta será analisar a reflexão que Heidegger opera a partir do pensamento embasado na ‘ideia de bem’ feita por Platão. A abordagem utiliza o texto clássico da “Alegoria da caverna”, presente no livro VII da República, para explicar o processo da *Alétheia*, de desvelamento e ascensão nos degraus das ideias, bem como a própria *Paidéia*, a formação do homem grego. Na sequência do capítulo vamos estudar alguns recortes valiosos do texto *Sobre a essência da verdade*.

A princípio, dialogando com a doutrina da verdade em Platão, recorda-se a história imaginária de homens que moravam no fundo de uma caverna como agrilhoados de costas para a entrada. Tudo o que eles enxergavam eram as imagens que refletiam na parede do fundo vindas da fenda que dava para o exterior. A percepção dessas imagens também só era possível pela pequena claridade da fogueira que os aquecia. Para eles a realidade estava na

percepção daquelas sombras. Até que um deles percebe-se liberto diante do lume do fogo, se solta das correntes e consegue sair da caverna. Então, a partir dali, chega a contemplar a beleza, o bem e a verdade do mundo. No início encontra dificuldade com a luminosidade do sol, há estranhamento com as formas perfeitas, nítidas e com a exuberância das coisas. Mas, paulatinamente se acostuma. Depois dessa experiência resolve retornar para a caverna e contar a nova ótica da verdade aos outros agrilhoados. Contudo, eles não acreditam, nem aceitam, preferem o comodismo de ficar ali e o criticam, rebatem, o perseguem e até usam de violência. Tanto o sair da caverna, como retornar para ela mostram-se como caminhos difíceis, exigentes e arriscados. É o preço que a atitude de questionar pode trazer, bem como o risco constante que a liberdade pode ocasionar.

Depois dessa síntese apresentada, importa destacar para Heidegger alguns pontos entrelaçados, a saber: a reflexão sobre os processos de saída e retorno à caverna, a questão da verdade, a *Paidéia* e a doutrina das ideias. Quando Platão fala sobre a saída da caverna e depois o retorno a ela, destaca-se a conjuntura de um processo que exige muita resiliência, adaptação e adequação às mudanças, sobretudo, no que tange ao sentido da visão e a força da alma. Pois nesse contexto da sua doutrina, a filosofia ou o filosofar começa pelo espanto, pela contemplação do mundo suprassensível, que vai guiar a presença no mundo sensível. Evidente que ao sair da caverna o agrilhoadado liberto ficará meio que cego pela luz do sol. E só aos poucos vai conseguir abrir os olhos, se ambientando e realmente se preparando para ver. E com o tempo e dedicação vai aprendendo sobre a verdade para além das sombras que antes via. Mas também vai entender que não dá para ficar o tempo todo no mundo das ideias perfeitas. Ao passo que é urgente ascender, também se faz necessário descer. Logo, precisará retornar à caverna, encontrar seus semelhantes e interagir no espaço antes corriqueiro da vida. Sobre esse movimento Heidegger explica que:

Isto significa o seguinte: a partir de um não-saber quase não percebido, o homem pode chegar até lá onde o ente se lhe mostra de maneira mais essencial, lá onde, de imediato, ele não está amadurecido o suficiente para o essencial; ou o homem também pode decair da atitude de um saber essencial, descendo para o âmbito no qual predomina a presumida realidade, sem estar em condições de reconhecer como o real o que aqui é corriqueiro e usual. (HEIDEGGER, 2008, p.228).

Dito isto, a caverna simboliza esse lugar do não-saber ideal, onde o ente ainda se mostra encoberto. O conhecimento está oculto nas sombras. A saída da caverna reflete a superação de mostrar o ente de forma mais perfeita e reluzente. Contudo, de modo imediato fica impossível apreender o essencial pela dificuldade intensa da própria luz. Ao passo que

também é desajustado voltar para a caverna e se adequar à vida usual que se leva nela. A liberdade conquistada pelo agrilhado o coloca ainda mais intensamente num estado de estranhamento, de angústia e inquietude em face das situações que o interpelam. Entretanto, é preciso se acostumar prudentemente aos momentos e circunstâncias. “Mas por que é que em cada âmbito a adaptação deve ser constante e lenta? Porque a transformação concerne ao ser homem e, por isto, se realiza no fundo de sua essência”. (HEIDEGGER, 2008, p.228). Portanto, essa adaptação se refere à própria educação integral (*Paidéia*) do homem no que ele é, qual seja, ente em formação contínua inserido na dinâmica do tempo e do espaço. E nessa educação traz junto sempre a totalidade do que vivencia, ou seja, a experiência da realidade que absorve, pensa e projeta. Assim se faz urgente aprofundar a compreensão da existência em sua morada no mundo sempre em transformação.

A Alegoria da caverna é um convite à reflexão sobre nossa morada fechada por paredes de terra e simultaneamente aberta para a clareira do mundo, na busca da verdade, entendida como *Alétheia*. Entretanto, essa por si só não é a chave hermenêutica central da mensagem. A mesma se encontra nesse entrelaço com a *Paidéia*, entendida como processo aberto e permanente de formação e adaptação aos níveis e circunstâncias do descobrimento mais essencial do ente. E nesse jogo, reitera Heidegger, que “a essência da “formação” tem suas raízes na essência da verdade”. (HEIDEGGER, 2008, p.234). E como a verdade é explicitada aqui como desvelamento do ente, a formação do homem se fundamenta nessa fenda para a luz do descobrimento do seu poder-ser.

Na análise do texto, Heidegger destaca os quatro níveis ou estágios, que o agrilhado liberto experimenta na sua *Paidéia* e no caminho aberto da *Alétheia*. Quais seriam então essas etapas? No primeiro nível ele se encontra preso no fundo da caverna como todos os outros. Tudo ainda mostra-se coberto e disforme. O que enxerga são apenas sombras. Está preso nas correntes do medo e da ignorância que tomam conta do seu horizonte. Contudo, infere-se que, de uma maneira misteriosa, por um apelo profundo, por uma carência insaciável, brota em seu âmago um desejo, uma intuição pela novidade. O sonho de mudança e luz para além de uma explicação lógica. Pois, de que outra perspectiva ele iria se soltar e buscar um prisma diferente de si e do seu entorno?

No segundo nível ele consegue fisicamente se libertar das correntes. Porém, continua dentro da caverna, embora agora já possa se virar e locomover. Quando o faz, contempla direto o fogo e sente dificuldade de ver e avaliar a situação. Outrora virado de costas, “aqueles que antes só olhavam para as sombras chegam, assim”, (...) “tanto mais perto do ente”.

(HEIDEGGER, 2008, 231). Assim, fica desnorteado e perdido agoniado com a situação. Já se encontra livre, mas não consegue discernir a liberdade e nem entender o sentido dos aspectos apresentados.

Somente no terceiro nível quando consegue sair da caverna e contemplar a luz radiante do dia, ele experimenta essencialmente a liberdade e percebe o ente em sua forma mais desvelada como realmente é, qual seja, o aspecto essencial da ideia.

O aberto e livre, para o qual foi transposto agora o liberto, não quer dizer o ilimitado de uma mera amplidão, mas a concisão limitante da claridade que resplandece à luz do sol, que também é contemplado. As visões daquilo que as próprias coisas são, as ideias, constituem a essência em cuja luz se mostra todo ente singular como este ou aquele, em cujo mostrar-se aquilo que aparece se mostra primeiramente de maneira desvelada e acessível. (HEIDEGGER, 2008, 233).

Na sua morada sob a clareira do sol, o homem liberto, agora considerando seu estágio aberto e livre consegue contemplar o que as coisas são, em suma, ideias. E estas possibilitam em sua luz essencial tornar visível, conhecer e significar todo ente singular no mundo. É pelas ideias que os entes são desvelados e aparecem na essência o seu aspecto.

No entanto, como foram citadas acima, todas essas transições não são simples e rápidas. Haja vista que a educação do homem (*Paidéia*) perpassa muitos estágios, limites, desafios e mediações. Embora a existência seja essencialmente um poder-ser na liberdade do projeto que se é, sua construção precisa assumir um norte a seguir, definir e conquistar o que se quer ser no horizonte aberto fundado na verdade que orienta o mundo. E como o ser-aí é estruturalmente coexistência e relação, vale a pena comentar um pouco a seguir sobre o quarto nível da Alegoria.

Após alcançar o mundo da luz e da realidade verdadeira das ideias, o homem liberto retorna para a caverna no intuito de libertar os outros cativos e contar-lhes sobre o que é a verdade fora da caverna. Evidentemente, que será um empreendimento cheio de perigos, tais como, o de se perder na caverna com sua rotina convencional na qual todos os demais seguem sem questionar. A rejeição dos que não acreditam em seus enunciados e nem querem sair da sua realidade costumeira. O risco de ser atacado até com violência por ser diferente e ousar pensar valores e saberes revolucionários para além das imagens que todos os agrilhoados se limitaram a conhecer.

Enfim, nesse retorno à caverna, o outrora cativo e agora livre, teria que enfrentar no encontro com os outros agrilhoados diversos perigos, desafios e embates ligados a decisões políticas, morais e filosóficas. Entretanto, o maior problema será aprender a lidar com o

conflito existencial e metafísico, acerca da dinâmica do velamento da caverna e do desvelamento do ente possível pela saída dela sob a clareira do sol. A alma pode ficar dilacerada e relutante com a situação? De fato, vai exigir esforço, introspecção e ascese para lidar com os dilemas e crises. Pois, à medida que vai compreendendo e sentindo o apelo da *Alétheia*, se enaltece o horizonte da abertura ascendendo em direção às ideias, como também à ideia das ideias, denominada, como sumo bem.

A Doutrina de Platão sobre a verdade retrata esse tema colocando-o na esteira da essência da ideia como condição do Ser e existir. É pela ideia que as coisas são manifestas, presentificadas e aparecem em seu aspecto. Assim Heidegger analisa a perspectiva platônica:

A essência da ideia reside no caráter de luminosidade e visualidade. Essa realiza a presentificação, a saber, a presentificação daquilo que é cada vez um ente. No o-que-é do ente, o ente a cada vez se apresenta. Presentificação, porém, é efetivamente a essência do ser. É por isto que, para Platão, o ser possui sua essência própria no o-que-é. (HEIDEGGER, 2008, p.237).

Portanto, o desvelamento da essência da ideia está no seu aparecer iluminado. A verdade revela-se como a significação gradativamente presente e manifesta de um ente naquilo que ele é essencialmente o-que-é. Sua doutrina advoga a ideia como fundamento plausível do Ser e vereda para pensar a realidade das coisas. “Por isto, pensadas de maneira grega, as “ideias” prestam-se para que alguma coisa apareça naquilo que é e, assim, possa vigorar em sua consistência”. (HEIDEGGER, 2008, p.239). As ideias veiculadas por enunciados, palavras feitas imagens luzentes, dão vida e consistência a tudo que existe, ou assim como possa vir a existir diante do poder da visão e das “janelas da alma”.

A obra de Platão foi decisiva para a Filosofia ocidental. “O começo da metafísica no pensamento de Platão é ao mesmo tempo o começo do “humanismo”. (HEIDEGGER, 2008, p.247). Indubitavelmente, em especial, a teoria das ideias ocupa um lócus privilegiado na *Paidéia*, na educação grega, ao passo que, também tem um espaço de grande vigor na história ocidental. “É pela doutrina das ideias que se determina toda presença espiritual do ocidente até os dias de hoje. Também o conceito de Deus surge da ideia, também as ciências naturais se orientam por ela”. (HEIDEGGER, 2012, p.160). Assim, tudo de alguma forma está vinculado às ideias. A engrenagem do pensamento e da linguagem acontece pelas ideias que alimentam o espírito humano para ser, pensar, estar e criar seu mundo de sentido para viver. Das coisas mais simples (como uma pedra) às mais complexas (como Deus, por exemplo), são orientadas e explicitadas pelas ideias. Em Platão a formação do homem tem no âmago das ideias sua fundamentação determinante.

Entretanto, segundo a interpretação de Heidegger o problema central deixa a perspectiva da verdade como *Alétheia* de lado e reconduz a teoria das ideias como a verdade do ente descoberto. “Mas, então, a “alegoria da caverna” não trata propriamente da *Alétheia*? É claro que não. E, no entanto, continua válido dizer: essa “alegoria” contém a “doutrina” platônica da verdade, pois se fundamenta no processo tácito do assenhorear-se da *Idéia* sobre a *Alétheia*”. (HEIDEGGER, 2008, p. 242). A prioridade platônica consiste em atribuir a verdade e a qualidade da formação do homem na dialética de ascendência ao mundo das ideias inteligíveis. À medida que se cresce na contemplação mais desvelada do ente a verdade aparece e o pensamento vai adquirindo a retidão. Conseguir “ver” a correspondência da ideia em relação ao ente será a efetivação da verdade.

Portanto, Heidegger ao analisar a doutrina de Platão sobre a verdade destaca o mérito da sua obra, e, simultaneamente, questiona o caminho trilhado por ele na guinada feita no afastamento da questão originária colocando a ideia como fundamento de Ser.

A *Alétheia* põe-se sob o jugo da *Idéia*. Na medida em que afirma que a ideia é a senhora que permite o desvelamento, Platão está fazendo remissão a algo não dito, a saber, que daí em diante a essência da verdade não se desenvolve propriamente como essência do desvelamento a partir da plenitude essencial própria, mas se desloca para a essência da *Idéia*. A essência da verdade abandona o traço fundamental do desvelamento. (HEIDEGGER, 2008, p. 242).

Então, na visão platônica, seria a ideia a senhora doadora para ver e desvelar a realidade do ente como ele é em seu aspecto essencial. A *Alétheia*, a verdade original, fonte de toda doação e descoberta pelo ser-aí, foi esquecida ou subjugada no conceito de ideia.

Em suma, a questão da verdade nesse estudo ligado a Platão procura explicitar o processo ideal formativo da sua teoria. É pelo espanto, pelo surpreender-se, pela dúvida intuitiva, que de uma forma geral, se começa a filosofar. Bem como é pelo desvelamento aclarado das ideias como condição de sentido, que os entes podem aparecer em seu aspecto real e vigorar na educação contínua do homem livre (*Paidéia*), na construção de saberes e valores e na habitação humana no mundo. A obra platônica foi fundamental na Filosofia e no pensamento humanista, embora tenha, de acordo com o questionamento de Heidegger, colocado a *Alétheia*, a essência da verdade como submissa ao poder da ideia como princípio do desvelamento do ente e força motriz des-encobridora do mundo.

2.2 - Prismas convencionais sobre a Verdade

Após trazer uma noção sobre a verdade na perspectiva da essência da ideia em Platão, como aspecto formal que aparece e se atualiza, vamos apresentar alguns elementos pertinentes

no que tange ao seu entendimento pela tradição e pelo senso comum. Na sequência perscrutar os argumentos e tópicos sobre o que Heidegger advoga como essência da verdade, a partir do texto *A essência da verdade* escrito em 1930 e visto como um marco da virada no seu pensamento. Algumas proposições estão diretamente relacionadas e complementares à teoria, em que ele havia exposto no parágrafo 44 de *Ser e tempo* e referenciadas no presente estudo acima.

Já no início do texto, ele reitera a urgente busca pela essência da verdade para melhor se apropriar da realidade e se alicerçar em um pensamento radical. Levanta questionamentos advindos do “bom senso”, se, por ventura, tal escopo não seria abstrato e infrutífero; se a filosofia não seria a ciência inútil, de coisa nenhuma, afastada do real por se preocupar com a essência, julgada como desconectada da vida. Então, ele esclarece que “um pensamento radical voltado para o real deve aspirar, primeiramente e sem rodeios, a instaurar a verdade real que hoje nos oferece medida e segurança contra a confusão da opinião e do cálculo”. (HEIDEGGER, 2008, p.189). Quando se fica na superfície da vida e se foca nas tarefas, em tese, de fato úteis, produtivas e rentáveis, dificilmente vai haver interesse, tempo e energia para pensar a essência das coisas. Ao passo que a tendência é simplesmente desdenhar quem faz isso, no caso, os amantes loucos da Filosofia. Contudo, somente o questionamento radical pela verdade vai oferecer segurança, luz e direção para caminhar no chão desse mundo e reconstruir nossa morada encoberta pelos matizes do progresso, pela tecnociência moderna e pelo imperativo do capital.

Heidegger faz refletir e instiga a não descartar o modo de compreensão do senso comum. Pelo contrário, estamos no senso comum e nos movemos em suas preocupações e ocupações cotidianas. Entretanto, alerta para não se alienar, nem cair na superfície banal das coisas e, doravante, procurar avançar em seus problemas.

Além do mais, nós mesmos nos movimentamos no nível de compreensão do senso comum, na medida em que nos cremos em segurança no interior das diversas “verdades” oriundas da experiência de vida, da ação, da pesquisa, da criação e da fé. Nós mesmos participamos da revolta do “óbvio” contra tudo o que exige que ele seja posto em questão. (HEIDEGGER, 2008, p.190).

Assim diz que somos ou seremos coniventes com o senso comum, sobretudo, quando não nos afastamos dele e passamos a reproduzir a ideologia e o paradigma trivial dominante, amiúde, alienado e difuso, pobre de mundo significativo. Vivemos no senso comum, mas não podemos nos confundir com ele. Faz-se urgente superar teoricamente os juízos subjetivos de experiências informais, de opinião e de crença. Não dá para fugir do bojo sociocultural em

que estamos inseridos, ao passo que precisamos avançar, desconstruir e restaurar os fundamentos verossímeis para bem viver e coabitar. Faz-se urgente questionar, criticar o que parece “óbvio”, habitual e certo.

De fato, essa postura é peculiar na hermenêutica heideggeriana. Conversa com todos e não despreza, nem refuta bruscamente a manifestação de nenhuma conversa que seja viável. Uma lição filosófica imensurável é aprender a equacionar e dialogar com a tradição, com outros pensadores, eventos e circunstâncias. Cultivar a postura de interrogação atenta e manter o fluxo ascendente do pensamento e da linguagem. Em nossa atualidade interpessoal percebe-se que o exercício do debate profícuo para edificar ideias e gerar conhecimentos está em crise profunda, principalmente devido ao fechamento dogmático da suposta verdade instaurada, promotora de segurança e certeza. Não se aceita o contraditório, a dúvida e a diferença. Assim o debate restringe-se a provar quem está certo, consegue persuadir e rebaixar o interlocutor. Nesse viés o diálogo fica estéril e pode-se cair na verdade nebulosa do senso comum.

Entretanto, antes de mergulhar em busca da essência da verdade, se faz didático explicar algumas concepções correntes na tradição. “Esta palavra ‘verdade’ tão sublime e, ao mesmo tempo, tão gasta e embotada designa o que constitui o verdadeiro enquanto verdadeiro. O que é ser verdadeiro? (...) O verdadeiro é o efetivamente real”. (HEIDEGGER, 2008, p.191). Nessa passagem, basicamente a ideia é fazer a distinção entre o que é falso e verdadeiro numa linha de concordância entre o enunciado e o objeto. Mostrar o devido acordo entre o conhecimento e a coisa averiguada. Por exemplo, conferir efetivamente se a nota de cem reais não é uma cópia falsificada, se a caneta é azul realmente, se o ouro é autêntico, se a água está limpa e própria para consumo etc. Nestes casos o pressuposto se baseia em análises empíricas sem tanto esforço intelectual, o que já deixa brecha exigente para aprofundar sempre mais.

Heidegger faz questão de destacar a dupla configuração nesse entendimento da concordância, contemplando a verdade da coisa, a acepção essencial da mesma. Como também se o enunciado está de acordo e se consolida verdadeiro o que se diz da coisa. Essa reflexão converge para a definição tradicional de que “*Veritas est adaequatio rei et intellectus*. Isto pode significar: a verdade é a adequação da coisa com o conhecimento. Mas pode-se entender também assim: a verdade é a adequação do conhecimento com a coisa”. (HEIDEGGER, 2008, p.192). Assim fica explícito a concepção tradicional de verdade como concordância, como acordo harmonioso do enunciado entre o pensamento e o objeto.

Deveras, é uma explanação importante, todavia, será que adentramos na clareira da sua essência? Ainda se faz preciso questionar com rigor o significado da “concordância”.

Esse termo é plural, com diversas acepções cabíveis ligadas à igualdade de coisas, semelhança, proporção, forma e finalidade. Pode-se citar, como exemplo, o formato e o material de moedas, uma possível comparação entre elas, o valor de mercado, o que elas representam de fato, etc. No geral o escopo é estabelecer formas de concordância no bojo do enunciado explicitando o objeto em destaque. O que vai fazer a diferença no entendimento é a relação construída enquanto fundamento da adequação e da representação.

A adequação não pode significar aqui um igualar-se material entre coisas desiguais. A essência da adequação se determina antes pela natureza da relação que reina entre o enunciado e a coisa. Enquanto essa “relação” permanecer indeterminada e infundada em sua essência, toda e qualquer discussão sobre a possibilidade ou impossibilidade, sobre a natureza e o grau desta adequação se desenvolve no vazio. (HEIDEGGER, 2008, p.195).

Portanto, é notório que a concordância depende da natureza da relação construída. De como acontece o processo de adequação e simbiose entre termos desiguais, que nunca serão a mesma coisa. Não é uma questão tão simples como pegar dois ingredientes e bater no liquidificador até virar uma massa uniforme e homogênea. Para Heidegger o que importa nesse contexto é entender e descortinar a essência da relação e do acordo simbólico evocado pelo enunciado entre o pensamento e a representação do que é e se fala da coisa em si. A possibilidade de representar mostra-se pertinente e propriamente basilar para compreender a relação entre o pensador, objeto indeterminado e o pensar que o determina a partir do que é. Mas, ao representar, coloca em jogo o que representa e o que é representado. E este nunca é totalmente exposto e claro. Persevera um contraposto que se esconde e escapa. A representação feita pelo enunciado abarca a não-verdade que se preserva na coisa e evoca o aberto da verdade a ser representada pelo modo próprio de ser com e junto ao ente sempre presente.

A ligação do enunciado representacional com a coisa é a realização daquela relação que se realiza, originariamente e cada vez, como o desencadear de um comportamento. Todo o comportamento, porém, se caracteriza pelo fato de estabelecido no interior do aberto, sempre e a cada vez junto àquilo que é manifesto enquanto tal. Somente aquilo que, assim, no sentido estrito da palavra, está manifesto foi experimentado precocemente pelo pensamento ocidental como aquilo que está presente e já, desde há muito tempo, é chamado “ente”. (HEIDEGGER, 2008, p.196).

Como ele corroborou, todo o dizer sobre a concordância deve se fundar na essência da adequação relacional edificada. Sem isso previamente posto o discurso pode se esvaziar e cair no vento por não ter raízes. O enunciado no âmago da linguagem configura essa conjunção fundamental do comportamento do ser-aí lançado e aberto na construção do mundo e na vida presente. Esta é pensada e experimentada a partir e junto aos entes no interior da clareira do ser na circunscrição cotidiana e na história.

Contudo, no que tange a experiência e o comportamento, se cai na condição particular de cada ente humano. Envolve uma dimensão metafísica, mas, sobremaneira, uma dimensão fenomenológica, tendo em vista a historicidade concreta singular da presença humana. Perscrutar a verdade conforme o enunciado requer antes apreender a medida chave do comportamento enquanto abertura própria, que possibilita todo pensar e dizer. A morada fundante da verdade não está na proposição. Contudo, a fundação dela, a verdade, volta-se para a abertura singular que caracteriza o ser-aí. “É somente a partir desta possibilidade intrínseca à abertura do comportamento que a conformidade da proposição recebe a aparência de realizar a essência da verdade”. (HEIDEGGER, 2008, p.197).

Com efeito, o fundamento da possibilidade da conformidade se ancora nesse aprofundamento, nessa fenda, nessa doação que abarca e sustenta a medida vinculadora como comportamento livre. O que foi expresso na proposição ou o que foi manifesto como ente a partir do aberto se formaliza na representação.

Liberar-se para uma medida vinculadora só é possível como o ser-livre para aquilo que está manifesto no cerne do aberto. Tal ser-livre aponta para a essência até agora incompreendida da liberdade. A abertura que mantém o comportamento, como aquilo que torna intrinsecamente possível a conformidade, se funda na liberdade. A essência da verdade é a liberdade. (HEIDEGGER, 2008, p.198).

Portanto, fica esclarecido que o fundamento da conformidade está na abertura genuína que caracteriza o comportamento instaurado na liberdade. E como Heidegger defende e repete muitas vezes: “a essência da verdade é a liberdade”. O fundamento da *ek-sistência* é o ser livre, a liberdade é a própria verdade. Tal afirmação certamente gera surpresa, dúvida e exige mais meditação.

2.3. A essência da liberdade.

No início do texto *A essência da verdade*, Heidegger mostra-nos que “a pergunta acerca da essência afasta-se de tudo isto (a saber: a visão tradicional da verdade) e dirige o seu olhar para aquilo que unicamente caracteriza toda verdade enquanto tal”. (HEIDEGGER,

2008, p.189). O propósito cardinal é mergulhar no que realmente é a verdade. E ele endossa que “A essência da verdade é a liberdade”, porém, qual seria então a essência da liberdade? Pois, para entender a verdade, ele antes necessita esclarecer o que é a liberdade.

A meditação sobre a conexão essencial entre a verdade e a liberdade leva-nos a perseguir a questão acerca da essência do homem segundo uma perspectiva que nos garantirá a experiência de um fundamento essencial oculto do homem (do ser-aí), e isto de tal modo, com efeito, que essa meditação nos transporta primeiramente para o âmbito no qual a essência da verdade se essencializa originariamente. (HEIDEGGER, 2008, p.199).

Dessa maneira a conexão essencial entre a verdade e a liberdade conduz inexoravelmente para a compreensão de quem e como é o homem. Bem como emerge o desejo de perscrutar o fundamento originário do ser-aí que possibilita a essência da verdade. E esta se refere à liberdade como base, chão e caminho viável da conformidade e da potencialidade do enunciado.

Entretanto, ainda persiste a questão: o que é realmente a liberdade na perspectiva de Heidegger? E ele responde: “A liberdade foi primeiramente determinada como liberdade para aquilo que é manifesto de um aberto”. (HEIDEGGER, 2008, p.200). Resposta metafísica carente de esclarecimento. O que de fato queria explicar? No contexto geral desdobra-se na acepção do modo genuíno próprio do ser-aí. É pela liberdade característica da sua abertura que o homem se abre e possibilita a manifestação do ente, assim como dos seus sentidos. E ele complementa dizendo: “A liberdade em face do que se manifesta no interior do aberto deixa que cada ente seja o ente que ele é. A liberdade revela-se, então, como o que deixa-ser o ente”. (HEIDEGGER, 2008, p.200). Evidente que a expressão ‘deixar-ser’ não significa um jogar ao acaso, um desprezo enquanto não ligar para aquilo e largar para lá. Deixar-ser reflete a experiência positiva de “entregar-se ao ente” para seu descobrimento. Ou seja, o ente é desencoberto pela força doadora da liberdade promotora de vida. É no interior do aberto que se vai deixar-ser o ente trazer e permanecer o que ele é. Portanto, a liberdade é, sobretudo, deixar-ser o que o ente é ou o que pode ser em sua essência pela abertura fundamental do Ser do sendo.

A concepção central do termo “abertura” (tantas vezes reiterada, diga-se de passagem) revela praticamente a essência do ser-aí sem uma definição ideal conclusiva. O ente humano é singular no que tange ao seu estar lançado no mundo sempre na possibilidade de ser o que puder. No parágrafo 29 de *Ser e tempo* Heidegger apresenta esse fenômeno meditando sobre a *Stimmung*, traduzida em suas variações de palavras, como afinação do humor ou tonalidade

afetiva, retratando justamente esse “modo existencial fundamental, através do qual o *Dasein* se abre a si mesmo” (AGAMBEN, 2017, p.73). A partícula ‘Da’ do *Dasein* ou na tradução usada aqui, o seu ‘Pre’ da presença, retrata justamente a sua estrutura primordial como ser-no-mundo, inserido e abandonado nesse interstício inefável entre o nascimento e a morte. Dessa maneira explica Heidegger:

O ente que possui o caráter de presença é o seu ‘pre’, no sentido de dispor-se implícita ou explicitamente em seu estar-lançado. Na disposição, a presença já se colocou sempre diante de si mesma e já sempre se encontrou, não como percepção, mas como um dispor-se numa afinação de humor. (HEIDEGGER, 2015, p.194).

A presença ou o ser-aí só é no mundo, sempre disposta e lançada no abismo da existência faminta de afeto, sentido e luz para poder caminhar. Na pré-disposição ou na sua disposição peculiar ela se encontra com aquilo que é; uma afinação de humor como abertura fundamental, sendo na liberdade possível, que é o coração da verdade. “Mais do que estar em um lugar, poderemos então dizer que a afinação de humor (*Stimmung*) é o próprio lugar da abertura do mundo, o próprio lugar do Ser”. (AGAMBEN, 2017, p.73). Logo, a afinação do humor mostra-se como uma chave hermenêutica para entender a fonte originária do Ser. Ela é o lugar da abertura primordial em relação ao mundo. Mas um lugar que não significa um espaço físico em que se instala, porque desde sempre está desorientado e jogado na existência a descobrir. “O homem é, pois, sempre antecipado por sua própria abertura ao mundo”. (AGAMBEN, 2017, p.75). Essa abertura é uma marca ontológica primordial da constituição própria da presença como curadoria. - Como já foi mencionado acima, o termo cura tem, aproximadamente, os seguintes significados: “Ser-no-mundo”, “anteceder-a-si-mesmo-já-em-um-mundo-encontrado”, “esforço angustiado”, “predisposição”, “projeto projetado”, “afinação de humor”, etc. – A abertura revela a exuberância misteriosa do nada. O abismo em que o homem habita, ao passo que o abismo mora em sua condição mais profunda. A angústia indelével que possibilita tudo vir a ser, enquanto potência do desvelamento e do traço-fenda que marca, propicia toda a capacidade humana de pensar, falar, fazer, mediar e criar um mundo de sentido para viver e coexistir.

Viu-se que a afinação de humor ou tonalidade afetiva é explicada por Heidegger como oriunda da abertura. Esta pode ser mais bem compreendida quando entrelaçada primordialmente ao conceito de angústia. Esse termo é bem conhecido e usual na vida das pessoas de um modo geral. Na ótica do senso comum, de repente, pode ter as seguintes conotações: ansiedade, desequilíbrio psicossomático, anseio desmedido, uma inquietude desmedida em relação a algo, um temor em face de algum perigo ou ameaça etc. Nessa linha

percebe-se uma visão negativa e temerosa na vida cotidiana. Contudo, para Heidegger, a compreensão seria mais complexa e estrutural. Porém, como ele a interpreta? Na sua análise ele diz assim: “A angústia coloca o ser-aí diante do seu estar-lançado mais próprio, desvelando a estranheza do ser-no-mundo cotidiano e familiar”. (HEIDEGGER, 2015, p.429). O ser-aí está inexoravelmente submerso ou nadando no mar fluído da angústia, como está lançado no mundo e descobrindo, estranhando e edificando o tempo todo seu ser-no-mundo. Essa edificação é contínua até o fim cabal da morte. Ela também é atravessada essencialmente no ser-para-a-morte. A morte é a experiência culminante da existência. Pensar e ter consciência dela, inexoravelmente, é se fitar no espelho da angústia. Sentir o abismo sugando para o lugar nenhum do que não existe. Deliberar sobre a finitude desperta as afecções do temor, do medo, bem como do cuidado e da responsabilidade com o dom frágil da vida.

Estamos suspensos, entregues à angústia, sentindo-a e experimentando-a de formas variáveis, integrais e perenes. Ela que torna manifesto o “nada de coisa nenhuma”, que o homem é e não é no seu entre ser livre como projeto para o infinito. Em outra citação de *Ser e tempo* Heidegger acrescenta:

Na presença, a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser-livre para a liberdade de escolher e acolher a si mesma. A angústia arrasta a presença para o ser-livre para... (*propenso in...*), para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é. A presença como ser-no-mundo entrega-se, ao mesmo tempo, à responsabilidade desse ser. (HEIDEGGER, 2015, p.254).

Por conseguinte, a angústia mostra a condição aberta para o ser no poder-ser perene que é o ente humano, enquanto pura liberdade que precisa entender, acolher e assumir com sabedoria e responsabilidade quem ele é. Também carece compreender a urgência das escolhas que a existência já confere em si mesmo pela dádiva de existir, coexistir e habitar nesse universo (multiverso) natural, social, orgânico e sagrado. De fato, nesse prisma fenomenológico, a angústia não tem um peso moral negativo. Todavia, ela é característica crucial do ser-aí na liberdade que possibilita o desvelamento significativo do ente e do mundo. A angústia mostra-se enigmaticamente como um vazio de onde tudo se torna possível. Uma fonte inesgotável de criação e geração de ideias, símbolos, utensílios e produtos para sua subsistência. Também pode assemelhar a um desejo intenso de sentido, afeto, sonhos e saber para existir e se tornar quem sempre já é na possibilidade adiante do tempo.

A liberdade é inseparável ou impensável sem a angústia. Ela reflete a transcendência para a exposição junto ao ente, para o seu caráter peculiar de ek-sistente, ou seja, de persistir

em sua existência sempre carente, lançada e proeminente. Para Heidegger, “a liberdade é o abandono ao desvelamento do ente como tal. O caráter de ser desvelado do ente se encontra preservado pelo abandono ek-sistente”. (HEIDEGGER, 2008, p.201). É por esse abandono que o Ser-aí (*Dasein*) é o que ele é desde sempre, aberto, predisposto e persistente como projeto em perene construção. O desvelamento do ente acontece devido a esse caráter de estar sempre entregue à angústia e na *ek-sistência* desamparada e livre.

Quando Heidegger fala sobre estar imerso ou submerso no “abandono ek-sistente”, ele destaca o fundamento do homem (não fundado) ek-sistente como *ser-no-mundo*, ou *ser-aí* jogado na existência enquanto movimento permanente de busca, de compreensão, de construção do mundo e da própria existência. Desdobra-se outro conceito interessante na sua hermenêutica a se questionar junto: o que significa existência?

“Existência” não significa aqui *existentia* no sentido da ocorrência e do “estar presente” (ser subsistente) de um ente. “Existência”, porém, também não significa aqui em termos “existenciários” o esforço moral do homem em torno de seu si próprio, um esforço baseado em uma constituição psicofísica. A ek-sistência enraizada na verdade como liberdade é a ex-posição ao caráter desvelado do ente enquanto tal. (HEIDEGGER, 2008, p.201).

Como foi visto, a concepção da existência aqui não é o mero estar presente no mundo e nem ter uma vida biológica, material e social moldada nos liames da realidade. A compreensão da existência se baseia na verdade como liberdade, como movimento de estar lançado e aberto ao desvelamento do ente. A existência ou ek-sistência reflete o que o homem essencialmente é no seu devir, no seu poder ser, enquanto modo de ser-no-mundo construtor da sua realidade sempre adiante. A verdade da ek-sistência converge para o ser-livre, para o abismo complexo da liberdade que configura fundamentalmente a essência da presença humana inserida no processo permanente de descobrimento.

E como o ser-aí, a presença (*Dasein*), está fundamentalmente no tempo e no espaço se estruturando como ser-no-mundo concreto, cíclico e circunscrito, consequentemente será histórico. E como ele faz a história e por ela e com ela também se faz junto? Fazer história é um atributo basilar da existência humana. Tudo que o homem realiza de alguma maneira está impregnado de história, seja na atualidade do passado que nunca passa, pois a memória é referência para sustentar o pensamento. Seja no devir do instante, orientando para o vindouro presente do porvir. Mas a história teria uma gênese singular? De qual concepção de história está se deliberando? Segundo Heidegger, a “ek-sistência do homem histórico começa naquele instante em que o primeiro pensador é tocado pelo desvelamento do ente e se pergunta o que é

o ente” (HEIDEGGER, 2008, p.201). Assim, foi por meio do primeiro pensador que, ao ser interpelado pelo descobrimento do ente, se colocou a pensar o que de fato ele realmente era ou o que é. Esse foi o passo inicial do homem histórico tocado pelo Ser segundo a essencialidade da própria condição humana. Ao passo que o ente, ou os entes em um plano geral, foram pensados, significados e utilizados, a história foi sendo instaurada, projetada e permanecida nas formas de registro e memória.

2.4. A verdade e o deixar-ser o ente

Uma referência valiosa nesse cenário fenomenológico foi o pensamento poético de Parmênides, no qual se deu uma reflexão pelo que é e o que não é. E o ser é, e o não-ser não é. Nesse jogo acontece o desvelamento do ente. Porque o Ser é sempre ser de um ente. Não existe um sem o outro. Andam juntos em harmonia ativa e significativa. Entretanto, está claro o que é o “ente”? Retomando o que já foi citado acima, “chamamos ‘ente’ muitas coisas e em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos” (HEIDEGGER, 2015, p.42). O “ente” é para a Filosofia tudo o que há e é, tudo o que tem uma configuração, seja material ou ideal. Refere-se a tudo o que existe, que pode ser pronunciado, pensado, sentido e percebido. A título de exemplo podemos citar como tipo de entes: palavras, sentimentos, ideias, objetos, coisas, animais, elementos naturais (pedra, água, árvore) fenômenos, ferramentas etc. Ente também é como cada presença se coloca no mundo e se projeta na realidade em processo. Praticamente é impossível pensar a questão da verdade (pela medida do termo grego *Alétheia*) e do ser sem trazer intrinsecamente o conceito de ente ou ainda no plural - entes. É uma relação indissociável e necessária. Onde o ente fizer sua morada, a verdade estará acompanhando, guardando e garantindo seu descobrimento. Veja o que Heidegger explicitou sobre essa relação essencial:

A *Alétheia* é para os gregos uma, sim, a determinação fundamental do próprio ente – algo estranho para nós hoje, sim, para todos aqueles que não são gregos, algo que só é compreensível de maneira lenta e difícil, mas que quando é compreendido, o é com uma profusão de intelecções essenciais. A resposta decisiva para a única questão dos pensadores gregos, uma questão por meio da qual eles deram início ao início do pensamento, a resposta à questão “o que é o ente?” é: ele é o *desvelamento*. A *Alétheia* como desvelamento reúne em si o sentido originário grego da palavra originária *Physis*. Pois essa palavra significa: aquilo que desponta por si mesmo, se desdobra e vigora, tal como a rosa desponta e, despontando, é o que ela é – o ente enquanto tal, assim como um grande lance de olhos que se abre e, vigendo aberto, só pode repousar uma vez mais em um olhar que o acolhe. (HEIDEGGER, 2017, p.169).

Desta forma o ente só será a partir do seu desvelamento. A *Alétheia* é a própria potência de descobrir, que se “desdobra e vigora” sob o olhar livre e acolhedor do guardião do Ser. Entretanto, viu-se que para Heidegger o ‘ente’ que merece considerável atenção e reflexão é a natureza. A *Physis* nomeada pelos primeiros pensadores gregos. “O ente enquanto tal é *Physis*” (HEIDEGGER, 2017, p.167). O ente na sua totalidade enquanto a fonte abundante do sagrado, eclosão, brotação de toda abertura genuína. O assombro diante da natureza, o espanto em face da sua complexa exuberância e a necessidade de situar-se e compreendê-la demarcam a semente do pensamento e os primórdios da história ocidental. Vale destacar aqui o protagonismo efetivo dos filósofos pré-socráticos ou pensadores da cosmologia que trouxeram originariamente a busca pelo princípio universal (*arché*) essencial da vida. Pensadores como Tales de Mileto (água), Anaxímenes (ar), Empédocles (os quatro elementos: água, ar, terra e fogo), Demócrito (átomo), Heráclito (fogo), Pitágoras (números), entre outros, se propuseram a observar e deliberar sobre qual seria a essência da natureza (*Physis*). O descobrimento do ente em sua totalidade, sua inquirição proeminente, domínio real e o lançamento desse modo de pensar científico ocidental alavancam as referências e rumos para a jornada habitável histórica do nosso mundo.

Somente o homem, como ser-aí *ek-sistente* faz história pela sua capacidade de estar predisposto na sua liberdade de deixar-ser o ente no que ele é. Ele não possui a liberdade em si mesma. Mas o homem está nela e é essencialmente liberdade geradora de vida sob a guarda do *logos*, produtora de mundo no desvelamento do ente.

A liberdade assim compreendida, como deixar-ser do ente, realiza e efetua a essência da verdade sob a forma do desvelamento do ente. A “verdade” não é uma característica de uma proposição conforme, enunciada por um “sujeito” relativamente a um “objeto” e que, então, é “válida” não se sabe em que âmbito; a verdade é muito mais o desencobrimento do ente graças ao qual se realiza uma abertura. Em seu âmbito aberto se desenvolve, ex-pondo-se, todo o comportamento, toda tomada de posição do homem. É por isso que o homem é sob o modo da ek-sistência. (HEIDEGGER, 2008, p.202).

Nota-se que a reflexão sobre a liberdade já traz em seu bojo o entendimento sobre a ek-sistência, retratada acima. Desde a publicação de *Ser e tempo* Heidegger já trazia um novo prisma para o estudo metafísico do ser-aí. A ek-sistência não se restringe ao estudo antropológico, nem a uma pesquisa humanista sobre quem é o homem. A preocupação dele é primordialmente a busca do sentido do Ser. Algo que vai perpassar inexoravelmente a urgência de compreensão do ente que pensa o Ser. De fato, é impossível compreender o Ser

fora da busca pela verdade originária e da essência do ente humano. E tal essência é a liberdade da possibilidade para deixar-ser o ente. A verdade fundamental está no desvelamento do ente.

Com efeito, como o ente pode ser desvelado? É justamente pelo modo estrutural e existencial do ser-aí humano livre e predisposto que o ente vem à tona e se configura como algo que é, que passa a existir pela dádiva do *logos*. Pela razão, pelo enunciado e pela linguagem o ente se manifesta como fenômeno real significativo, trazendo consigo a não-verdade da coisa velada. Como Heidegger citou na referência acima, a verdade não se delimita na proposição, no enunciado do pensamento em conformidade ao objeto. Essa postura se encaixa na ótica tradicional da verdade. Mas aqui importa a interrogação pela essência da verdade, que se encontra na ek-sistência, na persistência pelo movimento ascendente do nada, ao que está fora, que descobre o ente e o faz aparecer na disposição respectiva do ser-aí enquanto ser-no-mundo. “A essência da verdade é a liberdade”. O mote heideggeriano adquire sentido na possibilidade mais própria do ente humano de deixar-ser o ente, de definir e libertar a coisa antes fechada, oculta em si mesma e de trazê-la para a morada reluzente da verdade do Ser.

2.5. A essência da verdade

Heidegger repete muitas vezes em sua obra que “a essência da verdade é a liberdade”. Vimos acima um pouco sobre a essência da liberdade como fundamento abissal do nada que é o ente humano na sua carência por ser e por se fazer. Essa liberdade genuína enquanto abertura e prospecção ao horizonte da possibilidade do seu *poder-ser* mais próprio caracteriza sem definir a essência do ser-aí, sempre devedor de si mesmo. Todos e cada um foram lançados no mundo instituído e justaposto antes do nascimento. Logo, a existência e os acidentes agregados ao dom da vida não se mostram como uma questão de escolha. Como já observamos, ele não pensa a liberdade pela acepção moral. Todavia, o escopo é buscar o fundamento ontológico, a raiz que sustenta ou alimenta a planta estrutural do homem e da humanidade. A busca pela essência da verdade vai direcionar profundamente esse projeto. Entretanto, vale interrogar antes e entender melhor o que significa o termo chave “essência”. Esse conceito é um fio de ouro costurando o sentido das coisas, das ideias e da relação recolhadora e enunciativa do pensamento.

Qual é a essencialidade da essência? Ou o que significa a essência de algo? Heidegger explica: “A essência de uma coisa, por exemplo, diz-se, é aquele elemento universal e uno,

que é válido para os casos particulares e para muitos casos”. (HEIDEGGER, 2017, p.77). A essência, nessa linha de abordagem, refere-se à característica universal, indivisível e conceitual que determina e garante a compreensão daquilo que é. As coisas seriam compreendidas de acordo com a essência delas. O que se observa em uma dada situação específica adquire significado a partir da experiência inerente ao processo e da figuração da ideia. (Essa separação de termos explicativos pode ser arbitrária). Por exemplo, a essência do cavalo, destacando a ideia universal dele, sua forma, representação e significado, possibilita a compreensão de cada animal desse gênero em particular. Tem uma acepção geral e também singular. Diga-se de passagem, essa reflexão faz um paralelo com a teoria de Platão. Contudo, para Heidegger, o homem não teria essa essência definida no que tange a uma ideia universal dele. Vamos esclarecer um pouco mais com a citação heideggeriana a seguir:

A essência é aquilo a partir do que a coisa particular, e em verdade, naquilo que ela é, tem sua proveniência, aquilo de que ela se deriva. Por isso, a essência de uma coisa, isto é, do seu respectivo particular, também pode ser apreendida como aquilo “que” o respectivo particular, em certo sentido, já era antes de ter se tornado particular que ele “é”. (HEIDEGGER, 2017, p.78).

Portanto, a essência é a fonte originária, a matriz da procedência de algo para que possa aparecer na sua singularidade. As coisas, objetos e entes ao serem desencobertos e compreendidos adquirem uma marca significativa na conjuntura do mundo.

Em outra passagem Heidegger reforça a explicação teórica dizendo: “A essência de algo é aquilo que buscamos quando perguntamos: o que é isto? O que é isto aqui e aquilo lá? Uma planta, uma casa. A essência é *o-que-é* um ente”. (HEIDEGGER, 2017, p.81). A pergunta pela essência busca saber: “o que é isto ou aquilo”? Qualquer ente (casa, pedra, animal, planta) tem sua morada proveniente no que é. E o que é, configura sua vigência que se preserva, se mantém constante e real. Então a essencialidade da essência é o ser-o-que de algo, sua ideia, forma e compreensão fundamental. Essa leitura da essência feita está em consonância com o legado platônico da realidade. A ideia seria a essência de um dado ente. A ideia é um movimento oriundo da verdade do ser.

Com efeito, depois de abordar um pouco sobre a verdade da essência como algo que é, ou que define o ente no seu prover e dizer, volta-se para a reflexão da essência da verdade. Viu-se que esta foi reconhecida ontologicamente a partir do ser-aí descobridor, como liberdade, como abertura genuína e construtiva, pelo modo de comportamento ek-sistente, aberto e lançado, que viabiliza o deixar-ser, desencobre o ente e constitui o sentido. Nas palavras de Heidegger, “compreendemos a essência da verdade como desencobrimento, agora

vemos que ela acontece como processo de um acontecimento”. (HEIDEGGER, 2012, p.187). A perspectiva essencial de descobrir o que estava encoberto e significar o mundo, realmente “é o acontecimento fundamental do homem”. (HEIDEGGER, 2012, p.188). A essência da verdade não configura uma ideia, de acordo com a perspectiva mencionada acima, mas consiste no processo livre, afinado e atuante de descobrir, ou seja, de proporcionar e operar sentido em tudo o que sente, pensa e faz junto ao ente, ou aos entes.

O movimento histórico característico da liberdade do ser-aí humano o predispõe na sua relação fundamental com o ente em sua totalidade de modo afinado, ou seja, equilibrado, dinâmico, jogado e interativo. O termo específico usado por ele no texto denomina-se afinação. Ela demonstra a sinergia, a posição exposta de ‘entre-ser’ e de movimento para fora, presente e ativo na experiência junto e imersa no ente em sua totalidade. É fundamentalmente o seu modo de ser como abertura, que possibilita a lida com as coisas, com os entes e, sobretudo, a relação com os outros semelhantes. Assim ele explica:

Uma afinação, isto é, uma ex-posição ek-sistente no ente na totalidade, só pode ser “vivenciada” e “sentida” porque “o homem que vivencia”, sem pressentir a essência da tonalidade afetiva, já sempre está abandonado a essa afinação que é desencobridora do ente em sua totalidade. Todo comportamento do homem histórico é, quer acentuadamente ou não, quer compreendido ou não, afinado, e, por meio desta tonalidade afetiva, alçado para o interior do ente na totalidade. (HEIDEGGER, 2008, p.204).

Em outras palavras a afinação reflete a estrutura de *ser-no-mundo*, de *ser-com-os-outros* na experiência concreta e simultaneamente metafísica da realidade total por meio do desencobrimento do ente, na construção do sentido, manifestação, diálogo e na edificação da história. A existência (*ek-sistente*) acontece a partir do comportamento compartilhado, dinâmico, livre e prospectivo também junto à natureza. Estar afinado é acompanhar e entender os acontecimentos, é escutar o apelo do Ser no tempo e no espaço de cada época a partir do seu fundamento afundado por fazer. Mesmo sem a devida consciência e desvelo, a morada do homem está efetivamente instalada na terra e desinstalada na fenda abismal do horizonte descoberto da terra.

2.6. A essência da verdade e da não-verdade

Com efeito, além da afinação como característica própria do ser-aí *ek-sistente*, abordada no que tange a sua compreensão, a essência da verdade como *Alétheia* reflete claramente a liberdade como perene possibilidade e descoberta sempre adiante. E seu modo

próprio de ser como projeto se joga e se constrói no mundo junto ao seu nascimento. A existência se desenvolve a partir de um cosmos ordenado e da natureza em sua exuberância. Contudo, será possível conhecer o ente em sua totalidade? Pode-se perscrutar a natureza em si? A questão originária da verdade como desvelamento do ente traz inexoravelmente no seu bojo a dimensão da não-verdade, daquilo que fica velado, oculto. Só é possível descobrir algo se o mesmo estava encoberto, escondido. Mas o ente em sua totalidade mantém, a princípio, o seu velamento. Assim consta um nexu hermenêutico nesse jogo em fluxo. “O velamento do ente na totalidade, a não-verdade propriamente dita, é mais antiga do que toda manifestação de tal ou tal ente”. (HEIDEGGER, 2008, p.205). O velamento do ente na perspectiva da temporalidade histórica é condição predeterminada para a sua manifestação, relacionada ao ser-aí na escuta do *Logos*. Pois só há mundo a partir do ser-aí, somente o homem é que constrói o mundo, que cria a realidade, que guarda a verdade na sua liberdade de poder-ser e deixar acontecer os fenômenos. Portanto, apesar da ambiguidade, pode-se inferir que a não-verdade é preparação fundamental da história e inexoravelmente parte inseparável dela.

Nessa esteira reflexiva vale a pena estabelecer um diálogo com o filósofo italiano Giorgio Agamben, que, em seu livro *O Aberto - O homem e o animal*, aborda várias conexões com a fenomenologia de Heidegger e com a questão da verdade enquanto *Alétheia*. Em uma passagem pertinente sobre velamento e desvelamento ele diz assim usando outras analogias:

Em seu curso sobre Parmênides, Heidegger insiste uma vez mais sobre o primado da *lethe* em relação à ilatência. A origem da latência (*verbogenheit*) em relação à ilatência (*unverbogenheit*) permanece tão na sombra que poderia ser definida, de qualquer maneira, como o segredo originário da ilatência: “Em primeiro lugar, na palavra ilatência somos remetidos a qualquer coisa como latência. Que coisa na ilatência era antes latência, o que esconde e como a latência acontece, quando e onde por que se diz latência, tudo isso permanece indeterminado”. “Onde há latência deve ter acontecido uma ilatência”... (AGAMBEN, 2013, p.112).

Aqui nota-se que Agamben reforça o embate inerente entre o humano e o animal, entre o aberto e o fechado. Bem como vai à esteira da hermenêutica heideggeriana sobre o primado da latência, do encobrimento do ente, da natureza em sua incólume concretude em face do seu processo de ilatência, de desencobrimento e ascendência de mundo. Pela potência do pensamento o ser-aí faz aparecer o ente, abre o sentido para pensar, prover e dizer o que cada coisa é. Na latência tudo fica indeterminado e amorfo na sua naturalidade em si sem a clareira para iluminar a vida. Ao passo que na ilatência determina-se pela vigência da linguagem o ser das coisas. A *Alétheia* pode ter semelhança a uma moeda com dois lados contrários e

harmônicos na tessitura da essência da verdade trazendo junto a não-verdade. Heidegger também desperta outra perspectiva enigmática ao dizer: “Este escusar-se, ao modo do duplo encobrir-se, é inerente à essência da verdade como não-estar-encoberto. A verdade é, na sua essência, não-verdade”. (HEIDEGGER, 1998, p.55). Logo, ele exorta a essência da verdade como abismo de fundamento e descobrimento do ente. Ao passo que ainda vigora dialeticamente o encobrimento do ente. Como ele afirma: “A essência da verdade é em si mesma o arqui-combate [*Urstreitp*] em que é conquistado o meio aberto no qual o ente é introduzido e a partir do qual se retira em si mesmo”. (HEIDEGGER, 1998, p.55). Nesse combate originário entre a verdade e a não-verdade, entre o ser e o nada, o ente é manifesto pela clareira aberta do ser-aí, e também a partir de si mesmo é revelado, embora nunca de forma absoluta.

Por mais que se busque, compreenda e conceda prioridade à ilatência ou ao descobrimento do ente como essência da verdade, persevera algo que foge e escapa do seu domínio e esclarecimento total. Como vimos acima, a não-verdade está inerente o tempo todo. Caminham juntos e inseparáveis. Doravante, sempre fica algo encoberto, latente no horizonte iluminado do Ser e do vir a ser. Para Heidegger a existência humana na sua estrutura lançada como ser-no-mundo, como liberdade e projeto fundamentais é pura abertura, criação e descobrimento permanentes. E essa verdade essencial do ‘sendo’ está permeada do que Heidegger chamou de mistério. Evidentemente que não foi ele que criou esse termo. Mas o utilizou e ressignificou oportunamente em sua obra nesse contexto em que estamos refletindo. Assim, ele o diz sobre a compreensão do mistério sempre presente e nunca dominado:

O que preserva o deixar-ser nesta relação com o encobrimento? Nada menos do que o encobrimento daquilo que é velado na totalidade, do ente como tal, isto é, o mistério. Não se trata absolutamente de um mistério particular referente a isto ou àquilo, mas deste fato único de que o mistério (o encobrimento do que está velado) transpassa e impera como tal o ser-aí do homem. (HEIDEGGER, 2008, p.206).

A dimensão do mistério é intrínseca à existência humana. É como o infinito que está em toda parte e em parte alguma tangível. O mistério resguarda o que está encoberto, o que não se sabe e nem tem ligação possível de realizar. Em outra citação complementar, contida no livro *Ser e verdade*, ele assim reitera: “Encobrimento é um caráter do que nós chamamos de mistério. Todavia, encobrimento não é não-verdade no sentido de falsidade, mas antes diz o encoberto no sentido de que alguma coisa nos está escondida, vedada, mera aparência.”. (HEIDEGGER, 2012, p.188). Logo, falar sobre o mistério é se deparar com o limite do

oculto, da vedação, da aparência fora do pleno conhecimento. Isso não quer dizer mentira ou falsidade. É simplesmente dizer que a não-verdade, enquanto o que está encoberto, é inerente à existência.

A vida encobre-se no mistério. Ela também é o mistério se desvelando no porvir. Buscar a verdade também exige a serenidade de entender que não se pode conhecer e calcular tudo. Por mais que o arquétipo tecnocientífico moderno de dominação e controle da natureza e da vida esteja em curso, deveras é impossível sua plena concretização. Até é possível alcançar isso enquanto exploração e uso dos recursos naturais, mas o conhecimento perfeito e a experiência profunda da realidade ficam insondáveis para a condição humana determinar. Como é imponderável a existência sem a morada na terra, também é inexorável pensar a verdade sem abordar a não-verdade como espelho do próprio mistério. Esta é uma coluna fulcral que compõe e dispõe a estrutura complexa do ser-aí lançado no mundo com sua liberdade essencial para ser na medida das suas possibilidades em fluxo no tempo e no espaço.

E como o ser-aí se constrói e se torna quem é no seu poder-ser vindouro na medida das possibilidades, seu caminho está desimpedido e exuberante de encruzilhadas, setas, deliberações e escolhas a se fazer continuamente. Mesmo que a luz da verdade, feito um sol no horizonte, esteja apontando a direção a seguir, é impossível viver no acerto, na certeza e na verdade continuamente. Assim como a não-verdade está na essência da verdade, a incerteza e o erro estão no chão trilhado e a ser galgado da história. De fato, Heidegger foi persuasivo ao explicar que o erro é uma característica do ser-aí fático sempre a se fazer e a se projetar no mundo. A humanidade falha, vacila e erra, pois o ente humano está decaído na errância:

O homem erra. O homem não cai na errância em um momento dado. Ele nunca se move senão dentro da errância, porque insiste de maneira *ek-sistente* e já se encontra sempre, desta maneira, na errância. A errância, através da qual o homem se movimenta, não é algo semelhante a um fosso ao longo do qual o homem caminha e no qual cai de vez em quando. Pelo contrário, a errância pertence à constituição íntima do ser-aí, à qual o homem histórico está abandonado. A errância é o espaço de jogo deste vaivém, no qual a *ek-sistência* in-sistente se movimenta constantemente, se esquece e se engana sempre novamente. (HEIDEGGER, 2008, p.208).

Portanto, toda pessoa erra, se engana e se perde porque está na errância em sua passagem vital a continuamente descobrir. Assim como também acerta e faz boas escolhas, porque está no

jogo da errância solto e predisposto atuante na lida. A concepção de errância é parte íntima da condição fundamental do ser-aí e do movimento social da história.

Nota-se que errar ou cometer erros ou acertar não reflete nesse bojo deliberações morais nas atitudes. Movemo-nos na errância, porque deveras estamos soltos por aí, vagando e peregrinando inseridos no jogo das relações insistindo no movimento da existência historial em marcha. A dimensão da errância é uma característica genuína da humanidade. Como não temos uma essência pronta e definida, estamos jogados na liberdade de arriscar, de errar, de acertar no destino imponderável. Não há um roteiro pronto. Ou um caminho certo e único para seguir. No fundo estamos abandonados e sempre enganados na certeza que não temos. O fluxo errante da vida humana é uma parte primordial do ser-aí predisposto aos riscos e perigos da trajetória incerta e aberta do seu poder-ser.

Com efeito, viu-se que Heidegger argumentava que o homem é um ser de errância e contradição. A história corrobora bem tal reflexo. As histórias da humanidade e da filosofia demonstram essas contradições e errâncias continuamente. O que não tem nada de absurdo. Doravante é característica trivial do ser-aí e do ser-em-comum no mundo predisposto às mudanças e revoluções. A existência nunca estará pronta e acabada. É um projeto permanente com seus conflitos, desatinos e angústias por sentido e valor até a finitude cabal da morte. A verdade como base substancial da liberdade está nessa teia dialética contextualizada sempre em construção, cheia de acertos e erros, de luz e sombra, de descobertas e ocultamentos. Como explica Benedito Nunes sobre o §44 de *Ser e tempo*, o propósito discursivo era pensar e promover o retorno à *Alétheia* (*abertura, clareira*) na investigação da essência da verdade abrigada no *Dasein*:

A abertura do *Dasein* ao ser, que passará a chamar-se “clareira” (*Lichtung*) — o domínio do iluminado e do manifesto —, é reticulada, com zonas de sombra ou de ocultação, e o desvelamento, *fatum* da liberdade que possui o homem, é também, em si mesmo, simultaneamente, uma dissimulação ou retração. Somente aqui se completa a doutrina esboçada em *Ser e tempo*, no §44, segundo a qual o *Dasein* está na verdade e na não verdade. O destino do indivíduo prolonga-se no do ser-em-comum, realizando-se como errância, onde não cai porque sempre nela está. (NUNES, 2002, p. 30 e 31).

Portanto, a abertura do ser-aí, a verdade agora denominada como clareira que promove o desvelamento do ente, não é de todo luz e claridade. Permanece intrínseco o velamento e a sombra enquanto não-verdade. Como dizia Heráclito de Éfeso no fragmento 123, “a natureza ama ocultar-se”. O poder do *logos* por mais incrível que seja não consegue des-ocultar,

desvelar o ente em sua totalidade cabal. Como explica Heidegger: “Há uma diferença essencial entre a apreensão da totalidade do ente em si e o encontrar-se em meio ao ente em sua totalidade. A primeira é fundamentalmente impossível. O segundo, no entanto, acontece constantemente em nosso ser-aí”. (HEIDEGGER, 2008, p. 120). O Ser-aí se move e se constitui no entremeio e inserido na Terra como ser-no-mundo. Se edificando permanentemente, lançado no perigo, errante, abandonado no erro ou no acerto, interligado à não-verdade. Não dá para fugir desse jogo arriscado da errância em que o homem está desde sempre na sua liberdade. O mistério vai estar na existência humana, tanto quanto sua sede insaciável pelo descobrimento contínuo do seu poder-ser, do que é e do sentido do Ser.

2.7 A verdade do Ser

Foi visto acima que, para pensar o sentido e a verdade do Ser, primeiro se faz necessário colocar a questão sobre aquele ente que o possibilita e pensa sobre o mesmo, pois “o ser só se dá se a compreensão de ser, ou seja, se o ser-aí existe”. (HEIDEGGER, 2012, p.34). Seguimos um caminho nesse instigante desafio de pesquisar estruturalmente quem é o ser-aí e de compreender a verdade na acepção heideggeriana. Agora se faz necessário apresentar uma breve noção fenomenológica sobre o Ser, bem como a crítica que Heidegger faz sobre o seu esquecimento. Pois, segundo ele, a filosofia no decorrer da história passou a se preocupar mais com os entes e deixou sua vocação primordial de lado, qual seja, a questão do Ser.

Afirmamos, então, que o Ser é o único tema próprio da filosofia. Esta não é nenhuma invenção nossa. Ao contrário, este modo de apresentação do tema ganhou vida com o início da filosofia na Antiguidade e teve seu desenvolvimento mais grandioso na lógica hegeliana. Agora, afirmamos simplesmente que o ser seria o único tema próprio da filosofia. Negativamente, isto significa que a filosofia não é uma ciência do ente, mas do ser, ou, como indica a expressão grega, ontologia. (HEIDEGGER, 2012, p.22).

Dessa forma a filosofia é uma ciência do Ser e não do ente. Entretanto, qual é o sentido do Ser para Heidegger? Qual é a relação entre Ser e ente? Quais foram suas principais críticas sobre a verdade ou o esquecimento do Ser? O parágrafo primeiro do livro *Ser e tempo* destaca alguns preconceitos no que tange a questão do Ser: “O Ser é conceito mais universal”, “O conceito de ser é indefinível”, “É evidente por si mesmo”. (HEIDEGGER, 2015, pp. 38-39). Essas proposições aparentemente demonstram uma clareza lógica e transcendental ao afirmarem que o ser é universal, indefinível e evidente, dispensando a reflexão e encerrando o assunto. Mas para Heidegger estão muito obscuras, confusas e sem direção. Carecem de

fundamentação e questionamento. O fato é “que não sabemos o que diz Ser”. (HEIDEGGER, 2015, p. 41). E quando se pergunta: “o que é o ser?”, uma fenda para o infinito se abre na pergunta pelo que é...

Para Heidegger “o Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado, no teor e recurso, no valor e validade, no existir, no dá-se”. (HEIDEGGER, 2015, p. 42). O ser está em tudo que existe na construção do mundo que tenha sentido para a experiência da vida. É condição de possibilidade para as coisas poderem existir. Converge para a abertura ao que foi dado. Disposição para o encontro, conseguir acolher a doação da natureza. A força do ser também está na capacidade incumbida à presença de utilizar os objetos, ferramentas e recursos. De se instaurar na lida cotidiana e circunscrita. (nunca será um mero devaneio metafísico sem efetividade). E de forma simultânea consegue gerar significado, criar conceitos, promover valor e valores, instituir enunciados, desenvolver a linguagem como abrigo profícuo, como fonte imensurável de luz e sentido na jornada existencial.

Foi visto acima que “a compreensão do ser depende da determinação do ser da presença” (HEIDEGGER, 2015, p.48). De fato, mostra-se impossível compreender o Ser ele mesmo sem aprofundar no entendimento fenomenológico da presença humana. Questionar o sentido do Ser é se colocar a caminho em busca da verdade, entendida pelos gregos e atualizada por Heidegger como *Alétheia*, que basicamente é traduzida por desvelamento, não ocultamento, o que se mostra, abertura, clareira de onde brota a iluminação. A reflexão metafísica sobre a verdade está indissociavelmente ligada ao ser. Como este assim também está essencialmente vinculado à presença humana.

A essência do ser-aí persiste e consiste na sua abertura de possibilidade como disposição, cura, projeto para o mistério da temporalidade, como jogado no mundo, sendo liberdade para ser quem é no seu poder ser mais próprio. Logo, a verdade é a liberdade da presença que tem em seu ser o papel de guardião do Ser que se revela e esconde como fundamento aberto da realidade e dos entes. É o Ser enquanto ser que possibilita a doação e a verdade ausente de entidade como inexorável fundamento das coisas e dos entes. O Ser é esse nada, o abismo que acolhe, engole, joga e projeta. É a fonte que jorra e alimenta a potencialidade para tudo chegar a ser o que é e o que puder no devir que é a vida.

Em suma, pensar o sentido do Ser é buscar a verdade que sustenta e direciona o caminho do homem, assim como da humanidade. O Ser é o fundamento da possibilidade oriundo do não-ser para o devir do que é. A essência da verdade está no descobrimento, na

liberdade do ser-descobridor. O fenômeno do Ser é o coração da filosofia e todo filosofar. Nesse projeto de compreensão, significância e criação revelam-se a estrutura e a constituição essencial da existência.

Como já foi explanado acima, o ser não é o ente. Mas não existe o ente sem o ser, ao passo que ele é sempre relacionado ao ente. “O ser é sempre ser de um ente”. Pela verdade de ser é que o descobrimento do ente acontece. Nesse mistério que é o homem, a origem do descobrimento e a forma de criação mais sublime, para Heidegger, converge para a manifestação da obra de arte. Na produção artística resplandece a verdade do Ser mais originária. “A arte é o pôr-em-obra da verdade”. (HEIDEGGER, 1998, p.83). Pensar a essência da arte é iluminar o coração da presença humana.

No contexto filosófico de questionamento da verdade de ser, o propósito é pensar a partir da obra de Heidegger, dentro desse recorte, o pôr-se em obra da arte, sua criação como verdade e a “origem da obra de arte”. Esse, inclusive, é título de um livro escrito por ele. No próximo capítulo serão apresentadas algumas reflexões a esse respeito, destacando, sobretudo, o conceito de arte, de obra de arte e a fonte originária possível da manifestação artística. Nesse bojo faz-se necessário explicitar sobre a poesia (*Poiesis*) como essência da arte e experiência sagrada dos acenos e luzes dos deuses. A poesia é fundação do ser pela via da palavra.

Nessa esteira da verdade (*Alétheia*) como criação e descobrimento, também se faz pertinente refletir sobre a técnica como forma de des-ocultação e produção do mundo em que vivemos. Mas o que a técnica moderna tem a ver com a verdade? Para Heidegger a técnica “é uma forma de descobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do descobrimento, isto é, da verdade”. (HEIDEGGER, 2002, p.17). Portanto, a verdade da técnica moderna remonta para a sua compreensão alicerçada na essência da técnica como uma forma de descobrimento. Mas de quê? De tudo que faz parte da existência e da construção do mundo sob um modelo planejado de pensar e produzir, principalmente nesse período moderno e contemporâneo.

CAPÍTULO III

ARTE, TÉCNICA E VERDADE COMO CRIAÇÃO

3.1 Seguindo o caminho da verdade

No caminho trilhado até o momento, contemplamos no primeiro capítulo sobre a questão da verdade a partir do parágrafo 44 de *Ser e tempo*, no qual Heidegger procurou explicitar esse conceito como uma característica originária da presença, denominada abertura. Esta significa, como essência, uma disposição própria, uma estrutura do ser-do-mundo, como capacidade de compreensão e revelação da realidade. Discorreremos sobre o prisma tradicional da verdade oriundo da tradição, como adequação e concordância entre o pensamento, a mensagem e o objeto. E, na sequência, falamos sobre a essência da verdade como ser-descobridor ou descobrimento.

No segundo capítulo do texto, procuramos abordar um recorte sobre *A doutrina da verdade em Platão*. Uma leitura do Mito da caverna, os estágios de desenvolvimento e libertação do homem na *Paidéia*, ou seja, sua formação perene. No primeiro ele está preso na caverna subterrânea, vivendo nas sombras e acomodado. No segundo estágio se desenrola a libertação dentro da caverna. No terceiro se efetiva a libertação, propriamente dita. Ele sai da caverna, contempla a luz, percebe um mundo de cores, formas e belezas esplêndidas e perfeitas. Fica extasiado experimentando a existência entre a terra e o céu. Eleva-se e bebe o nobre vinho dos deuses, mas não consegue esquecer a água simples dos homens. Em sua meditação, percebe que precisa voltar para a caverna e tentar libertar os outros agrilhoados. Como libertador, o homem exerce o ofício de filósofo, o guardião da verdade na descoberta do ente e do sentido essencial das coisas.

Ainda no segundo capítulo procuramos estudar algumas abordagens importantes a partir do texto *A essência da verdade*. Dentre os temas, destacamos sua colocação sobre a verdade convencional, como adequação entre o pensamento e a coisa. A essência da verdade como liberdade; a essência da liberdade como projeto e abertura de possibilidades; a essência da verdade como não-verdade. Falamos da angústia como disposição de humor fundamental da presença humana lançada no mundo. E uma análise sobre o homem imerso no mistério permanente em que está jogado sua existência entre o que está oculto, latente e o que se desvela na jornada existencial sempre carente de sentido e angustiada.

Nesse terceiro capítulo a proposta é apresentar e refletir sobre a concepção da verdade mais originária como criação genuína da obra de arte. Para tanto vamos nos embasar,

principalmente, no livro *A origem da obra de arte*. Heidegger apresenta a verdade como horizonte de possibilidade do homem ser na sua abertura junto aos entes como ser-no-mundo. Sua ontologia estimula e aponta para a origem do que somos, enquanto liberdade e projeto em construção. Bem como dispõe de chaves para abrir portas da ampla casa, que é esse mundo. O mesmo só existe para o ser-aí que compreende o mundo ao se compreender. Nesse propósito depara-se com a verdade mais essencial do homem, qual seja, o seu poder de criação artística. Contudo, o que seria tão especial e originário nisso tudo? Ele responde: “o originário da obra de arte e do artista, é a própria arte. A essência do ser no sendo”... (HEIDEGGER, 1990, p.145). Nota-se que a arte é o processo fenomenológico de criação original pela dádiva potente do ser, como essência do homem, construtor do mundo. E a criação artística mais sublime e fundamental para nosso filósofo é a poesia, enquanto *poiesis* – produção poética primordial. Desta forma, a poesia se faz presente em todas as manifestações da arte na medida em que as obras são processos e experiências originais entrelaçadas com a palavra e com os acenos celestes. Toda arte em essência ampara-se na linguagem, na conversa humana e na possibilidade de interligar o ser-aí nas teias da realidade.

Nesse encaixe da fonte original, faz-se pertinente destacar também o paradigma da essência da verdade como descobrimento relacionado como movimento genuíno da técnica moderna. “O sentido originário da *Techné* não é, em si mesmo, o de um meio eficaz para a consecução intencional de objetivos, ela é um modo de saber criativo, pelo qual se faz com que algo aconteça e se deixe ver na sua verdade”. (BORGES-DUARTE, 2019, p.153). A dimensão originária da técnica no pensamento grego tinha o propósito de criar e deixar acontecer a verdade pelo conhecimento aplicado e visível nas obras realizadas. Havia uma relação íntima entre arte e técnica. Algo que foi se transformando e atingiu seu ápice com o advento da técnica moderna. E a arte tornou-se subjugada a técnica na composição das coisas. Adiante na parte final da pesquisa vamos analisar, dentro do recorte possível, que mundo em que habitamos tem por fundamento a produção operada a partir da essência da técnica. Portanto, pensar a verdade do ser, a compreensão da presença e o fundamento do mundo, consiste muito mais que intuições, sinais ou pensamentos, são caminhos a serem desbravados e vivenciados. É procurar entender o desenvolvimento da história e a própria revelação de ser-aí na construção perene de sua morada existencial.

3.2 A criação da arte como verdade

Seguindo o ofício da Filosofia, como sempre, precisamos questionar, nos espantar com o que parece óbvio e facilmente entendido. Nesse cenário fenomenológico se faz urgente perguntar: Qual é o conceito de arte para Heidegger? O que é uma obra de arte? Qual seria a relação entre a verdade e a arte? De onde e como ela aparece? Como o artista se torna quem ele é? Essas perguntas, ora tão acessíveis, ora tão complexas, abrem o questionamento para seguir em busca do sentido do Ser e da verdade originária da arte.

Os sentidos do termo ‘arte’ são triviais e utilizados no cotidiano desde tempos remotos. A etimologia da palavra tem origem do latim nas formas *ars*, *artis*. Abrange vários significados, tais como: talento, dom, saber usar, habilidade de fazer alguma coisa bem feita (arte de cozinhar, jogar bola, costurar), atividade cultural, criação, artesanato, expressão do belo, etc. Também apresenta uma ligação íntima com a raiz grega *techné*. Aqui é “sinônimo de técnica, conjunto de procedimentos visando certo resultado prático”. (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2006, p.18). As duas fontes convergem para a compreensão da arte como dádiva, criação e manifestação da potência humana. É um sentir-se aberto, afetado e pré-disponível ao apelo de Ser. E simultaneamente concretizar na construção de uma obra de arte.

Heidegger pensa a dimensão sublime e verdadeira da arte a partir da ontologia e do método fenomenológico. Ele não se dedicou a fazer especificamente uma reflexão no campo da Estética. A sua preocupação primordial era aprofundar a essência da arte e a origem da obra de arte. Para ele o termo “arte não é mais que uma palavra à qual não corresponde nada de efetivamente real”. (HEIDEGGER, 1998, p.8). Como signo (elemento semântico) em si mesmo, não teria devido valor sem uma correspondência com algo empírico, sem uma manifestação cultural tangível.

Todavia, o filósofo procura destacar que só é possível depreender o que a arte significa originalmente a partir da obra feita e do trabalho do artista. Assim ele argumenta:

Mesmo se a palavra 'arte' devesse significar mais do que uma representação coletiva, aquilo que é referido mediante a palavra 'arte' só poderia ser com base na realidade efetiva de obras e artistas. Ou será que isto se passa ao contrário? Não será que só se dá obra e artista caso haja arte, e esta justamente como origem deles? (HEIDEGGER, 1998, p.8).

Dessa forma a reflexão teórica converge para contemplar fenomenalmente o que é uma obra de arte, bem como entender concomitantemente a sua verdade. E a verdade está precisamente na arte produzida. Existe a representação cultural e histórica, mas é a própria arte que vai conferir a essência da obra e do artista. Assim como o conceito de arte existe a partir das

manifestações estéticas e do trabalho concreto dos artistas. Mas está claro qual é a essência da arte?

Para adentrar na compreensão da essência da arte e da obra de arte nas suas manifestações, tais como: a pintura, a escultura, a música, a dança, a poesia, a arquitetura, dentre outras, se faz necessário apurar sua situação no mundo, a entidade da sua realidade instaurada. Segundo Heidegger essa distinção passa pela noção do caráter de coisa. Mas “o que é, na verdade, uma coisa, na medida em que é uma coisa? Quando fazemos esta pergunta, queremos vir a conhecer o ser-coisa (a *coisidade*) da coisa”. (HEIDEGGER, 1998, p.12). Esse termo recebe uma atenção considerável tendo em vista o objetivo de mostrar que a existência humana é construída interligada integralmente na relação com as coisas. O ser-aí se constrói na medida das possibilidades enquanto ser-no-mundo. Entretanto, a palavra coisa de tão trivial que parece, acaba por não ser “vista” ou problematizada no cotidiano do senso comum. Todos entendem a referência a algo como coisa, embora seja difícil explicar com clareza o que realmente quer dizer.

Heidegger esclarece que o conceito de “coisa indica aqui tudo aquilo que não é simplesmente nada. De acordo com esta significação, também a obra de arte é uma coisa, na medida em que, em geral, é algo que é [um] ente”. (HEIDEGGER, 1998, p.13). Então, tudo que exista e possa ser comprovado é uma coisa. E toda coisa é um ente, assim como a obra de arte também é. Mas já vimos acima, que “chamamos ‘ente’ muitas coisas e em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos” (HEIDEGGER, 2015, p.42). O “ente” é para a Filosofia tudo o que há e é, tudo o que tem uma configuração, seja material ou ideal. Refere-se a tudo que pode ser percebido, pronunciado, pensado e sensibilizado.

Vimos que a compreensão da coisa está relacionada à concepção de ente. Contudo, será que todo ente, sobremaneira, o metafísico, é reconhecido como coisa? Essa explicação aqui se assemelha a noção de substância pensada por Aristóteles, qual seja, a reunião entre matéria e forma como algo concreto, sensível e cognoscível. Veja o que Heidegger fala a respeito desse contexto:

A coisa é aquilo que, por meio das sensações, é perceptível nos sentidos da sensibilidade. Por consequência, tornou-se então comum, mais tarde, o conceito de coisa segundo o qual ela não é senão a unidade da multiplicidade do que é dado aos sentidos. Que esta unidade seja compreendida como somatório ou como totalidade ou

como figura, não modifica em nada a feição determinante deste conceito de coisa. (HEIDEGGER, 1998, p.18).

Portanto, o conceito tradicional de coisa se atém, principalmente, àquilo que é captado pelos sentidos, que tenha uma forma estruturada ou uma matéria enformada, reflita uma figura, que demonstre a “coisidade” da coisa, a unidade da multiplicidade. Tal perspectiva se adequa com proximidade dos entes da natureza e dos entes criados como ferramentas e utensílios na lida cotidiana.

Nessa complexa reflexão sobre a coisa, Heidegger procura questionar a postura tradicional, tendo em vista a teoria do conhecimento, no qual desde a filosofia clássica, os filósofos retratavam os entes separando ou sobrepondo a primazia entre a forma e a matéria. Ou se propunham a ver a origem da coisa a partir da amálgama concatenada entre os dois. A estrutura fundamental “ser-no-mundo junto aos entes” rompe com essa perspectiva. As coisas existem no mundo dentro de um plano necessário. Elas adquirem sentido e entidade a partir da sua utilidade e serventia no labor cotidiano.

Essa determinação da coisa tem sua origem numa concepção do ser-utensílio do utensílio. Este ente – o utensílio – está de uma forma particular, próximo do representar do homem, porque vem ao ser por meio do nosso próprio fabricar [*Erzeugen*]. O ente (que nos é), desta forma, familiar quanto ao seu ser – o utensílio – tem simultaneamente uma peculiar posição intermédia entre a coisa e a obra. (HEIDEGGER, 1998, p.26).

Então, o ser-utensílio demarca a perspectiva da intermediação feita pelo trabalho operado, ou na fabricação que impera entre a coisa e a obra acontecendo. No que tange ao caráter de coisa da obra de arte, ele aparece na medida em que ocupa o destino histórico, se manifesta e revela a condição fundamental do homem como criador e artífice da realidade. A obra de arte em obra tem no ser-utensílio sua apresentação no mundo. E somente quando se descobre o que o ente originariamente é e como é, vigora na “obra um acontecer da verdade”. (HEIDEGGER, 1998, p.31). O ser do ente se instaura a partir da sua concretização como fenômeno percebido.

Com efeito, convergindo para a percepção da obra de arte como coisa, procura-se entender se a sua essência está nesse caráter material configurado. Essa dimensão já tem uma acolhida no que tange a teoria estética vigente. “A distinção entre matéria e forma, mesmo nas [suas] mais diversas modalidades, é o esquema conceptual por excelência de toda a teoria da arte e de toda a estética”. (HEIDEGGER, 1998, p.20). Esse esquema elucidativo é o mais utilizado e didático para explicar as diferentes criações artísticas, sua identidade, beleza e a

respectiva serventia e lugar na cultura. Entretanto, será que sua origem (ou essência) se encontra no caráter de coisa da obra? Será que a verdade está na forma estruturada e manifesta da obra de arte? Ou está centrada no artista?

Em seu livro *A origem da obra de arte* Heidegger procura demonstrar que a coisa é importante configuração do que a obra de arte representa. Mas não é a sua essência. Ele defende que a mesma está na energia geradora, no processo de manifestação, no trabalho realizado pelo artista, na hospitalidade benevolente abraçando o apelo do ser, na dádiva da criação singular da obra de arte. Ele cita, a título de exemplo, o quadro “Um par de sapatos de camponês”, pintado artista Van Gogh, que de forma impressionante acolhia e deixava o ser fazer morada no caleidoscópio exuberante das suas artes visuais. Sobre o quadro, Heidegger faz toda uma poesia inspirada nas mensagens inerentes à serventia dos sapatos, no seu uso, na vida do camponês oculta e urgente na *coisidade* pragmática deles. Um utensílio simples e banal do cotidiano veio a ser uma “inspiração”. Uma clareira abrindo as sombras da madrugada e acolhendo a aurora das cores e formas. Sua pintura fez acontecer a obra de verdade e instaurar o ser do ente na obra de arte. Assim exorta Heidegger:

O que é que acontece aqui? O que é que, na obra, está em obra? A pintura de Van Gogh é a patenteação originária daquilo que o utensílio, o par de sapatos de camponês, é em verdade. Este ente sai [*heraustritt*] para o não-estar-encoberto do seu ser. Os gregos chamavam ao não-estar-encoberto do ente *Alétheia*. Nós dizemos 'verdade' mas pensamos muito pouco ao ouvir esta palavra. Na obra - caso nela aconteça uma patenteação originária do ente naquilo que ele é e como é -, está em obra um acontecer da verdade. Na obra da arte, a verdade do ente pôs-se em obra. "Pôr" [*setzen*] quer aqui dizer: deter [*zum Stehen bringen*]. Um ente, um par de sapatos de camponês, vem, na obra, a deter-se na claridade [*Lichte*] do seu ser. O ser do ente vem ao caráter permanente do seu (a)parecer. (HEIDEGGER, 1998, p.31).

A pintura de Van Gogh fez manifestar o ser na obra. Abriu caminho e desvelou a criação original do ente que foi descoberto instaurando a verdade e guardando sua condição oculta de não-verdade, haja vista a impossibilidade de revelação do ente em sua totalidade. A pintura é um exemplo clássico de como Heidegger analisa a obra de arte como processo genuíno da manifestação do ser e instauração do ente como ele é. A verdade se revela como o pôr-se-em-obra. É na produção criativa que ela acontece e se efetiva realmente. “Desta forma, a essência da obra de arte seria esta: o pôr-se-em-obra da verdade do ente. Contudo, até agora, a arte tinha sempre que ver com o belo e com a beleza, e não com a verdade do ente”. (HEIDEGGER, 1998, p.32). Percebe-se a guinada radical (buscando as raízes) da compreensão do que é a obra de arte e da sua manifestação iluminada no mundo.

3.3 A origem da obra de arte

O que é uma obra de arte? Qual é a origem da obra de arte? Como o artista consegue elaborar uma obra de arte? De acordo com o dicionário: a obra de arte é em geral vista como um “conjunto organizado de signos e materiais colocados em forma por um espírito criador e formando um todo harmonioso e belo capaz de nos proporcionar uma satisfação estética desinteressada”. (JAPIASSÚ, MARCONDES, 2006, p.18). Nota-se nessa definição o entendimento da criação artística voltada para a estética dentro de padrões culturais com formas e matérias primas convencionais. A obra de arte carece de beleza, estrutura e harmonia para ter reconhecimento social.

Foi visto que “a arte é o pôr-se-em-obra da verdade”. (HEIDEGGER, 1998, p.36). A verdade está nesse processo da obra de arte em obra. Contudo, o que seria realmente posto em obra? Ficou claro qual é a essência da obra de arte? Para Heidegger “é na obra de arte que a arte é efetivamente”. (HEIDEGGER, 1998, p.36). Logo, é na criação artística da obra que a verdade acontece e que a arte se concretiza como algo genuíno. Então abre a possibilidade de desvelar a natureza, desbravar o caminho pisando no chão, na terra e construir um mundo originário pela própria abertura que constitui o ser-aí.

A obra, enquanto obra, levanta um mundo. O mundo é a abertura que se abre das longas vias das decisões simples e essenciais do destino de um povo histórico. A terra é o surgir diante, não impelido para nada, daquilo que constantemente se encerra, e que, assim, põe a coberto. Mundo e terra são essencialmente distintos e, no entanto, nunca estão separados. (HEIDEGGER, 1998, p.47).

A obra de arte edifica um mundo enquanto abertura fundamental e destino para a vida de um povo no tempo e no espaço. A arte é manifestação criativa do ser trazendo para a realidade histórica o que antes estava coberto na natureza (*Physis*) e sem entidade figurativa. Sem esse apelo do Ser a terra continuaria no seu fechamento, acomodada para sua situação intocada de não-ser.

A arte mantém em aberto e cria o mundo de sentido sob a clareira do ser. A obra de arte em obra faz transfigurar e efetivar a verdade. Contudo, qual seria sua origem? Como a arte aparece? Como um artista se torna ele mesmo? Assim Heidegger responde:

A origem da obra de arte e do artista é a arte. A origem é a proveniência da essência, na qual está a ser o ser de um ente. O que é a arte? Procuramos a sua essência na obra efetivamente real. A realidade efetiva da obra é determinada por aquilo que está em obra na obra, pelo acontecer da verdade. Pensamos este acontecimento como a contenda do combate entre mundo e terra. O repouso está a ser no

movimento recolhido desta contenda. É aqui que se fundamenta o repousar-em-si da obra. (HEIDEGGER, 1998, p.58).

A origem da obra e do artista converge para o que é a arte. E sua essência está na composição, no acontecimento da verdade. Sua realidade efetiva brota da dialética entre mundo e terra. Emerge da contenda entre o humano e o animal. Surge pelo descobrimento do ente no seu vir a ser no mundo pela presença projetiva do ser-aí. O resultado concreto, a coisa pronta, obra de arte concluída em seu repouso desse movimento produtivo sob a “inspiração” e potência originária possibilitará contemplar sua essência enquanto ser de um ente.

O artista se faz e é identificado pela obra produzida. A essência do artista está na produção da sua arte. Não há arte sem o artista e vice e versa. Pode-se dizer *grosso modo* que o pintor é o artista que exercita a pintura. O poeta é quem escreve e dá voz à poesia. O músico é quem pratica e faz a música. O escultor constrói as esculturas... Mas podemos chegar a essa conclusão simples? O que realmente leva uma pessoa a produzir tal expressão artística? Qual é a origem da aptidão ou do dom artístico? Na perspectiva heideggeriana além do talento inerente ao artista de alguma forma inato, ele também é, sobremaneira, um canal para a passagem vital e hospitaleira do Ser. A obra de arte manifesta o que ela é pelo labor prospectivo do artista. Este se torna um artista pela materialização da arte. “Mas a obra é aquilo que possibilita, no seu estar-a-ser, os que criam e que, a partir do seu estar-a-ser, precisa de quem a resguarde”. (HEIDEGGER, 1998, p.75). O seu estar-a-ser no coração, na imaginação do artista é um processo misterioso e sublime. A origem abismal do descobrimento do ente na expressão da arte mostra a abertura mais sagrada no resguardo do ser. E, segundo Heidegger, toda arte é essencialmente poesia e acontecimento poético da verdade. “Enquanto deixar-acontecer da chegada da verdade do ente, toda a arte é, enquanto tal, na sua essência, poesia”. (HEIDEGGER, 1998, p.76). A poesia é a expressão mais plena da arte e da linguagem que nós somos habitando no mundo sob o resguardo do Ser. Toda forma de arte é produção poética enquanto movimento de ser pelas formas de expressão, sobretudo, pelo poder criativo da língua e das palavras.

Com efeito, por que o ser-aí humano cria obras de arte? O que o leva ao movimento de composição e abrigo em um mundo de sentido poético? Como foi citado acima coexiste um duplo processo entrelaçado, qual seja, tanto de apelo, suspensão e abertura ao ser, quanto volitivo da projeção, do querer saber e agir. “O saber que permanece um querer, e o querer que permanece um saber [- isso] é o entregar-se *extático* do homem existente ao não-estar-encoberto do ser. (...) O querer é o sóbrio estar-resoluto-que-descerra do ir-para-além-de-si

existente, que se expõe à abertura do ente como ao que está posto na obra.” (HEIDEGGER, 1998, p.71). Esse pressuposto converge para pensar as disposições afetivas características do ser-aí, embasadas, sobretudo, na fenda exposta ao ente, na entrega resoluta ao ser, na possibilidade de projeção, de querer e de poder ser o que puder ser na “liberdade que é a essência da verdade”.

A abertura enquanto pura liberdade no estar-laçado no horizonte do nada se dá a partir de uma disposição afetiva primordial para projetar o mundo. Todavia, outras disposições afetivas interligadas serão decisivas na construção do ser-aí e no caminho que se propõe seguir. Vale destacar aqui, nesse contexto da composição artística, a angústia e o tédio profundo como tonalidades potentes e impulsionadoras.

O conceito da ‘angústia’ já foi abordado nos capítulos anteriores e continua um tema que exige aprofundamento, sobretudo, graças a sua importância estrutural. O termo é bem conhecido e usual na vida das pessoas de um modo geral. Na ótica do senso comum é como se fosse uma ansiedade, uma inquietude desmedida em relação a algo, um temor em face de algum perigo ou ameaça. Nessa linha percebe-se uma conotação negativa e temerosa na lida cotidiana. Contudo, para Heidegger a compreensão seria outra mais profunda e existencial (foi mencionada inicialmente em *Ser e tempo*). Não faz um juízo de valor da mesma, mas a aborda como tonalidade ou humor próprio da existência humana. “A angústia coloca o ser-aí diante do seu estar-lançado mais próprio, desvelando a estranheza do ser-no-mundo cotidiano e familiar”. (HEIDEGGER, 2015, p.429). Todos estão inexoravelmente nadando no mar inquieto da angústia, como estão lançados no mundo e descobrindo, estranhando e edificando o tempo todo o seu próprio ser-no-mundo.

A angústia torna manifesto o nada. “Estamos suspensos” na angústia. Dito de maneira mais clara: a angústia nos suspende, porque ela faz com que o ente na totalidade venha a se evadir. Nisto consiste o fato de nós próprios - os homens que somos - nos co-evadirmos em meio ao ente. É por isto que, em última análise, não sou “eu” que me sinto ou não és “tu” que te sentes estranho, mas a gente se sente assim. (HEIDEGGER, 2008, p.122).

Portanto, praticamente sentir-se angustiado e estranho é um modo existencial do ser-aí. Não dá para fugir daquilo que se é. Somos e estamos assim, suspensos no nada, decaídos no abismo. Abandonados na estranheza do ente em sua totalidade. O olhar se perde diante do infinito no horizonte. Nesse movimento de vazio, desejo e sonho a angústia revela-se como uma disposição motora para criar uma obra que tenha significado, compor algum utensílio,

gerar alguma coisa e, sobretudo, produzir arte, para acalantar a presença na terra sedenta de luz, amor e sentido para bem viver.

Correlacionado à angústia está a disposição afetiva do ‘tédio profundo’. Os dois conceitos são complementares e íntimos. A palavra tédio também é trivial no cotidiano. Basicamente é entendida quando não temos o que fazer, ou não estamos gostando do que está acontecendo e não nos encontramos em tal experiência. Já o tédio na ótica heideggeriana acontece quando estamos deslocados e perdidos, quando a confusão nos assola e caímos na totalidade do ente. Ou seja, no estado de latência ou fechamento diante da indiferença natural que predomina no ente em sua totalidade no qual caímos no abismo informe do nada sem a clareira da verdade.

Mesmo então e justamente então, quando não estamos propriamente ocupados com as coisas e conosco mesmos, sobrevém-nos este “na totalidade”, por exemplo, no tédio propriamente dito. Este tédio ainda está muito longe de nossa experiência, quando nos entedia exclusivamente este livro ou aquele espetáculo, aquela ocupação ou este ócio. Ele desabrocha se “a gente está entediado”. O tédio profundo, que como névoa silenciosa desliza para cá e para lá, nos abismos do ser-aí, nivela todas as coisas, os homens e a gente mesmo com elas, em uma estranha indiferença. Esse tédio manifesta o ente na totalidade. (HEIDEGGER, 2008, p. 120).

Como foi visto o tédio comum emerge quando não nos sentimos bem na realização de algo, de alguma atividade que não dá prazer, não há compreensão salutar, não desperta interesse, nem percebe resultados etc. O tédio profundo nos joga no abismo do ser-aí, suspensos na estranheza, atordoados e lançados na necessidade abandonada do poder-ser. Aqui não configura uma dimensão negativa de medo e renúncia. Pelo contrário, o tédio profundo nos impulsiona como uma potência originária, da possibilidade genuína de vir a ser, de levantar um mundo novo. Como cita o filósofo Agamben no seu livro *O aberto – o homem e o animal*: “o tédio profundo aparece então como o operador metafísico no qual se dá a passagem da pobreza de mundo ao mundo, do ambiente animal ao mundo humano: a questão é, portanto, nada menos que a antropogênese, do devir *Da-sein* do vivente homem”. (AGAMBEN, 2013, p. 111). Na construção contínua da existência de forma geral e na produção artística o tédio profundo configura uma disposição afetiva fundamental para viver com autenticidade e para operar, deixar-ser a criação da obra de arte.

O filósofo coreano Byung-Chul Han, usando outros termos, faz uma exortação para a experiência do tédio profundo. Nossa sociedade positiva, hiperativa e multitarefa não promove a contemplação, a meditação e a criatividade genuína. (Esse modelo de sociedade já

foi questionado previamente por Heidegger na sua reflexão sobre a era da técnica e seus desdobramentos reais). Como Han menciona eloquentemente:

Os desempenhos culturais da humanidade, dos quais faz parte também a filosofia, devem-se a uma atenção profunda, contemplativa. A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (*hyperattention*). Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. E visto que ele tem uma tolerância bem pequena para o tédio, também não admite aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo. Walter Benjamin chama a esse tédio profundo de um “pássaro onírico, que choca o ovo da experiência” [14]. Se o sono perfaz o ponto alto do descanso físico, o tédio profundo constitui o ponto alto do descanso espiritual. (HAN, 2017, p. 33).

Como foram citados acima, os fenômenos culturais, as criações artísticas, a própria filosofia e importantes obras ao longo da história, têm sua fonte criadora no tédio profundo. Todavia, criar algo original requer uma atenção ascética, uma intuição mais aguçada, acolher o dom e escutar a voz do mistério que se manifesta na *Poiesis*, na produção humana. Vale ressaltar, o que Walter Benjamin denominou metaforicamente de “pássaro onírico”. Ele choca o ovo que propicia a eclosão da experiência criativa. Assim como o sono é o ápice urgente imprescindível do descanso físico, o tédio profundo é o recanto transcendental da manifestação iluminada poética do espírito, na produção das obras humanas, criando e recriando a existência e o mundo.

3.4 A poesia como essência da arte

Foi visto acima, sobre a arte como o pôr-se-em-obra da verdade, que a essência da arte está no processo de manifestação, enquanto levanta um mundo, a partir do que antes estava oculto na natureza, bem como, no mistério perene da existência mergulhada no porvir do tempo. Nesse jogo o papel do artista é fundamental para fazer a arte acontecer e produzir a obra de arte na sua multiplicidade viável de expressão. Cada criação artística é única no destino histórico de cultivar seu lugar genuíno no mundo. Embora existam formas de reprodução e cópias das obras, a verdade do ser do ente na arte vai subsistir enquanto essência. Para Heidegger falar da essência da arte é abrir o caminho para a *poiesis*. Esta seria a poesia no sentido de produzir poeticamente com valor e singularidade. E a produção poética

mais original e criativa está na própria arte das palavras contempladas na poesia². Mas, está claro qual é o conceito de poesia abordado? Por que a poesia é a essência da arte e da verdade?

No cenário da Filosofia de Heidegger a poesia transcende a dimensão literária. É vista como o coração da linguagem, como o fundamento original da fala. No seu livro *Explicações da poesia de Hölderlin*, ele argumenta de forma profunda e bela que, “a poesia é fundação por meio da palavra e na palavra. O que se funda desse modo? O permanente”. (HEIDEGGER, 2013, p.51). Adiante, na mesma passagem, reitera: “A poesia é fundação do ser pela palavra”. (HEIDEGGER, 2013, p.51). A poesia opera essencialmente como fundação do mundo. Revela o que as coisas são no seu descobrimento. Ela fundamenta a nomeação originária do ente que torna conhecido e permanece na palavra e pela palavra. O conceito gera um brilho que marca e reluz para além da fugacidade voraz do tempo.

Nessa esteira, o ser ampara-se, desvela-se na nomeação. O “nomear é um dizer, isto é, uma indicação do quê e como o quê algo deve ser experienciado e conservado. O nome desvela, desabriga”. (HEIDEGGER, 2013, p.210). Nomear é poetizar, fundar o ser pela palavra. É dizer o sentido da experiência que é conservado na transcendência da presença na temporalidade da vida. Heidegger destaca a sentença do poeta Hölderlin ao se referir à sacralidade ontológica da linguagem. A fala foi dada ao ser-aí (...), “o mais perigoso dos bens, a língua, para que ele dê testemunho do que é (...)”. (HEIDEGGER, 2013, p.43). A fala, a expressão do ente pela clareira aberta do ser é o mais singelo e perigoso dos bens na edificação do mundo em constante transformação. A língua e os nomes proferidos proporcionam o testemunho do que é pela presença criadora na terra.

Entretanto, o nome não diz tudo. “O nome, enquanto chamado que abriga, é ao mesmo tempo um ocultamento”. (HEIDEGGER, 2013, p.210). O nome descobre o ente, o acolhe, confere significância e utilização na lida, como verdade instaurada. O nome desabriga, traz para a luz do sol que resplandece o mundo. Ao passo, que simultaneamente, oculta a sua totalidade, deixa a natureza latente, como a preservação da não-verdade que o homem não pode dominar. O ser move-se, revela-se na abertura, ao passo que também se retrai, se oculta.

² O conceito de poesia nesse estudo não está em consonância com o entendimento da literatura. Pois nela, é vista, grosso modo, como um gênero literário expresso por meio de poemas, com versos, harmonia e beleza estética. Pode ser com rima ou livre. Escrita ou declamada. O objetivo da poesia literária é produzir a arte de usar as palavras, de acordo com o gênero (lírico, épico, dramático etc.) e a forma métrica usada pelo poeta, transmitindo mensagens com sentimentos, intuições e reflexões pertinentes.

Persiste a impossibilidade de esclarecer, de definir tudo o que o ente é ou poder vir a ser. Mas como a poesia acontece ou se instaura? De onde ela surge?

A poesia acontece e permanece pelo poder sagrado agraciado aos poetas. “O poeta nomeia os deuses e nomeia todas as coisas naquilo que elas são”. (HEIDEGGER, 2013, p.51). Nota-se o protagonismo conferido aos poetas como zeladores do ser, como fundadores da poesia e da nomeação originária dos entes. Porém, quem atribuiu esse poder a eles? Até aonde se sabe, ninguém especificamente. Seriam pessoas especiais e extraordinárias? Não necessariamente. Heidegger advoga que os poetas conquistaram proeminência por conseguirem abraçar o apelo do ser, mergulhar no mistério que nós somos, escutar o silêncio e acolher os acenos, as luzes dos deuses. “A fala do poeta é o acolhimento dos acenos dos deuses”. (HEIDEGGER, 2013, p.56). Mas, não quer dizer que os poetas vivam no mundo celestial, em outra realidade. Eles estão e carecem estar no meio do povo de um jeito ímpar. “O poeta se encontra entre estes – os deuses – e aqueles – o povo. Ele é um excluído – um lançado para fora, para aquele intervalo entre os deuses e os homens”. (HEIDEGGER, 2013, p.58). Portanto, ele habita, bem como está lançado, entre o céu e a terra, entre os deuses e o povo. Nesse intervalo a mensagem poética é a doação sagrada e fundação do ser. Ainda nesse entrelace, vale destacar, na perspectiva de Heidegger, que o ofício singular do poeta se deve à experiência mística, serena e meditativa na quadratura, enquanto morada profícua do ser-aí na criação poética. Mas de que quadratura ele falava? Essa referência foi tecida por ele mais adiante na sua produção teórica. A concepção de quadratura abordada por Heidegger encontra-se em alguns escritos, sobretudo, nos ensaios e conferências, tais como: *A coisa e Construir, habitar e pensar*.

O sentido fundamental de habitar resguarda na unidade originária, entrelaçada e indissociável dos quatro: terra, céu, deuses e mortais. Nessa morada fundante o homem pode “se libertar para a paz de abrigo. Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência”. (HEIDEGGER, 2002, p.129). Nesse cuidado pode-se habitar na liberdade de pertencer a um abrigo. Embora essencialmente livre, o ser-aí precisa tecer suas raízes e se encontrar na paz do seu lar, ou seja, carece resguardar, se encontrar na realidade onde reside, se identificar com a Pátria a qual pertence. Precisa, acima de tudo, encontrar-se consigo mesmo, com a sua essência, no mundo construído no intervalo da quadratura. A compreensão do seu modo de ser, enquanto liberdade é o caminho lançado para o seu verdadeiro habitar no mundo.

Heidegger procura demonstrar que a experiência no interior dos quatro forma a essência entreaberta da forma humana de ser e habitar. Ao falar da terra, a relação com o céu coloca-se justaposta, assim como a referência intrínseca aos outros três. Referir-se aos deuses já supõe a conexão com os mortais e com os outros. Contudo, o que significa cada elemento da quadratura?

Seguindo a referência do seu ensaio *Construir, habitar e pensar*, coloca-se o seguinte: “A terra é o sustento de todo gesto de dedicação. A terra dá frutos ao florescer. A terra concentra-se vasta nas pedras e nas águas, irrompe concentrada na fauna e na flora”. (HEIDEGGER, 2002, p.129). Praticamente uma descrição fiel da benevolência da Terra. Não há vida sem os elementos diversos que compõem a natureza, tais como a água, o solo, os minerais, as plantas, os vegetais, os animais etc. A Terra é o chão poético em que a humanidade pisa e se aconchega. É a estrada que se abre ao caminhar. A Terra é a fonte doadora de toda vida em sua plural constituição. Logo, o cuidado e desvelo para com a natureza são fundamentais para a vida humana e para todos os demais seres.

Retomando a quadratura temos o céu no horizonte ligado com a terra. O que ele significa?

O céu é o percurso em abóbadas do sol, o curso em transformação da lua, o brilho peregrino das estrelas, as estações dos anos e suas viradas, luz e crepúsculo do dia, escuridão e claridade da noite, a suavidade e o rigor dos climas, rasgo de nuvens e profundidade do azul do éter. (HEIDEGGER, 2002, p.129).

Nota-se uma explanação poética e natural do céu. Ele reflete o que está acima de nós suspenso no espaço. O tempo no movimento dos astros celestiais, as estações do ano, o clima e suas necessárias variações com chuva, calor, frio etc. O céu nos faz pensar na mudança como lei da vida, nas alternâncias da jornada sob a luz do sol diário e da lua noturna. É lançar-se no mistério do infinito que alimenta e consome o brilho dos olhos. O céu é o nosso guia iluminador na caminhada.

No terceiro componente da quadratura temos os deuses. Vale frisar que não se trata de uma defesa da religião ou de algum dogma de fé. Quem eles seriam nesse contexto? “Os deuses são os mensageiros que acenam a divindade. Do domínio sagrado manifesta-se o Deus em sua atualidade ou se retrai em sua dissimulação”. (HEIDEGGER, 2002, p.129). Os deuses dentro de um cenário cheio de mistério e mística, como mensageiros, doaram os acenos aos homens para poderem nomear aquilo que é e que venha a poder se instaurar no mundo. Deus e seus enviados deram o poder da língua à humanidade para operarem a conversa, o diálogo, a escuta como atributos sagrados da coexistência. Não consta uma clareza definidora de como

sejam os deuses. São citados como manifestações de transcendência, como doadores de luz e revelação sagrada.

Por último temos os mortais. Quem seriam eles? “Os mortais são os homens. Chamam-se mortais porque podem morrer. Morrer diz: ser capaz da morte como morte. Somente o homem morre e, na verdade, somente ele morre continuamente, ao menos enquanto permanecer sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses”. (HEIDEGGER, 2002, p.130). Como ficou bem explicado na citação, os mortais são os homens. Somente estes podem morrer, têm consciência da finitude, sentem e pensam na morte acontecendo gradativamente a cada dia da vida. A dádiva do nascimento já abre a fenda da angústia possível da morte. O ser-aí é ser-para-a-morte. É impossível fugir desse destino, tanto quanto se faz urgente entender que a existência é carente de sentido, precisa construir o mundo para poder ser e nele viver. E nele, no mundo, feito um “cosmos” harmônico e resguardado, a humanidade está se desenvolvendo e habitando poeticamente a terra no interior aberto e entrelaçado da quadratura.

Heidegger, por diversas vezes, repetiu a sentença do poeta alemão Hölderlin: “cheio de méritos, contudo, poeticamente habita o homem sobre a terra”. (HEIDEGGER, 2013, p.52). Com efeito, essa sentença apresenta uma meditação enigmática. Faz-se preciso questionar: o que é e como habitar poeticamente a terra?

“Habitar poeticamente” significa: permanecer na presença dos deuses e ser atingido pela proximidade essencial das coisas. Poético é o estar-aí em seu fundamento – isto significa ao mesmo tempo em que o estar-aí, conforme é instituído (fundado) não o é em função de serviços prestados, mas por doação. (HEIDEGGER, 2013, p.53).

Portanto, habitar poeticamente é poder ser e estar na quadratura. Permanecer sob a iluminação dos deuses e desencobrir, deixar-ser o ente no que ele é, enquanto essência. Para habitar poeticamente e mostrar-se digno da sua casa o homem precisa cuidar, cultivar e zelar da terra, bem como da natureza. Entender que sua existência é fruto de doação, da relação com os deuses e ausculta de seus acenos no ser-junto-aos-entes. O habitar poético não é fantasia ou delírio literário, mas “o habitar poético sobrevoa fantasticamente o real. O poeta faz frente a esse temor e diz, com propriedade, que o habitar poético é o habitar essa terra”. (HEIDEGGER, 2002, p.169). A morada poética do homem é a potencialidade hospitaleira do modo estar e habitar na Terra sob o apelo da poesia, como fundação do ser.

Para Heidegger a verdade originária de ser consiste na poesia. “A poesia é o fundamento que sustenta a história e, portanto, tampouco é apenas uma manifestação da cultura e, sobretudo, jamais uma mera expressão de uma alma civilizacional”. (HEIDEGGER,

2013, p.53). É na poesia como essência da verdade, da arte e da linguagem que se vai encontrar o sentido fundante do ser-aí e o sustentáculo original da história. Nota-se que essa hermenêutica da poesia como chave de compreensão do jeito humano de habitar faz-se lançar em busca da essência da mesma. Vimos acima, de modo similar, sobre a essência da poesia como a nomeação inaugural da e pela palavra. “A essência da poesia precisa, portanto, ser concebida a partir da essência da língua”. (HEIDEGGER, 2013, p.53). Contudo, a essência da poesia não se limita à fala exposta, à palavra gráfica ou ao enunciado (como já vimos acima). Ela manifesta o espírito de um povo, a dádiva de conversar, dialogar e dizer originalmente o ser. “O fundamento do estar-aí humano é a conversa como acontecer próprio e autêntico da língua”. (HEIDEGGER, 2013, p.54). A conversa, o exercício da linguagem fundamenta o estar-aí. A conversa tem por essência a poesia manifesta no projeto poetizante, que é a *poiesis*, o pôr-se-em-obra da verdade na origem obra de arte. E o que isso significa? O que o conceito de *poiesis* é nesse jogo perigoso da língua como reflexo da poesia?

No livro *A origem da obra de arte* o termo grego *Poiesis* ocupa um espaço cardeal. Seu entendimento aproxima-se da poesia no sentido original e da arte em sua essência. Entretanto, “o que a *poiesis*, como projeto iluminante, desdobra no desvelamento e pré-lança no traçar da figura é o aberto, que a deixa acontecer e, de jeito que o aberto somente no meio do sendo, traga este para o iluminar e o ressoar”. (HEIDEGGER, 1990, p.185). Dessa forma a *poiesis* é a obra em verdade, o coração iluminador do aberto, a energia do movimento criativo e criador, o impulso que lança o sendo para poder ser e descobrir o ente. A *poiesis* é doação livre de sentido pela fundação entreaberta do ser. Em outra citação do livro Heidegger complementa dizendo:

O narrar inaugural do que se projeta é *poiesis*: a narração inaugurante do mundo e da terra, a narração inaugurante do espaço de jogo e de sua disputa, e com isso, do lugar de toda distância e proximidade com os deuses. A *poiesis* é a fala inaugurante do desvelamento do sendo. (HEIDEGGER, 1990, p.188-189).

Dessa forma, fica posto que a *poiesis* inflexiona a potência do ser-descobridor. Ela o coloca de modo sublime na morada da quadratura. Tanto aproxima como distancia dos deuses na ausculta de seus acenos. A *poiesis* é, sobretudo, a fala, a nomeação inaugural do ser pela palavra, o descobrimento da essência de uma coisa, o próprio desvelamento do sendo. Com efeito, a linguagem poética genuína mostra-se como o nível mais original no que tange ao criar e desvelar a verdade da obra de arte como fenômeno erigido na história. Como explica Benedito Nunes:

A historialidade da arte deriva da linguagem, em que a verdade se produz originariamente, pela irrupção do ser na palavra e enquanto palavra. Desse ponto de vista, a essência do fundamento, anteriormente divisada como abismo, a luz da liberdade do *Dasein*, é poética, e a poesia é modo essencial de instauração da verdade e do seu acontecimento historial na linguagem e com a matéria da linguagem. (NUNES, 2012, p.252).

Logo, a poesia diz a essência do fundamento. O modo essencial da linguagem e da instauração da verdade pela produção original da obra de arte oriunda do abismo misteriosa em que reside o ser-aí. Toda criação artística ampara-se inexoravelmente na linguagem. Como foi citado acima, “o narrar inaugural do que se projeta é *poiesis*”. A criação artística levanta-se no *lócus* da narrativa, na nomeação do ser pela palavra e propagada dentro de um mundo de sentido.

Em suma, a *poiesis* é o pôr-se-em-obra da verdade na produção da arte e na linguagem como acontecimento poético apropriante. Logo, entender o que é a obra de arte nas suas expressões culturais históricas, transcende a dimensão estética e mergulha metafisicamente no “projeto poetizante da verdade do ser no sendo”. (HEIDEGGER, 1990, p.193). E esse “projeto poetizante provém do nada, do ponto de vista que ele nunca toma sua doação do corriqueiro e do existente até então”. (HEIDEGGER, 1990, p.193). Dito isto, fica explicitado que a *poiesis* hospeda a passagem para o poético no projeto apropriante da verdade. A poesia é o sentido mais original e essencial do ser na fala genuína e inaugural do desvelamento do sendo no mundo. O ser poético provém do nada, ou seja, é doação vindoura, condição de possibilidade e fundação da história do povo. Os poetas são os guardiões da mensagem divina. São os arautos da “deusa” *Alétheia* no caminho meditativo do pensamento e na morada do Ser.

3.5 O paradigma atual da técnica como verdade

Nesse terceiro capítulo, a proposta se desdobra no escopo de pensar a verdade em relação à arte e à técnica como formas de descobrimento e produção de mundo. Nos tópicos anteriores apresentamos algumas reflexões sobre o conceito de arte, a origem da obra de arte e o artista. Apresentamos a abertura, enquanto estrutura primordial de ser-no-mundo, as disposições afetivas como nascentes para a criação, tais como, a angústia e o tédio profundo. A produção artística move-se, desvela-se essencialmente pela *Poiesis*, ou seja, a partir do projeto poetizante, da preparação do vir a ser, do pôr-se-em-obra da verdade na obra de arte.

Poiesis é poesia no sentido fundamental de narrar, de doação livre e fundação do ser pela palavra. A poesia é a essência da linguagem. É a nomeação mais original de Ser.

Dito isto, dando sequência e direcionando o percurso no caminho da verdade em foco, o objetivo é questionar a técnica em sua relação com a *Poiesis*, como energia para produzir, como descobrimento, bem como possibilidade de questionar a essência mesma da técnica moderna. Contudo, nessa linha hermenêutica, qual seria a concepção de técnica? Qual é a essência da técnica moderna?

Levantar a pergunta sobre a técnica é trilhar em busca da sua origem. E, simultaneamente, procurar entender o que é e como é, ou seja, desvelar a sua essência. A palavra vem da raiz grega *techné* com uma tradução cultural aproximada no sentido de capacidade manual de criar, cultivar zeloso e fazer arte. Heidegger procura destacar que o conceito grego de *techné* demonstra uma amplitude para além do trabalho manual. A técnica manifesta a grandeza fecunda do conhecimento. A “*techné* não constitui apenas uma palavra do fazer na habilidade artesanal, mas também do fazer na grande arte e das belas artes. A *techné* pertence à produção, portanto, algo poético”. (HEIDEGGER, 2002, p.17). Percebe-se o alcance fascinante do termo aplicado enquanto habilidade de fazer algo útil, sobretudo, manifestar a beleza da arte presente em uma obra. E quando se fala em ação de produzir, criar algo novo, modificar o mundo e construir um saber duradouro, o poético (a *poiesis* - o pôr-se-em-obra da verdade) aparece de modo singular.

Na obra de Heidegger o conceito ganhou uma conotação de grande relevância no intuito de explicar o fundamento produtor do mundo a partir da modernidade. Entretanto, antes vale ressaltar algumas explicações convencionais:

Uma diz: a técnica é um meio para um fim. A outra diz: técnica é uma atividade do homem. Ambas as determinações da técnica pertencem reciprocamente uma à outra. Pois estabelecer fins, procurar e usar meios para alcança-los é uma atividade humana. Pertence à técnica a produção e o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas, como a ela pertencem estes produtos e utensílios em si mesmos e as necessidades a que eles servem. O conjunto de tudo isso é a técnica. Ela também é um instrumento. (HEIDEGGER, 2002, p.12).

Percebe-se que as definições abordadas contemplam, sobretudo, a dimensão antropológica e instrumental da técnica. É vista como uma forma de mediação em virtude de construir, fabricar algo. É uma atividade inerente ao trabalho humano. Também se mostra como um instrumento para fazer algum utensílio, seja produto, máquina, ferramenta, ou coisa para usufruto na vida cotidiana. Essa marca é muito própria dela, como uma manifesta capacidade

do homem de pensar adiante, de criar objetos, de aperfeiçoar invenções para melhorar sua condição empírica no mundo.

Dessa forma “permanece, portanto, correto: também a técnica moderna é um meio para um fim”. (HEIDEGGER, 2002, p.12). As criações sob a égide da técnica, tais como, por exemplo: a usina de energia, os geradores, as moradias, os carros, os navios, os aviões, as ferramentas de serviço, as máquinas para realizar grandes empreitadas convergem para o mesmo propósito final, a saber, realizar trabalhos, vencer limites e distâncias, lidar com a natureza e melhorar materialmente a subsistência. Todas essas invenções não existem para si mesmas, mas foram produzidas na lida, no intuito de servir como meios eficientes para melhor desenvolvimento e habitação humana no mundo.

Presume-se que a dimensão da técnica emergiu paulatinamente de acordo com a temporalidade do homem sob a manifestação de ser na história. Praticamente desde sempre, ela (a técnica) foi se fazendo presente na existência e nas relações com as coisas. É praticamente impossível pensar o ser-aí sem os elementos interligados no contexto da técnica junto à lida cotidiana como forma de modificar sua conexão com a natureza, bem como transformá-la. O progresso social foi indissociavelmente conectado causalmente com os entes denominados técnicos. Heidegger já afirmava que o homem é ser-com as coisas, com os entes. Não há separação entre o ser-aí e seu mundo no tempo vivido em cada contexto da história.

No que tange ao fenômeno da técnica moderna, Heidegger almeja pensar e ascender sua compreensão para além do sentido de mediação e instrumento no intuito de mergulhar em busca do seu fundamento essencial. Procurar a vigência do que permanece e a sustentação do que se mostra e, ora, também se esconde. Para ele, tal escopo está na possibilidade de produzir ou na produção. Mas produzir o quê? Ou por que produzir? Praticamente tudo o que venha a existir pelo trabalho, pela transcendência na *poiesis*, seja na ação direta com natureza ou nas produções humanas mais artificiais. Assim ele explica:

Mas como é que se dá e acontece a produção e o produzir, seja na natureza, seja no artesanato, seja na arte? O que é produção e o produzir em que jogam os quatro modos do deixar-viger? O deixar-viger concerne à vigência daquilo que, na produção e no produzir, chega a aparecer e apresentar-se. A produção conduz do encobrimento para o desencobrimento. (HEIDEGGER, 2002, p.16).

Dessa forma procura-se entender muito mais que o labor de produzir algo e o produto feito, mas, sobretudo, o deixar-viger da produção, como algo pode surgir da natureza e na sociedade. E no deixar-viger da produção acontece o descobrimento. Nesse jogo a teoria

clássica das quatro causas aristotélicas mostra-se bem presente, a saber: a causa material, matéria prima de que algo é feito, como por exemplo, uma cadeira feita de madeira. Depois a causa formal como forma, figura estética do objeto, no caso forma de cadeira. Em seguida a causa eficiente referindo-se àquele que realiza o trabalho, quem faz, como o carpinteiro que fez a cadeira. E por fim, a causa final entendida como a finalidade, objetivo útil do que foi produzido; no exemplo, a cadeira serve para sentar-se nela. Essas causas estão inerentes no processo, são manifestadas no resultado da produção, na obra ou no ente que aparece, embora não seja sua essência. A produção des-encobre o que antes estava encoberto. “O que a essência da técnica tem a ver com o encobrimento? Resposta: tudo. Pois é no desencobrimento que se funda toda a produção”. (HEIDEGGER, 2002, p.17). Pegando o exemplo citado da cadeira, a essência da técnica enquanto produção estaria no projeto vislumbrado, no exercício de construção, na descoberta da cadeira pelo seu artífice produtor desde a sua cobertura antes presa, inexistente na madeira bruta.

Evidentemente, é mais acessível pensar sobre as causas da obra feita, identificar o objeto pronto e suas características como ente no mundo. Essa é leitura convencional da técnica como instrumento. Algo que merece legítima consideração. Mas, ao passo que se abre o questionamento, o caminho do saber se estende pelo infinito sedento da verdade de Ser como descoberta. De fato, “a técnica não é um simples meio. Ela é uma forma de descobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do descobrimento, isto é, da verdade”. (HEIDEGGER, 2002, p.17). Dessa forma a essência da técnica diz respeito a sua verdade originária como construção ou criação. Algo que será analisado adiante.

A técnica como forma de descobrimento é reflexo da estrutura própria do homem em sua perene abertura genuína para buscar o novo, para projetar a sua existência na realidade temporal e fundar o mundo. E nessa descoberta permanente a aventura necessária do conhecimento vai acontecendo, modificando e se desenvolvendo no encaixo da verdade. A construção da obra, a criação de algum utensílio, como um vaso, ou um sapato, por exemplo, sob a luz explicativa das causas tangíveis específicas direcionando o resultado concreto, não configuram em si essência da produção. Contudo, a mesma se revela no processo descobridor operado pelo ser-aí sob a clareira de Ser na criação do ente e na construção do mundo. Assim, é nesse influxo descobridor produtivo entre o que não é e o que é, que vigora a técnica como verdade.

3.6 A técnica moderna

A reflexão sobre a técnica estabelecida por Heidegger é valiosa e muito urgente para pensar o mundo moderno e a gradativa intervenção do homem na natureza. E, assim como a humanidade em seu destino histórico, o conceito foi se modificando e se adequando a circunvisão de cada época e povo. E agora se faz necessário aprofundar o seu paradigma moderno instaurado a partir do século XVII na Europa. “O que é a técnica moderna? Também ela é um descobrimento. Somente quando se percebe este traço fundamental é que se mostra a novidade e o novo da técnica moderna”. (HEIDEGGER, 2002, p.18). Entretanto, essa acepção cardeal do descobrimento como traço da técnica moderna é uma novidade fenomenológica, ao passo que é uma guinada radical na relação com a Terra.

A técnica moderna se desenvolve embasada nas conquistas sociais advindas das ciências da natureza, da pesquisa matemática, da bagagem intelectual, do progresso material da humanidade, no desenvolvimento da economia capitalista e no aprimoramento do conhecimento em prol da criação de aparelhos e instrumentos direcionados a pesquisas, manipulação e controle das forças naturais.

O descobrimento que rege a técnica moderna é uma exploração que impõem à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada. Isto não vale relativamente ao antigo moinho de vento? Não! Suas alas giram, sem dúvida, ao vento e são diretamente confiadas a seu sopro. Mas o moinho de vento não extrai energia das correntes de ar para armazená-la. (HEIDEGGER, 2002, p.18 e 19).

Observamos que houve uma mudança profunda na compreensão da técnica moderna como descobrimento, agora percebida como exploração. A relação produtiva mantendo certo zelo e cuidado com natureza na manifestação dos entes dá lugar ao controle e expropriação dos recursos para beneficiamento e usufruto social. No exemplo dado por Heidegger, o moinho de vento usado outrora, girava suas alas pela força do vento no instante sem armazenar sua energia. Preservava um determinado equilíbrio com os fenômenos da Terra e do céu. Mas com a criação de novos aparelhos e máquinas, procura-se agora conter a energia do vento, ou de outras fontes em reservatórios, em baterias ou geradores para modificar e ter mais beneficiamento no seu uso.

Em outro exemplo, Heidegger também destaca o uso do solo. Em certas regiões o chão com seu subsolo, passaram a ser vistos como reserva de minérios, madeiras e carvão no intuito de explorar e usar suas matérias primas. “Era diferente o campo que o camponês outrora lavrava, quando lavrar significava cuidar e tratar”. (HEIDEGGER, 2002, p.18). A

relação com a terra outrora numa agricultura sustentável e zelosa para subsistência diária deu lugar a uma visão extrativista, destruidora e acumuladora no contexto do sistema dominante.

Outra passagem pertinente refere-se ao rio Reno, um dos principais canais fluviais e fonte de abastecimento da Europa. Sua nascente está na Suíça e passa pela Alemanha. Heidegger analisa a relação do Reno com a usina hidrelétrica que foi instalada nele para aproveitar seu poder hidráulico e gerar energia. O rio perante a concepção da técnica moderna tem a serventia de recurso a ser explorado, ou seja, local para navegação, turismo, e, sobretudo, meio de produção para o fim da eletricidade. De repente, até o usariam como canal de resíduos. Como, lamentavelmente, acontece em diversos lugares. Não existe mais o zelo e o resguardo com a fonte natural de água, tão necessária e sagrada para a vida em geral. Qual guinada acontece no imaginário social? “A usina hidrelétrica não está instalada no Reno, como a velha ponte de madeira que, durante séculos, ligava uma margem a outra. A situação se inverteu. Agora é o rio que está instalado na usina”. (HEIDEGGER, 2002, p.20). De fato, instaura-se uma inversão de valores. Nota-se a total desconsideração com a ecologia do rio e a proteção da sua biodiversidade. O que importa agora é a sua serventia, sua utilidade para gerar a energia. A estrutura industrial da usina se tornou prioridade, como algo mais importante em face da natureza afável do rio.

A técnica moderna enquanto paradigma da verdade opera como desencobrimento dentro dessa perspectiva de extração e abuso desordenado dos recursos naturais disponíveis. “O desencobrimento que domina a técnica moderna, possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar”. (HEIDEGGER, 2002, p.20). O progresso científico, econômico e social do sistema dominante propôs ou impôs o projeto moderno de controle e segurança. Para além da subsistência, o propósito acabou por colocar a natureza sob o bel prazer déspota da humanidade, explorando-a de tudo em quanto é jeito. O problema é que esse modelo de exploração, produção e consumismo desenfreados está desequilibrando o ecossistema e destruindo o planeta rapidamente. De forma insana, estamos acabando com a casa maior de todos os viventes.

Portanto, a exploração representa a principal característica da técnica moderna como desencobrimento. Ela põe a Terra e o conjunto de seus elementos, como recursos disponíveis para o uso da sociedade. Para Heidegger a compreensão desse fenômeno sustenta-se a partir da essência da técnica moderna, denominada como maquinação incondicional da natureza. Ou, usando outros termos aproximados da nomenclatura alemã “*Ge-stell*”, pode-se interpretar como armação, manipulação, com-posição. Vamos priorizar esse último termo, seguindo a

tradução da conferência utilizada aqui. Entretanto, o que significa o termo com-posição para o nosso filósofo?

Com-posição, “*Gestell*”, significa a força de reunião daquele porque põe, ou seja, que desafia o homem a des-encobrir o real no modo da disposição, como disponibilidade. Com-posição (*Gestell*) denomina, portanto, o tipo de desencobrimento que rege a técnica moderna, mas que, em si mesmo, não é nada técnico. Pertence ao técnico tudo o que conhecemos do conjunto de placas, hastes, armações e que são partes integrantes de uma montagem. Ora, montagem integra, com todas as suas partes, o âmbito do trabalho técnico. Este sempre responde à exploração da com-posição, embora jamais constitua ou produza a composição. (HEIDEGGER, 2002, p.24).

A com-posição (*Gestell*) alimenta o projeto de controle e domínio da realidade pelo homem como ser-no-mundo junto aos outros, submisso ao modelo de realidade arquitetado pelo sistema amparado na técnica moderna. A com-posição não é a exploração concreta da natureza utilizando a mediação de utensílios e máquinas para extrair seus recursos disponíveis. Ela é a força de reunião que move a des-encobrir os entes a disposição. A com-posição é a própria manifestação de Ser presente no contexto histórico da era do cálculo, da planificação e da produção e consumo dos recursos naturais para tentar saciar os desejos incondicionais e incompreensíveis de poder e de ter.

Portanto, a com-posição põe o ser-aí na vereda aberta do descobrimento e, simultaneamente, do encobrimento dos entes, sobretudo naturais, que julga como disponíveis colocados à sua disposição, para um saber do controle, da gestão econômica e da exploração. Nesse contexto acentua-se ainda mais o que Heidegger denomina “esquecimento do Ser” e “fim da metafísica”. Haja vista que a essência da técnica promove uma descoberta específica do pensamento calculador, amiúde alienante, afastando o ser-aí da sua essência, qual seja de projeto livre e aberto na possibilidade de ser. O que mais assusta é a voracidade e a malícia desse jogo. Pois consegue manipular e dominar de forma sutil e persuasiva. Como cita Irene Borges-Duarte, “há um poder que se manifesta na técnica, poder que é tanto mais poderoso quanto mais desaperecebido passa. Essa força imanente atua, segundo Heidegger, de maneira determinada: solicita ao homem que se comporte tecnicamente”. (BORGES-DUARTE, 2019, p.18). Assim, o ser-aí pensa e age segundo a *Gestell*, de acordo com a composição ou de acordo com a armação imposta pela essência da técnica. Tanto desencobre um modelo de mundo, quanto oculta a verdade da existência.

3.7 A essência da técnica moderna e o porvir

Vimos no tópico anterior uma referência introdutória sobre a essência da técnica moderna entendida como maquinação, armação, com-posição (*Gestell*). Sobre a mesma, Heidegger explana sobre o caminho do descobrimento que ela provoca e direciona na construção do real. Para ele, “pôr a caminho significa: destinar. Por isso, denominamos de destino à força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um desencobrimento. É pelo destino que se determina a essência de toda história”. (HEIDEGGER, 2002, p.27). Nota-se que a leitura do filósofo coloca o legado advindo da técnica moderna como um destino. Um percurso histórico conquistado a partir da “força de reunião encaminhadora”, ou seja, pela manifestação de Ser no tempo e no lugar que se abriu ao destino de construir a realidade a partir do cálculo científico e da planificação do homem como mestre e dominador da natureza.

Com efeito, ficou esclarecido que:

A essência da técnica repousa na com-posição. Sua regência é parte de um destino. Posto pelo destino num caminho de desencobrimento, o homem, sempre a caminho, caminha continuamente à beira de uma possibilidade: a possibilidade de seguir e favorecer apenas o que se des-encobre na dis-posição e de tirar daí todos os seus parâmetros e todas as suas medidas. Assim, tranca-se outra possibilidade: a possibilidade de o homem empenhar-se, antes de tudo e sempre mais e num modo cada vez mais originário, pela essência do que se des-encobre e seu desencobrimento, com a finalidade de assumir, como sua própria essência, a pertença encarecida ao desencobrimento. (HEIDEGGER, 2002, p.28, 29).

O homem caminha à luz do destino que o guia na jornada, qual seja, a revelação do projeto existencial global moderno armado pela com-posição. Contudo, ao seguir e se limitar nessa possibilidade de ver o mundo, de colocá-la como medida absoluta para viver e habitar fecha-se a outra possibilidade ou outro mundo de sentido. Esse modelo político, econômico e científico em que a sociedade se conforma, está destinando o ser-aí e, também a natureza, para a perdição, alienação e destruição. Nesse cenário cresce o encobrimento da sua própria essência e o abandono da verdade originária de descobrir ao se descobrir enquanto liberdade poética.

Vale frisar que Heidegger não demoniza a técnica moderna e nem menospreza as conquistas científicas, materiais e culturais alcançadas. Sua preocupação hermenêutica procura questionar o perigo da planificação maquinal, da globalização tecnológica e midiática cada vez mais alienante e controladora, assim como critica o desequilíbrio ambiental, o caos gerado pela exploração desenfreada da natureza. Nesse embate a vista também questiona o

esquecimento das raízes fundamentais do homem e a desconsideração da clareira de Ser projetando a realidade.

Entretanto, hoje em dia, na verdade, o homem já não se encontra em parte alguma, consigo mesmo, isto é, com a sua essência. O homem está tão decididamente empenhado na busca do que a com-posição pro-voca e ex-plora, que já não a toma, como um apelo, e nem se sente atingido pela ex-ploração. Com isto não escuta nada que faça sua essência *ex-sistir* no espaço de um apelo e por isso nunca pode encontra-se, apenas, consigo mesmo. (HEIDEGGER, 2002, p.30).

O homem mostra-se mergulhado no processo social econômico da técnica moderna sob a força da composição na construção da realidade. Está tão inserido na engrenagem e tão preso na planificação do sistema capitalista que não analisa as consequências da exploração desenfreada. Vive tão ocupado que não consegue ou não tem tempo para refletir a própria existência. Nessa política econômica o chamado neoliberalismo utiliza de todos os recursos e meios possíveis, tais como: as mídias, a gestão política, as instituições sociais, a educação etc. para ampliar seu poder hegemônico e manipular totalmente a sociedade.

O filósofo Byung-Chul Han, nessa esteira, analisa a vigência atual da nossa conjuntura neoliberal em que os sujeitos são voltados para o “desempenho e produção, são empresários de si mesmos” (HAN, 2017, p.23). As pessoas internalizam de tal maneira as ideias, valores e hábitos sociais impostos nesse cenário que não conseguem olhar para outra direção, pensar fora dos estímulos bombardeados. O ente ficou subjugado ao capital. O aprimoramento da composição e a organização calculista do real aprofundam as conexões sutis da exploração da vida e da exploração de si mesmo.

O sujeito do desempenho acaba entregando-se à coação livre a fim de maximizar seu desempenho. Assim ele explora a si mesmo. Ele é o explorador e ao mesmo tempo o explorado, o algoz e a vítima, o senhor e o escravo. O sistema capitalista mudou o registro da exploração estranha para a exploração própria, a fim de acelerar o processo. (HAN, 2017, p.105).

Além da exploração estranha da natureza priorizada outrora, o propósito malicioso agora é ampliar a auto exploração da pessoa. E, evidente, não deixar que pense que está se sugando, se explorando num insano cansaço para produzir, consumir, aparecer e ter sempre mais a todo custo. Nessa jornada de explorador e explorado, senhor e escravo vai se desencontrando consigo mesmo. Perde a capacidade de discernimento. Deixa de pensar no sentido da existência. Enfraquece o senso de grupo e a necessidade da partilha coletiva. Vai esquecendo

sua essência primordial de deixar ser o ente no que ele é. E desdenha em cultivar sua genuína liberdade de ser.

Em suma, a essência da técnica moderna apresentada por Heidegger como composição (*Gestell*) é o poder de reunião que move o descobrimento. É a revelação de Ser no acontecimento do destino histórico de um povo. A força da composição impulsionou o homem a compreender e controlar a natureza no viés da exploração dos seus recursos. A era do cálculo, da cibernética e da planificação econômica foram destinadas a chegar nesse estágio pelo projeto lançado na modernidade e consolidado na vida cotidiana. A maquinação como verdade da técnica proporcionou a edificação desse modelo de mundo ao passo que afastou o ser-aí da experiência profunda de ser, o distanciou mais ainda no encobrimento da *Physis*, do ente velado em sua natureza.

O esquecimento do ser cumpre-se, assim, na mais extrema composição ideológica. A verdade da essência cobre-se sob o véu metafísico, cuja imagem final é a que leva o nome excêntrico de *Ges-tell*, última alienação. A verdade originária dissimula-se no seu desterro *gestéllico*, guardando, porém, implícito o desenho de uma verdade primordial: o oculto abismo, farejado no traço-fenda configurador do informe. (BORGES-DUARTE, 2019, p.181).

O esquecimento do ser atinge e a negação da metafísica atinge o ápice do processo na concretização da essência da técnica enquanto *Ges-tell* que praticamente propiciou o domínio e controle na maquinação do mundo. Para Heidegger esse panorama é um destino instaurado. É uma realidade vigente no mundo, sobretudo, sob a égide do sistema tecnocientífico e econômico.

Todavia, apesar do poder da composição essencial da técnica ganhar mais prospecção fenomênica e vigor de uso na configuração do mundo, a verdade originária continua presente, guardando e revelando o traço-fenda configurador do informe. O Ser como princípio e condição de possibilidade de tudo vir a ser ou aparecer, permanece em seu estado de potência, energia e movimento no interior da abertura própria do ser-aí lançado na existência em perene busca de sentido e construção do que pode ser. Como já foi citado acima, para Heidegger os pensadores, os artistas e os poetas têm um papel de serem mediadores e guardiões dos acenos divinos, das mensagens sagradas e da revelação criadora de Ser. Em suma, enquanto o ser-aí habitar o mundo entre a Terra e o céu, entre os deuses e os mortais, a clareira da verdade vai brilhar e guiar o deixar-ser dos entes na produção do mundo com arte e poesia.

3.8 Meditação sobre a obra poética da verdade

Foi percorrido um longo caminho em busca de contemplar e compreender o fenômeno da verdade. A mesma foi refletida a partir da raiz grega como *Alétheia*, traduzida aproximadamente como descobrimento, desvelamento ou ilatência. Todo um percurso filosófico foi desenvolvido no desafiante propósito de mergulhar no fundamento da verdade como morada poética do homem. Este é o ser-aí lançado no horizonte de transcendência como sua estrutura peculiar no mundo em contínua construção. Percebemos que o homem não tem uma *quididade* definida e acabada. Todavia, sua marca essencial está na liberdade, na projeção possível do seu modo de ser. “A essência da verdade é a liberdade”.

Apresentar e perguntar sobre a questão da verdade é se colocar em busca do sentido de ser-no-mundo e habitar na quadratura, entre a terra e o céu, e entre os deuses e o povo. Nesse entrelace a existência vai sendo construída no contexto temporal de cada época e no destino histórico da humanidade sob os acenos celestes, bem como da revelação poética efetivada na lida cotidiana. As coisas acontecem dentro de um destino carregado de ritos, experiências, memórias, previsões e mistérios. Em cada momento da história os apelos e descobertas sob a clareira da verdade vão se manifestando de forma significativa na realidade. A vida vai acontecendo na temporalidade voraz do tempo que nos engole no porvir carregado de angústia, vazio, desejo, sonho e vontade de potência.

Heidegger reitera o papel metodológico da filosofia que é questionar, perscrutar o *Logos*, pensar e compreender os fundamentos do mundo, ou seja, o ser do ente. “A filosofia procura o que é o ente enquanto é. A filosofia está a caminho do ser do ente, quer dizer, a caminho do ente sob o ponto de vista do ser”. (HEIDEGGER, 2018, p.24). A filosofia é o caminho para pensar o que é o ser do ente, como é possível o desvelamento do ente, como se torna o que ele é. A filosofia é o estudo de Ser. Filosofar é o questionamento necessário para compreender o fundamento originário da verdade.

Entretanto, no bojo do paradigma dominante da técnica moderna, da planificação cibernética e do sistema capitalista, a filosofia está em crise. A metafísica foi colocada como superada, obsoleta, inútil para os padrões instaurados. A filosofia é recusada pelo seu viés subversivo e questionador. Pois, as pessoas não precisam mais pensar de modo profundo no sentido da vida e nos outros mundos possíveis. Maquinam um projeto cultural para elas. O que é imposto pelos mecanismos de controle e massificação converge para a obediência aos donos do poder, gestores da ideologia e dos detentores majoritários do capital. Os indivíduos depositados na massa devem trabalhar, produzir, explorar a natureza, se auto explorar,

consumir, entreter etc. Na loucura frenética e exaustiva da realidade social em que vivemos, os indivíduos, de um modo geral, não têm tempo e predisposição para pensar, para sonhar algo novo, criar obras originais e vislumbrar outras veredas. A caverna de Platão se multiplicou na atualização de muitas cavernas que cerceiam a liberdade, criam sombras e ofuscam as luzes da verdade.

Heidegger faz uma constatação pertinente em seu texto *Serenidade*, (aproximadamente de 1945) questionando a conjuntura da técnica moderna, das mídias e da ordem social com seus desdobramentos. Sua crítica enfatiza, sobremaneira, a ausência do pensamento genuíno e a quase exclusividade das operações mentais do cálculo. “O homem atual está em fuga do pensamento. Esta fuga-aos-pensamentos é a razão da ausência-de-pensamentos. Contudo, tal fuga deriva do fato de o homem não querer ver nem reconhecer essa mesma fuga”. (HEIDEGGER, 1959, p.7). Para ele, o homem atual não pensa, foge da reflexão existencial, tem medo da verdade. Detém-se a calcular por ser mais imediato, cômodo, por achar que está evoluindo nas pesquisas científicas. Então, calcular não seria uma forma avançada de pensar? Nota-se uma ambiguidade iminente. O pensamento calculador é um pensar planificado somente na concretude externa do mundo. Guia-se pelas conquistas materiais e econômicas. Debruça-se no controle e submissão da natureza para explorar seus recursos disponíveis. O foco é preocupar-se e se ocupar na produção e no consumismo das coisas numa economia do desejo sem limites.

Nosso filósofo exorta para repensar a realidade, mudar a relação com a natureza, superar os valores desse plano calculista, procurar mudanças, reencontra-se com a nossa essência e meditar sobre a existência no mundo. “O pensamento que calcula não é um pensamento que medita, não é um pensamento que reflete sobre o sentido que reina em tudo o que existe”. (HEIDEGGER, 1959, p.8). A era do pensamento que calcula prioriza as coisas, objetos e bens na ambição de ter. Todavia, o pensamento voltado para a meditação será o caminho profícuo para pensar a clareira aberta de tudo que existe e experimentar a compreensão de Ser, que se sustenta e se abre à medida que o homem se compreende como ser-no-mundo, coexistente com os outros entes, habitando entre o céu e a terra. A meditação do pensamento propicia o retorno à essência espontânea de pensar com afeto, a consistência da serenidade e o cultivo do espírito criador das obras de arte. Ouvir a voz celestial pela nomeação original da poesia como mensagem sagrada dos deuses.

Com efeito, embora chegando ao final do itinerário, emerge a inquietude de que falta muita coisa a dizer relacionado a esse estudo, embasado em Heidegger, sobre a questão

verdade e o sentido de ser e habitar no mundo. O horizonte da transcendência sempre escapa ao limite da visão. Mas, ele vai continuar guiando a jornada da Filosofia no caminho da verdade. A compreensão da existência e do mundo é um trabalho permanente da arte de filosofar com poesia. É preciso estar aberto e sereno aos acenos sagrados. Escutar os apelos, acolher o silêncio e saber habitar no resguardo da quadratura, em especial, restabelecendo a harmonia com a natureza. Pois, “a serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério nunca nos caem do céu. Não são frutos do acaso. Ambas medram apenas de um pensamento determinado e ininterrupto”. (HEIDEGGER, 1959, p.16). A vida equilibrada, digna e autêntica exige a ascese do pensamento, a meditação em face da realidade, auscultar a linguagem nascente do silêncio. Os eventos acontecem por uma razão, mas, não são frutos do mero acaso. A vida cotidiana tem seus hábitos e rituais. Todavia, a vida sempre escapa, haja vista que é metamorfose e transformação perenes. Como dizia Heráclito no fragmento 49a: “No mesmo rio entramos e não entramos; somos e não somos”. O homem é no seu devir e se tornará o que se propôs a ser no fluxo da vida.

O homem é liberdade em sua essência mais própria enquanto abertura compreensiva e criativa em face do mistério. A verdade originária do ser-aí é o descobrimento do ente no que ele é pela iluminação de Ser. Seu destino está no projeto pensado, escolhido e acolhido na vida cotidiana, no tempo e no ser que ele é, ou no que ele puder ser entre o nascimento e a morte. No intervalo dos êxtases temporais da existência vivenciados com meditação, o homem vai produzir e habitar poeticamente no mundo entre o céu e a terra, entre os deuses e os mortais.

CONCLUSÃO

Foi percorrido um caminho em busca de contemplar o horizonte da verdade e, sobretudo, a essência da verdade. A mesma foi apresentada como *Alétheia*, traduzida como descobrimento, desvelamento ou ilatência. Mas de quê? Do ente, ou seja, de tudo que tem uma configuração, o que existe enquanto mundo de sentido sob o apelo iluminador de Ser e da potência do *Logos*. Vimos que ao filosofar sobre a questão da verdade e sobre o fundamento originário da existência torna-se necessário estudar aquele que coloca as questões e compreende o Ser à medida que se compreende nele, lançado como ser-no-mundo. De fato, foi e é preciso questionar quem e como é o homem, conhecer dentro das possibilidades a estrutura fundamental do ser-aí.

Observamos que a verdade sempre traz consigo a não-verdade. O descobrimento existe a partir do que está coberto, ou seja, o que está fora do pensamento na condição de nada de significação. A não-verdade repousa no desconhecido e no mistério do que não se faz esclarecido, mas interpela, impulsiona e inquieta. Só há verdade a partir da essência da não-verdade. Assim como só há o Ser interligado com o não-ser. Também o ser-aí só consegue existir lançado no mundo. Bem como mundo é possível sob a clareira produtora do ser-aí. E só há presente levando em conta o que passou e o que virá no futuro adiante na caminhada. A vida é um-colocar-se-em-obra permanente.

Foi explicitado sobre a verdade como ser-descobridor fundado na abertura da predisposição do homem na sua morada fática e errante entre o céu e a terra. Ele não tem uma *quididade* pronta e definida. Todavia, sua essência está na liberdade do seu poder-ser enquanto projeto lançado no mundo em construção contínua até a realização final da morte. A essência da verdade é a liberdade do ser-aí no deixar-ser do ente. Deixar-ser é descobrir aquilo que o ente é na configuração de experiência na lida cotidiana como ser-no-mundo. No contexto também abordamos acerca da dimensão tradicional da verdade numa linha factual e lógica como correspondência ou adequação entre o enunciado, o pensamento e a coisa. Evidente, que esta é importante e também procede da nascente fundamental.

Na parte final, analisamos sobre a manifestação da verdade de modo mais originário a partir da obra de arte. “A arte é o pôr-se-em-obra da verdade”. (HEIDEGGER, 1998, p.36). É na produção artística que o homem revela a potencialidade de desvelar o ente, de criar algo original com habilidade ou técnica (*Techné*). Mas como isso é possível? Como consegue criar? É um dom extraordinário? Todo trabalho artístico fundamenta-se na *poiesis*, ou seja, na potência do pensamento criativo, na preparação da obra, no projeto poetizante, na doação livre de Ser. Ela é essencialmente poesia, a fundação do ser pela palavra. “O narrar inaugural do que se projeta é *poiesis*”. (HEIDEGGER, 1990, p.188). *Poiesis* é a poesia como essência da arte presente nas diversas obras de arte. A poesia é a voz que anuncia os acenos dos deuses na nomeação dos entes. O poeta se encontra entre os deuses e o povo. A origem da obra de arte tem por sua fonte primordial a transcendência própria do ser-aí desdobrada nas disposições afetivas da angústia e do tédio profundo. A produção da arte, efetivada nas belas expressões artísticas, é a manifestação mais sublime e original de Ser.

Os tópicos finais abordaram a manifestação da técnica moderna como paradigma vigente na conjuntura atual. O homem ou a humanidade constrói a existência junto aos entes intramundanos e junto aos coexistentes. Essas relações são mediadas por instrumentos e

utensílios na ocupação da vida cotidiana. Nesse jogo a aplicação da técnica é parte necessária e trivial na manipulação e manutenção da subsistência. Entretanto, com o advento da chamada técnica moderna, na concepção de Heidegger apresentada, o desvelamento do ente, nesse contexto, deu uma guinada substancial para o controle, posse e exploração da natureza. Os entes, na ótica de recursos disponíveis e a produção da vida ficaram subjugados a planificação do saber, ao domínio das ciências e ao controle do capital, sob a égide da economia capitalista e dos donos do poder. A técnica moderna transformou radicalmente o jeito de habitar a terra e abandonou o resguardo da natureza.

Esse movimento produtivo descobridor só foi possível a partir da essência da técnica moderna explicada como com-posição, armação, maquinação (*Gestell*). Ela “significa a força de reunião daquele porque põe, ou seja, que desafia o homem a des-encobrir o real no modo da disposição, como disponibilidade”. (HEIDEGGER, 2002, p.24). A com-posição alimenta, impulsiona o projeto de controle e domínio da realidade, bem como da exploração da natureza com seus entes disponíveis. A com-posição é o reflexo iluminador e encobridor da verdade em sua revelação concretizada no mundo.

A essência da técnica moderna como verdade no modo de ser da com-posição consolida o destino histórico da humanidade como o padrão dominante no mundo. A armação estrutural do poder científico, político e capitalista determina, numa planificação geral, a organização da sociedade, o estilo de vida, a cultura, as relações etc. De fato, o controle exercido pelo sistema capitalista está gerando gradativamente crise e caos no planeta e na sociedade. Como alerta o filósofo Byung-Chul Han, “o que hoje chamamos de crescimento é, na realidade, uma proliferação cancerígena e sem rumo. Vivemos um delírio da produção e de crescimento que se parece com um delírio de morte”. (HAN, 2021, p.7). Esse tal crescimento econômico, bem como o capitalismo, tornaram-se um câncer acelerando o impulso de morte. Vale destacar, que embora não seja o foco central do trabalho (de repente, pareça um desvio), a composição ou armação (*Gestell*) foi direcionada ou direcionou a situação de ciência, de subsistência e de ordem socioeconômica em que o mundo se encontra. Faz-se urgente avaliar os desdobramentos reais do modo de ser, produzir e habitar em que vivemos.

Como ensinou Heidegger em sua filosofia, não devemos meramente refutar e combater os avanços, progressos e criações da humanidade. Todavia, precisamos aprender utilizar tudo isso a favor da nossa preocupação e organização possíveis. Pensar com meditação nos fundamentos e dimensões primordiais que possibilitam o significado da vida. Problematicar, repensar nossa situação, nosso jeito de morar nesse mundo, de estabelecer as

diversas relações com os outros, de cuidar e resguardar a natureza. Filosofar sobre o fenômeno originário da verdade é buscar o sentido de Ser e desvelar o horizonte da liberdade de poder-ser o que se é na abertura da existência e na morada entre o céu e a terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEM, Giorgio. **A potência do pensamento**. Ensaios e conferências. Tradução de Antônio Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.

_____. **O aberto. O homem e o animal**. Tradução de Pedro Mendes. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 2013.

ANAXIMANDRO, PARMÊNIDESM HERÁCLITO. **Os pensadores originários**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão e Sergio wrublewski. Petrópolis: Vozes, 2017.

BARROS, Chimena M. S. de. **A poesia na filosofia heideggeriana: uma breve investigação rumo à crítica**. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol5/v5_1.pdf. Acessado em: 23 nov. 2020.

BORGES-DUARTE, Irene. **Arte e Técnica em Heidegger**. 1º ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

BORGES, Donaldo de Assis. SOUZA, Marco Antônio de. **A Poética em Heidegger**. Análise do texto "O que é metafísica" a partir da relação da arte com a verdade. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-poetica-heidegger>. Acessado em: 03 dez. 2020.

CASANOVA, Marco Antônio. **Compreender Heidegger**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Heidegger (1889 - 1976): Vida e Obra**. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HAAR, Michel. **A Obra de Arte**. Ensaio sobre a ontologia das obras. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed.Difel, 2007.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte**. Trad. Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

_____. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. **A Origem da Obra de Arte**. Tradução sob a coordenação de Irene Borges-Duarte. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1998. (P.1 – 94).

- ____. **A caminho da linguagem.** Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- ____. **As Questões Fundamentais da Filosofia.** Tradução de Marco Antônio Casanova. Martins Fontes: São Paulo, 2017.
- ____. **Caminhos de Floresta.** Tradução sob a coordenação de Irene Borges-Duarte. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1998.
- ____. **Ensaio e conferências.** Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Márcia Sá Cavalcante e Gilvan Fogel. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- ____. **Explicações da Poesia de Hölderlin.** Tradução de Claudia Pellegrini Drucker. Brasília: Editora UnB, 2013.
- ____. **Introdução à Metafísica.** Apresentação e Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Tempo brasileiro: Rio de Janeiro, 1999.
- ____. **Marcas do caminho.** Tradução de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- ____. **Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia.** Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- ____. **Que é Isto - a Filosofia?** Tradução de Ernildo Stein. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- ____. **Que é Metafísica?** Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ____. **Serenidade.** Tradução: Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 1959.
- ____. **Ser e Tempo.** Tradução de Márcia Sá Cavalcante. São Paulo: Editora Vozes, 2015.
- ____. **Ser e Verdade.** Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- ____. **Sobre a Essência da Verdade. Conferências e escritos filosóficos.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- ____. **Sobre o humanismo.** Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1995.
- NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e Tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- ____. **Passagem para o Poético.** Filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Loyola, 2012.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia.** 4. edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- STEIN, Ernildo. **Seminário sobre a Verdade.** Lições preliminares sobre o parágrafo 44 de Ser e Tempo. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.